



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

WELINAIDIA DE SOUSA GENEROSO

TRAMAS DA MORTE, CAMINHOS DA SALVAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE DE FILOMENA LACERDA

FORTALEZA - CEARÁ

2023

WELINAIDIA DE SOUSA GENEROSO

TRAMAS DA MORTE, CAMINHOS DA SALVAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE DE FILOMENA LACERDA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof(a). Dr. Gisafran Nazareno Mota Juca

FORTALEZA - CEARÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Generoso, Welinaidia de Sousa.

Tramas da Morte, Caminhos da Salvação: A
Construção da Santidade de Filomena Lacerda
[recurso eletrônico] / Welinaidia de Sousa
Generoso. - 2023.

126 f. : il.

Dissertação (MESTRADO ACADÊMICO) -
Universidade Estadual do Ceará, Centro de
Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico Em
História, Culturas E Espacialidades, Fortaleza,
2023.

Orientação: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota
Juca.

1. Santidade. 2. Devoção. 3. Morte. 4.
Violência. I. Título.

WELINAIDIA DE SOUSA GENEROSO

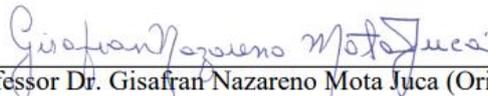
TRAMAS DA MORTE, CAMINHOS DA SALVAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE DE FILOMENA LACERDA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof(a). Dr. Gisafran Nazareno Mota Juca.

Aprovado em: 30 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Juca (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará –UECE

Documento assinado digitalmente



EDIANNE DOS SANTOS NOBRE

Data: 03/05/2023 11:15:39-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Edianne dos Santos Nobre

Universidade de Pernambuco-UPE

Documento assinado digitalmente



CICERO JOAQUIM DOS SANTOS

Data: 03/05/2023 16:27:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Cícero Joaquim dos Santos

Universidade Regional do Cariri-URCA

FORTALEZA-CEARÁ

2023

Dedico a Deus por me permitir chegar até aqui, a Maria Filomena de Lacerda por me permite contar um pouco da sua trajetória.

Aos meus pais Lusinete e Elias por toda dedicação e esforço para que eu pudesse traçar este caminho, aos meus irmãos Wellington e Wegila por serem uma parte de mim e também contribuírem para a realização desse sonho.

Ao meu sobrinho José Nicolas que é luz e alegria em minha vida.

A minha companheira de todas as horas Sandrinha com que divido a vida e os sonhos

AGRADECIMENTOS

Confesso que durante muito tempo duvidei na minha capacidade de cursar o mestrado e concluir esse trabalho, o caminho percorrido até aqui não foi fácil, enfrentei muitas questões que poderiam ter me feito desistir, mas “Quem como Deus? Ninguém como Deus! ”. Este trabalho é fruto do esforço de uma professora da rede básica de ensino que cursou o mestrado e trabalhou ao mesmo tempo. Talvez, esta não seja a pesquisa objetivada para uma dissertação, mas com certeza posso dizer que fiz o melhor que pude e tudo que estava ao meu alcance.

Agradeço, primeiramente a Deus e a Maria Filomena de Lacerda por me permitiu contar um pouco de sua trajetória. A minha família por estar ao meu lado me apoiando e acreditando sempre no meu potencial, sem eles nada disso seria possível. Agradeço por todo o esforço dos meus pais Elias e Lusinete para que eu pudesse trilhar meu caminho nos estudos e chegar até aqui. Juntos enfrentamos diversas dificuldades mas vencemos todas. Faltam-me palavras para descrever toda a gratidão que sinto. Agradeço também, a meus irmãos Wellington e Wegila, por me ajudarem a realizar este sonho, muitas vezes me acompanhando em entrevistas, minha vó Maria e minha tia Lusineide por me acolherem em seus lares sempre que precisei. A minha prima Giovanna (Mana) que me levou pela primeira vez na caminhada a Filomena, ajudando a dar o ponta pé inicial nesta pesquisa. A minha companheira de todas as horas Sandrinha com que divido a vida e os sonhos, por toda paciência, companheirismo, amor, conselhos e vivências diárias ao meu lado.

Agradeço, a todos os meus professores do Ensino Básico que desde o primeiro dia de aula, até hoje, foram indispensáveis para a minha formação. Em especial para aqueles que me alfabetizaram e aos que foram meus professores de História, pois com eles aprendi a ver o mundo com um novo olhar e perceber meu gosto pela História.

Agradeço, a todas as minhas amigas de escola pelas vivências e sonhos compartilhados, foram muitos anos de amizade e muitos trabalhos apresentados. Sempre lembro de vocês, em especial aquelas que mesmo com a distância a amizade permanece.

Aos meus professores do curso de História da Universidade Regional do Cariri, onde cursei minha graduação, em especial aos meus ex-professores que se tornaram amigos. Como Ana Cristina Sales e Roberto Viana que sempre me incentivaram e acreditaram nesta pesquisa. Durante muitos momentos de desmotivação eles sempre estiveram presentes para dar bons conselhos. Agradeço a minha turma do Curso de História da URCA, 2014.2 por toda união, risadas, brincadeiras e conhecimentos compartilhados. Em especial aos que permanecem próximos a mim, como Tatiana, Giovanni, Carlos, Noélio. Agradeço aos meus amigos de

apartamento que me acolheram com muito carinho e se tornaram parte da minha família na época em que residi na cidade do Crato/CE.

Agradeço, aos meus professores do curso de Mestrado da Universidade Estadual do Ceará-UECE, pela acolhida e por todos os ensinamentos. Em especial ao meu orientador Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá. A minha turma do mestrado que apesar da distância sempre estiveram presentes de forma virtual, aconselhando, apoiando e fortalecendo este trabalho.

Agradeço, aos meus amigos da cidade de Campos Sales que me acolheram e sempre estão ao meu lado quando preciso. A todos os narradores das entrevistas que se propuseram a me ajudar na construção desta pesquisa, em especial a Dona Socorro Lacerda (*In Memoriam*) que sempre me recebeu em sua residência, e a pouco tempo se juntou ao pai.

Sem todos aqui citados eu não poderia alcançar o tão almejado diploma de mestra, acredito que essa conquista não é somente minha, mas de todos vocês, tenho um imenso carinho por cada um.

RESUMO

O presente trabalho analisa a construção da santidade de feminina a partir do caso Filomena de Lacerda. Filomena, que foi brutalmente assassinada em 21 de julho de 1975, enquanto dormia em sua casa no sítio Pereiros, localizado na cidade de Mauriti/CE. Após sua morte várias pessoas passaram a lhe atribuir milagres, iniciando assim devoção. No local de sua morte foi construída uma capela em sua homenagem. Desde 2011, aniversário de morte de Filomena, é realizada uma missa com caminhada saindo da cidade de Mauriti ao sítio Pereiros, os devotos de Filomena rezam terço, e escrevem cartas em agradecimento aos milagres alcançados. Buscando entender como se estabelece a santidade de Filomena de Lacerda. Nos três capítulos que compõem este estudo, discutiu-se elementos que vão construindo Filomena enquanto uma mulher santa, entre eles sua trajetória de vida, sua morte trágica e as narrativas pós morte. Para a realização do estudo foi utilizado a metodologia da História Oral, fotografias e fontes documentais.

Palavras-chaves: Santidade, Devoção, Morte, Violência.

ABSTRACT

The present work analyzes the construction of the sanctity of female from the case Filomena de Lacerda. Filomena who was brutally murdered on July 21, 1975, while sleeping in her home in the Pereiros site located in the city of Mauriti/CE. After his death several people began to attribute miracles to him, thus initiating devotion. At the site of his death a chapel was built in his honor. Since 2011 on the anniversary of Filomena's death, a mass is held with a walk from the city of Mauriti to the pereiros site, the devotees of Filomena pray rosary, and write letters in gratitude for the miracles achieved. Seeking to understand how the holiness of Filomena de Lacerda is established, in the three chapters that make up this study, we discussed elements that are constructing Filomena as a holy woman, among them her life trajectory, her tragic death and the postmortem narratives. The methodology of Oral History, photographs and documentary sources was used to carry out the study.

Keywords: Holiness, Devotion, Death, Violence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	FILOMENA LACERDA NOS ENTREMEIOS DO TEMPO	15
2.1	Quem foi Filomena?.....	15
2.2	Casamento	31
2.3	Morte trágica.....	41
3	NARRATIVAS DE UM PROCESSO	46
3.1	Antônia.....	48
3.2	Manoel Nazário	52
3.3	Outras vozes	61
3.4	O confronto e a confissão.....	65
4	TRAMAS DA MORTE, CAMINHOS DA SALVAÇÃO: A INVENÇÃO DA SANTIDADE DE FILOMENA DE LACERDA	73
4.1	“Um milagre na vida de um sacerdote”	75
4.2	O caminhar da fé.....	88
4.3	Os olhos que enxergam o milagre.....	93
5	FONTES ESCRITAS.....	105
6	FONTES ORAIS.....	105
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS.....	108
	ANEXO A - CARTA ESCRITA POR FILOMENA A SUA MÃE EM MAIO DE 1975.	114
	ANEXO B - PARTES DO PROCESSO CRIME	115
	ANEXO C - PROCESSO CRIME.....	116
	ANEXO D - PROCESSO CRIME DECLARAÇÃO DE ANTÔNIA	117
	ANEXO E - PROCESSO CRIME DECLARAÇÕES DE MANOEL NAZÁRIO	118
	ANEXO F - CAPA DO LIVRETO DE CONTA A HISTÓRIA DE FILOMENA	119
	ANEXO G - PÁGINA 01 DO LIVRETO.....	120
	ANEXO H - PÁGINA 02 DO LIVRETO.....	121
	ANEXO I - PÁGINA 03 DO LIVRETO	122
	ANEXO J - TESTEMUNHO DE GRAÇA ALCANÇADA.....	123
	ANEXO K - TESTEMUNHO DE GRAÇA ALCANÇADA.....	124

ANEXO L - TESTEMUNHO DE GRAÇA ALCANÇADA	125
ANEXO M - ENTREVISTA COM A SOBRINHA DE FILOMENA: MARIA AUXILIADORA DE LACERDA.....	15
ANEXO N - ZELADORA DA CAPELA DE FILOMENA: MARIA AUXILIADORA LEITE GUIMARÃES	16
ANEXO O - CUNHADA DE FILOMENA: MARIA LACERDA GUIMARÃES (SOCORRO LACERDA)	17
ANEXO P - DEVOTA DE FILOMENA: MARIA DO CARMO	17

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “Tramas da morte, caminhos da salvação: A Construção da Santidade de Filomena de Lacerda”, possui uma história que merece ser contada. Ao observar esta pesquisa com um olhar mais aprofundado compreendo que hoje ela diz muito sobre mim, sobre a autora que está por trás da escrita, sobre as minhas inquietações e meus questionamentos enquanto mulher e historiadora.

Esta pesquisa está intimamente ligada ao ambiente em que vivi até completar a maioridade. Sou da cidade de Mauriti/CE, local em que nasceu Filomena no ano de 1925. Durante a infância e a adolescência morei na zona rural em um sítio próximo ao qual viveu Filomena. Ao entrar na Universidade, no curso de História, muitos acontecimentos que até então passavam despercebidos ao meu olhar foram tornando-se questionamentos. Entre eles, a história de Filomena, história essa que tomei conhecimento em meados de 2015, quando percebi que as questões do feminino e do sagrado me intrigavam.

Durante uma manhã na feira livre da cidade de Mauriti/CE ouvi um carro de som anunciando e convidando a comunidade para a caminhada a Filomena de Lacerda. Lembro-me que a forma como o convite se referia a Filomena me chamou atenção, pois ela era chamada de “Mártir Filomena”. Rapidamente anotei seu nome, precisava saber um pouco mais sobre aquela mulher, passei então a interrogar algumas pessoas conhecidas sobre quem era aquela figura. Logo, inúmeras narrativas foram surgindo sobre a sua santidade e a forma trágica como ela havia padecido.

A partir daquele momento, já com o olhar de historiadora, outras questões foram surgindo: Temos uma santa na cidade de Mauriti? O que ela havia feito para se tornar santa? Quem era ela? Qual sua trajetória?

Durante o período de graduação pesquisei um pouco sobre a trajetória de Filomena, e as atribuições de santidade em torno da mesma, porém percebi que ainda havia algo a ser pesquisado, muitas questões ainda não haviam sido respondidas.

A trajetória de Filomena foi pautada em uma vivência rural, vítima de um casamento conturbado, criada através preceitos baseados no catolicismo. Tais fatos, revelam muito sobre a história das mulheres que vivem na região do Cariri e que viviam naquela época. Portanto, pesquisar sobre a “Mártir Filomena” vai além de problematizações históricas, perpassando também por questões identitárias minhas. Questões essas que me possibilitaram entender melhor a trajetória das mulheres no Cariri, trajetória essa que é tão pouco evidenciada.

Parto então, levando em conta essas questões, para uma pesquisa empreendida através da análise da Micro-História como sugere o historiador Italiano Carlo Ginzburg a micro história seria:

Um contínuo vaivém entre micro e macro-história, entre close-ups e planos gerais ou grandes planos gerais (extreme long shorts), a pôr continuamente em discussão a visão conjunta do processo histórico por meio de exceções aparentes e causas de breve período. (GINZBURG,2007. p. 269).

É importante entender que a Micro-História não se trata do estudo dos objetos em tamanho reduzido ou perspectiva da história local, mas que ao reduzir o campo de análise é possível perceber a partir de uma trajetória individual as diferentes dimensões da experiência social. Toma-se como exemplo “O queijo e os vermes” (TURIM, 1976); a experiência do personagem Menocchio nos ensina sobre o mundo social onde ele viveu e torna-se um marcador das reorganizações profundas vividas pela sua sociedade (REVEL, 2010)

Posto isto, esta pesquisa objetiva compreender a construção da santidade feminina a partir do caso de Filomena de Lacerda, uma senhora de 50 anos que foi cruelmente assassinada por seu marido e a amante do mesmo, na madrugada de 21 de julho de 1975, na cidade de Mauriti/Ce. Para isso foi levado em conta também a recorrência da violência contra a mulher na região do Cariri cearense, bem como o processo de santificação que ocorre por parte população às mulheres que morreram tragicamente.

O caso de Filomena revela muitas subjetividades que estão por trás da vida feminina dentro dos lares, com seus companheiros em relações matrimoniais marcadas pela normalização da vida extraconjugal do marido. Muitas vezes as mulheres estão elas ali, caladas, resignadas e desabafando suas angústias na religião.

A trajetória de Filomena deixou marcas na história cidade de Mauriti e na memória de seu povo. Na época sua morte foi sentida por toda a comunidade e até hoje é recontada. Maria Filomena de Lacerda vinha de uma família de boas condições, muito conhecida na localidade, ela desempenhava o papel de catequisar as crianças da região. Apesar do empenho para com o povoado, Filomena era uma mulher admirada principalmente por sua fé e devoção as atividades religiosas, bem como por seu jeito resignado.

Além disso, a trajetória de vida de Filomena nos deixou muitas marcas que foram utilizadas como fontes, para que assim seja possível entender um pouco as inúmeras questões que sua trajetória enseja.

Entre as fontes que analisei está o processo criminal relativo a sua morte, neste documento é possível entender a construção dos partícipes e autores do crime. As narrativas

que ali estão transcritas revelam as relações sociais entre esposa, marido e amante, bem como o olhar da comunidade sobre o crime.

Além destes, realizei entrevistas a partir da metodologia da História Oral, com o objetivo de ouvir um pouco os familiares e amigos que conviveram com Filomena. Entender as lembranças de seus conhecidos, perceber seus olhares diante das narrativas de santidade e de seus depoimentos, revelam detalhes sobre a trajetória de Filomena, que nos ajudam a entender o desenrolar da sua história e os eventos de santidade que são atribuídos a mesma. Como considera PORTELLI (2017), muitos assuntos que tratam do cotidiano que estão ligados a história das mulheres e da vida que elas levam dentro dos lares podem ser melhor analisados através da oralidade, tendo como elemento necessário a arte de escuta, já que essa fonte não é um achado do historiador, mas construída na sua presença. A entrevista em história oral é mais que uma consulta a fonte é uma relação feita a partir da comunicação em mão dupla, uma (entre/vista), os gestos, as expressões podem nos revelar algo que não foi narrado, permitindo acessar a historicidade, redesenhando a relação entre o privado e o público.

Outras fontes foram consultadas, como a carta que Filomena escreveu a sua mãe poucos meses antes de falecer, um pequeno livro que conta sua trajetória escrito e organizado pela família, e fotografias do período. Considero que essas diversas fontes dialogam entre si, o que conduzindo a pesquisa a uma melhor verossimilhança já que

O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado (DELGADO, 2003, p.14).

No primeiro capítulo, intitulado “Filomena de Lacerda nos entremeios do tempo”, através do tópico “ Quem foi Filomena? ”, apresento a persona através da época em que ela viveu, buscando entender suas vivências familiares, amorosas e religiosas. Analisando fotografias, objetos deixados por Filomena e narrativas orais de pessoas que conviveram com a mesma. Trilhando assim o caminho de compreender quem é a santa de Mauriti/CE.

Para embasar essa discussão utilizei a análise da autora do Joan Scott (2012) buscando entender as relações de gênero que compreendem esse estudo. Sobre os comportamentos e modos impostos as mulheres utilizo os autores (HOUBRE, 2003), (LOURO, 2003), outras leituras indispensáveis para entender as relações de gênero, construções do papel de mulher e as questões do feminino no século XX foram (PINSKY, 2014), (PERROT, 2003). Nas análises das fotografias e fotopinturas utilizei as reflexões de (RIELD 2007) e (PAIVA, 2002).

No segundo capítulo, analisei as narrativas do processo criminal, ressaltando os sujeitos que entrelaçam o crime e como é feita a construção dos mesmos nessa fonte. Já que, o processo criminal é tido como uma fonte “oficial” que tem o dever de transparecer toda a verdade. Logo, o mesmo foi um elemento que possibilitou o olhar de santidade da população sobre Filomena.

Esta é, sem dúvidas, uma fonte riquíssima. Já que através da mesma é possível “ouvir” a narrativa de Antônia e Manoel Nazário. Neste capítulo procuro entender os personagens que compõem a trajetória de Filomena, analisar seus depoimentos no intuito de obter um melhor entendimento de todo o desenrolar do crime. Para analisar a relação conjugal e a violência, busquei a reflexões de Priore (2011), Chauí (2003) e Albuquerque Jr (2013). Para entender o julgamento de Manoel e Antônia

Por último, no terceiro capítulo, analiso os incentivadores da construção de santidade em torno de Filomena, entre eles o Padre Argemiro, primeiro a testemunhar uma graça alcançada pela intercessão de Filomena. Analiso também o diácono José Santana um dos atuais organizadores da caminhada em homenagem a santa. Além de ouvir devotos que revelam, através das narrativas, olhares sobre os milagres alcançados e santidade acerca de Filomena. Além disso, as discussões sobre pós morte foram fundamentadas pelo autor Reis (1991), que analisa os ritos fúnebres do Brasil colonial. Através do autor busquei entender as representações e narrativas sobre Filomena após sua morte. Para a finalidade foram utilizados os conceitos de representação segundo Chartier (2002) e imaginário segundo Le-gossf (1980), bem como as reflexões de Eliade (1992) para entender o olhar dos devotos sobre Filomena, assim como as discussões sobre memória de Bobbio (1997), Pollack (1992) e Catroga (2015). E no que compreende as discussões sobre narrativas hagiograficas e espaço fiz o uso de Certeau (1982) e (2008).

2 FILOMENA LACERDA NOS ENTREMEIOS DO TEMPO

Falar sobre Filomena é falar sobre muitas mulheres. Enquanto discorro sobre a sua trajetória percebo as vivências em comum com outras narrativas, são histórias de mulheres que ao longo da vida foram educadas sob os moldes sociais do patriarcado. Desde a infância essas mulheres eram educadas para pensar em um futuro casamento onde iriam exercer o “dom” da maternidade. Em muitos casos elas enfrentaram relações matrimoniais de abandono e violência. Quando cansadas buscavam na religião um consolo, uma resposta para tais adversidades. Em muitas situações essas mulheres recebem o adjetivo de “santas” justamente por não demonstrarem indignação diante das opressões sofridas.

Neste capítulo, irei discorrer sobre a experiência biográfica de Maria Filomena de Lacerda, a personagem principal desta narrativa. Sua trajetória pode nos revelar muitas reflexões relacionadas as relações de gênero e as vivências de mulheres do interior do Ceará no século XX. Neste contexto, os papéis atribuídos a homens e mulheres são observados como fixadores das relações sociais, estabelecendo o que se defini enquanto uma “boa mulher” pensamos gênero como: uma criação social dos papéis atribuídos a homens e mulheres, uma categoria social imposta ao corpo sexuado (SCOTT, 2012). A partir da trajetória de Filomena observarei as particularidades e questões semelhantes que revelam muito sobre educação, relação social, vivências matrimoniais entre outras questões que irão possibilitar entender como a partir dessa experiência foi instituída uma noção de santidade que marcou o espaço e o imaginário de onde viveu.

2.1 Quem foi Filomena?

Em uma terça-feira, 10 de novembro de 1925, nascia na cidade de Mauriti/CE, Maria Filomena de Lacerda, filha de João Augusto de Lacerda e Maria Augusta Lacerda. No início de sua infância Filomena residiu na cidade de Mauriti, que nesta época havia se tornando município fazia apenas um ano, antes pertencia como distrito a cidade de Milagres. Durante os anos de vida de Filomena, Mauriti regrediu a distrito novamente em 1928, se firmando definitivamente como município em 1934 (FIGUEREDO, 2000, p. 36-37).

Pensar sobre como era a comunidade de Mauriti neste período, nos faz refletir sobre o contexto em que viveu Filomena, sua trajetória é um caminho que abre reflexões sobre

inúmeros aspectos da vida das mulheres no interior do Ceará, como educação, casamento, brincadeiras e conduta social que era exigida para os moldes de uma boa mulher e de conduta exemplar.

Mauriti, nasce sob a luz da fé a partir de uma promessa feita por um morador do povoado que deseja ser curado da cólera. Tudo começa em meados do século XIX quando a população cearense foi acometida pela doença que provocava manchas pelo corpo, vômitos e evacuações chegando a levar muitos cearenses a óbito. Por volta de 1862, as primeiras vítimas foram afetadas pela terrível doença, que logo se manifestou por todo o estado. Principalmente nas cidades que mantinham relações comerciais com outras regiões. Entre as cidades acometidas pela doença estava Milagres, a qual pertencia o distrito de Buriti Grande, onde residia o capitão Miguel Dantas (ALEXANDRE, 2010).

Miguel Dantas foi acometido pela enfermidade por volta de 1870, vendo-se enfermo, o então capitão recorreu a Imaculada Conceição, rogando-lhe que o curasse, caso obtivesse a cura doaria um terreno para a construção de uma capela em homenagem a santa (FIGUEREDO, 2000).

Assim aconteceu, e em 1875 celebra-se a primeira missa na capela da Imaculada conceição, a partir desse momento o povoado de Buriti Grande cresce, passando a se chamar Mauriti com a emancipação política em 1924. A escolha da mudança de nome foi uma homenagem ao Almirante Cordovil Mauriti que também havia contribuído para autonomia da povoação (FIGUEREDO, 2000).

O crescimento de Filomena irá acompanhar as fases de estruturação da cidade, a capela de Mauriti, mais tarde igreja, viria a ser um dos lugares mais frequentados por Filomena. Após alguns anos residindo na cidade de Mauriti a família de Filomena migra para a zona rural, local conhecido na época como carretão, a família dispunha de boas posses, mantendo propriedades no sítio e na cidade.

Filomena era primogênita de uma família composta de muitos irmãos, de estatura média, cabelos castanhos escuros, viveu até os 50 anos de idade, em sua trajetória o apresso pela doutrina católica é recordado até hoje nas narrativas acerca dela.

Mesmo após 47 anos de sua morte, Filomena não foi esquecida, todos os anos em seu aniversário de morte a comunidade de Mauriti vai até o sítio Pereiros, local onde Filomena morou por muitos anos. Naquele local muitas pessoas, em sua maioria mulheres, rezam pela alma de Filomena e agradecem pelas graças alcançadas que atribuem a sua intercessão. Filomena é considerada por muitos uma mulher santa já que narrativas de santidade são atribuídas a ela.

Pesquisar sobre Filomena é debruçar-se por um limiar de fontes que se interligam. Filomena marca não só narrativas de uma época, mas também reflete costumes registrados através de fotografias, o conjunto de fontes enriquecem a pesquisa possibilitando entender mais sobre Filomena e sua trajetória.

O uso de fontes orais aprofunda a análise sobre as vivências diárias, percebendo as emoções do narrador, sua participação na história e por que a situação o afetou. A fonte através da documentação oral é resultado do relacionamento entre pesquisador e narrador, sendo contada a partir de uma multiplicidade de pontos de vista (PORTELLI, 1997).

Na varanda de casa, um pouco calada, com um semblante contemplativo esperava Dona Maria Auxiliadora de Lacerda, com 58 anos, sobrinha de Filomena. Pouco a pouco, ao iniciar nosso diálogo, ela vai abrindo um olhar de empolgação ao falar da tia com elogios e saudosismo, em alguns momentos chega a se emocionar ao lembrar da época em que passava os fins de semana com a “tia Filomena”. “Ela era uma pessoa tranquila, de casa para a Igreja, naquela época as mulheres não trabalhavam fora né!”

Maria Auxiliadora lembra que sua tia era sempre uma mulher serena, que demonstrava muita tranquilidade. Após um bom diálogo ela lembrou das fotos que guardava da família e logo se dispôs a procurar entre tantas outras fotografias uma que Filomena estivesse.

As fontes iconográficas são ricas em detalhes que podem retratar contextos, idealizações ou até mesmo intenções pela qual foram produzidas. Para tal é necessária uma crítica interna e externa das fontes, já que a imagem não é a realidade histórica em si, mas se aproxima dela através de símbolos, representações, formas, traços e aspectos (PAIVA, 2002)

A primeira imagem apresentada por Maria Auxiliadora reúne a família de Filomena no cerne de sua jovialidade (ver figura 1). Na fotografia Filomena está centralmente posicionada ao lado de seus pais e acompanhada dos seus irmãos, não se sabe o ano preciso da fotografia, mas percebemos Filomena enquanto uma jovem menina.

Figura 1 - Família Lacerda



Fonte: Acervo pessoal: Maria Auxiliadora de Lacerda

A fotografia retrata um local que possivelmente seria a casa do casal Lacerda, é possível notar que a família dispõe de bons trajes para a foto.

O registro fotográfico pode ser um grande momento para a família, no qual eles possivelmente se preparam com as melhores roupas que dispunham, nota-se que os pais estão sentados ao centro da fotografia e sua prole em volta. A esta questão tem-se o olhar sobre o que era considerado civilizado para a época, demonstrando o pensamento social que constituem a sociedade daquele período, sendo assim a forma de conduta, maneiras, costumes e formas de se vestir, formam um padrão moral tidos como comparativos para os indivíduos que viviam de forma mais simples. A forma como a família se dispôs para a foto demonstra seus costumes, fruto do processo social (ELIAS, 1994).

Não sendo a realidade histórica em si, mas porções dela, as imagens são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, essa fotografia também contribuiu para construir posteriormente a imagem de Filomena enquanto uma jovem menina que já exalava uma imagem virtuosa, protetora e obediente diante da família. Vale ressaltar também que esta é uma leitura imagética a partir de inquietações do presente que talvez não existiram no passado ou eram diferentes (PAIVA, 2002).

Notadamente a forma como Filomena e seus familiares pousaram para a foto refletem a mensagem que a família desejava passar, ao registrar uma memória da família unida.

Ao fotógrafo cabia o conhecimento técnico, a busca do melhor ângulo e enquadramento, já ao fotografado deveria concentra-se no gesto e indumentária da classe ao qual gostaria de ser identificado. Era comum o ordenamento de grupos familiares estando lado a lado marido esposa e filhos, além de outros familiares como irmãos e sobrinhos. A fotografia desempenhou um papel simbólico de legitimação da família e seus indivíduos (DE BRUM LOPES, et al, 2017).

Em meios a memórias familiares materializadas na iconografia, surge outra foto de família, desta vez Filomena é retratada somente com seus pais sem a presença dos irmãos (ver figura 2).

A imagem é uma fotopintura, uma espécie de fotografia pintada, comum nas casas do interior Nordeste neste período. As fotografias guardadas por Maria Auxiliadora são recordações materializadas de Filomena, mesmo já as tendo visto várias vezes, ela olha a fotografia como se fosse o primeiro contato.

Figura 2 - Filomena e Seus Pais



Fonte: Acervo pessoal: Maria Auxiliadora de Lacerda

Na fotopintura acima Filomena dispõe de joias ao lado de seus pais, mesmo a fotopintura possuindo o caráter de “enobrecer” a fotografia, percebe-se nas duas imagens que a família de Filomena já correspondia a uma pequena elite social da época, onde o registro fotográfico era raro, no entanto era acessível para a família.

Esses registros mostram o quanto a família Lacerda tinha apreço por guardar lembranças, bem como condições financeiras já que na época a fotografia não era algo tão comum ou barato. As fotopinturas marcam o final do século XIX e início do século XX, em contrapartida a imagem realista que a fotografia oferecia.

A fotopintura é conhecida pela técnica que se popularizou no Brasil e em especial no Nordeste, conhecida por colorir as fotografias preto e branco dando a ela cores mais vivas. Além da imagem colorida, uma das características da fotopintura é o padrão em que homens e mulheres independente do status social aparecem com roupas finas, as mulheres com vestidos e joias e os homens em terno e gravata. As formas como as pessoas estão postas na imagem seguem um padrão de enquadramento facial e expressão serena, já as mulheres normalmente são pintadas com um bom penteado (RIEDL, 2007).

É interessante perceber que pela característica criadora da fotopintura a imagem retrata Filomena acima de seus pais é como alguém que os protege, logo é possível que a imagem tenha sido encomendada pela família a partir de outras fotografias.

Segundo Riedl (2007) era comum os familiares encomendarem uma fotopintura de parentes que haviam falecido com o desejo de colorir a imagem preto e branco, havendo também a possibilidade de incluir familiares na imagem, reunindo o que já não é mais possível reunir nas convivências.

Na casa dos pais, Filomena parece ter tido uma educação sobre os moldes tradicionais, regado ao contato com o pequeno ciclo familiar, seguido do status social que a família Lacerda possuía.

Lembro demais a vocação de Filomena era pra freira (...) ela ainda foi para o convento umas vezes, Santa Tereza ali no Crato, pra ser freira ai depois desistiu, porque eles eram muito complicado assim, um pessoal que era retraído, não queria conversa com ninguém, povo assim, os pais era rico nesse tempo ai não queria contato com muita gente principalmente com gente pobre e preto (...) ai eles era criado assim quase isolado, só entre família (...) era daqui pro Crato, ela tinha uma tia que morava no Crato, Tia Pelerim, irmã do pai dela. (Maria Lacerda, 2022).

Foi na juventude que Filomena saiu da sua terra natal indo morar na cidade de Crato/CE para estudar no Colégio Interno das Filhas de Santa Teresa de Jesus:

O município do Crato, localizado na região do Cariri cearense é considerado o pioneiro na implementação de um sistema educacional sob a égide da Igreja Católica. Foi em 1923 que o Bispado do Crato fundou a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. Esta, além de formar religiosas, dedicou-se à educação da juventude feminina no Cariri cearense. (GOIANA, DE QUEIROZ, 2013. p.7).

Na época essa foi uma oportunidade em particular para Filomena, se comparada com a realidade das jovens do seu período que não desfrutavam de condições financeiras para o estudo. Através disso observamos que a posição social da família Augusto Lacerda, era de uma família abastada, isso, em consonância com apoio de familiares que residiam na cidade de Crato/Ce facilitou o aprofundamento da jovem Filomena nos estudos.

A fotografia abaixo (Ver figura 3) pode ter sido registrada pouco tempo antes de Filomena iniciar os estudos na congregação das filhas de Santa Tereza. O registro foi feito na paróquia de Mauriti/Ce. Neste momento, Filomena participa do ritual católico, seria este, a primeira eucaristia ou crisma.

Figura 3 - Filomena Vestida de Branco em Ritual Católico



Fonte: Arquivo Padre Ismael Pároco da cidade

Na fotografia Filomena veste branco e usa um véu, roupa típica desse momento no ritual católico da época.

Ao trilhar os caminhos da pesquisa vou ao encontro daqueles que conviveram com Filomena, para que a partir da metodologia da história oral possamos conhecer um pouco da sua trajetória em vida. No limiar da pesquisa início algumas redes de contatos com familiares

de Filomena, entre esses familiares está sua prima e cunhada Maria Lacerda Guimarães. Em um fim de tarde após marcar a entrevista dirigi-me até a sua casa, onde ela me recebeu sentada na sala de estar que estava decorada com muitas imagens de santos (as), sinônimo de sua devoção católica.

Maria Lacerda Guimarães, conhecida como Socorro Lacerda, hoje com 85 anos, lembra bem os anos de convivência com Filomena, e fala um pouco da infância e juventude das meninas de sua época:

Vivíamos rezando, ia pra missa todo domingo, fazia as primeiras sextas. Nossos vestidos a pessoa vestia era quatro roupa minha filha, era calcinha, uma saia nágua, uma combinação e um vestido, era quatro roupa comprida, abaixo do joelho, as mangas nunca que nos vestimo manga de cava, nunca, nunca era meia manga ou manga comprida, os decotes lá em cima. (Maria Lacerda, 2022).

Com uma narrativa cercada de detalhes Maria Lacerda narra as questões que faziam parte da educação das meninas da época, iniciando pela forte presença do catolicismo. Além das orações cotidianas, a narradora cita uma devoção que fazia parte dos costumes das jovens, era as “primeiras sextas”, prática religiosa onde o devoto se consagra ao Sagrado Coração de Jesus, com o compromisso de ir à missa na primeira sexta feira de cada mês, durante 9 meses, confessar-se e tomar a eucaristia, além de presidir orações individuais e em família (FALCADE, 2010).

A devoção narrada e praticada por Maria Lacerda ao Sagrado Coração de Jesus teve início no final do século XVII. Vivendo na Ordem da Visitação Maria Margarida de Alacoque recebeu aparições de Jesus revelando a devoção ao Sagrado Coração, a devoção logo foi orientada pela Igreja se tornando uma prática cotidiana para o povo cristão. Após sua morte, Maria Margarida foi canonizada sendo conhecida por sua vida de sofrimento e entrega a vida religiosa, bem como a escolhida por Deus para revelar a devoção (FALCADE, 2010).

A doutrina católica, sempre esteve presente no cotidiano feminino, rezar o terço em casa e ir à igreja estava inserido nas vivências dessas jovens mulheres, bem como o batismo, a primeira eucaristia e a crisma, não diferente do que narra Dona Maria Lacerda percebemos as vestimentas de Filomena nas fotografias apresentadas sempre com vestidos de manga.

Os exemplos de roupas dados pela narradora refletem o olhar dela sobre o pudor feminino da época, esse olhar é transcrito através do modo como as jovens meninas se vestiam: “Nossos vestidos a pessoa vestia era quatro roupas minha filha, era calcinha, uma saia anágua, uma combinação e um vestido, era quatro roupas comprida, abaixo do joelho”.

A narradora percebe no período um pudor e inocência, para ela, um tempo perfeito se comparado aos dias atuais. A repressão a sexualidade feminina é tida como motivo de orgulho, afirmando a positividade dessa repressão em nome da inocência das jovens meninas. Principalmente através das diversas roupas íntimas usadas, bem como assuntos ou comportamentos que eram proibidos as meninas “moças”.

Nessa concepção considero também as reflexões de Foucault (2009) sobre “hipótese repressiva” em relação a sexualidade, o autor aponta que essa repressão seria ilusória, pois o discurso sobre sexualidade teria se proliferado entre os séculos XVII e XX. Entretanto, o autor afirma que tais discursos dependiam dos lugares que eram feitos, quem os fazia, e o ponto de vista que se falava. As proibições citadas pela narradora teriam uma função local e tática destinada principalmente as mulheres da época.

A partir da narrativa de Maria Lacerda busquei ilustrar as peças por ela citadas, composto pelo sutiã de bico e uma calcinha que se assemelha a um pequeno short, a saia anágua com um comprimento maior, seria a segunda peça a ser vestida e por último o que a narradora chama de combinação, uma espécie de vestido mais fino usado antes do vestido casual. Segundo a narradora as meninas da época costumavam utilizar as três peças íntimas.

Figura 4 - Peças Íntimas Femininas Utilizadas à Época de Maria Lacerda



Fonte: Ilustração produzida pelo artista visual Carlos Miguel Rodrigues, baseado na narrativa de Maria Lacerda

O arranjo de peças definidos por Maria Lacerda recobrem as partes íntimas como algo que deve ser intocado e guardado sobre diversas camadas de roupas. As formas como as jovens meninas se vestiam dizem muito sobre a educação recebida em domicílio pelas mesmas. Com o auxílio das mães e da doutrina católica, a jovem menina deveria ter atitudes de “inocência” em relação ao corpo e aos prazeres. Esse pensamento participava da constituição de ideal católico da virgindade e do estado de “donzela” (Houbre, 2003).

Segundo a narradora o cotidiano de jovens meninas como Filomena foram marcadas pelas brincadeiras simples, sem a tecnologia dos tempos modernos: “as brincadeiras de bonecas”, “bicheira”, “esconde-esconde” de “virar bunda canastra” nos capins verde era uma inocência completa (Maria Lacerda, 2022).

Maria Lacerda lembra-se de ter sido avisada quando criança de que meninas não deveriam se aproximar de meninos, sob pena de haver contato que prejudicasse sua reputação. Os conselhos até então passados pelos pais eram uma ordem, a “moça” que fugisse desse molde estava fadada a uma má reputação.

O namoro era uma distância, a moça que o rapaz beijasse na mão, Ave Maria! Aquela moça já não prestava mais, já era impugnada pelos os outros até 50, 60 por aí, assim era uma infância inocente, tomávamos a bença dos mais velhos, quase todo mundo era padrinho e madrinha da gente. (Maria Lacerda, 2022).

As “moças” como conta a narradora eram as meninas que já haviam tido a primeira menstruação. Essa fase era esperada com muita ansiedade, com a chegada do ciclo menstrual a menina passava a ser vista como “moça”, deste modo ela representava um divisor. A partir daquele momento a jovem estava inserida em outro ciclo de amizades e conversas, entre elas as confidências sobre o corpo e a sexualidade (LOURO, 2003).

As conversas sobre corpo e sexualidade principalmente para as meninas eram inseridas com muito cuidado, para assim preservar uma certa “inocência”. Essas questões constituem “marcas” de comportamentos e moldes posto em ação pela família, igreja e escola. Práticas que constroem uma identidade hegemônica, recusando atitudes divergentes (LOURO, 2003).

Ser “moça” iria muito além do termo ou do primeiro ciclo menstrual, isso significava cobranças e cuidados sobre comportamentos e atitudes que a jovem deveria ter, a mocidade colocava a jovem em outro momento da vida, onde ela deveria seguir comportamentos que definiriam sua honra.

A juventude vivida por Filomena não se diferencia do que conta Maria Lacerda, naquele período o contato com os rapazes poderia manchar a honra da jovem mulher. Une-se a

essa narrativa o livro intitulado Memorial de Mauriti que registra um pouco do cotidiano dos jovens do século XX na cidade.

Essa obra foi escrita pela professora Mary Hismênia, onde a mesma narra que a cidade se iluminava pela luz do luar e dos candeeiros que eram acendidos nas casas. O lazer ficava por conta da reunião da casa de amigos, com poesia e canções ao som da viola. Estimava-se que esse cotidiano mudou com a chegada da eletricidade em 1948, onde a cidade passou a ter iluminação e expandir o lazer com bailes e as chamadas festas “programadas” onde se tinha a apresentação de conjuntos musicais. Além disso, as festas religiosas eram as mais esperadas, as renovações¹ acompanhadas de pífanos e fogos, a visita da imagem da Virgem Maria nas casas no mês de maio. Havia também missas aos domingos na igreja matriz, onde os jovens volteavam a praça ao seu término e paravam a sombra na árvore marizeira, localizada em frente à Igreja, para conversar (FIGUERÊDO, 2000). Dentre as atividades joviais do período, Filomena priorizava as atividades ligadas a Igreja, como exalta as narrativas orais.

Neste período a educação a cidade de Mauriti/CE não oferecia aos jovens uma formação completa, os ambientes escolares existentes estavam destinados a alfabetizar as crianças, a primeira escola Normal Rural² foi criada somente em 1955 (FIGUERÊDO, 2000). Maria Lacerda acrescenta que frequentou a escola por incentivo dos pais que permitiam que ela frequentasse para “aprender a escrever uma carta e ler outra”, diferentemente de Filomena que teve acesso aos estudos em outra cidade as jovens meninas de sua época não tiveram a mesma oportunidade.

Nesse tempo a gente queria comunicação era por carta, telegrama, não tinha história de telefone, os pais da gente “botava” na escola pra aprender a ler uma carta e escrever outra, somente, só pra isso ler uma carta e escrever outra, mais pra nada, sempre dizia meus avós dizia, não adianta estudo não, principalmente pra mulher, não precisava mulher viver estudando não demais não, nesse tempo era difícil e diferente. (Maria Lacerda, 2022).

O olhar sobre a educação escolar estava pautado na importância de se alfabetizar para conseguir se comunicar. É perceptível na narrativa que não se tinha o incentivo para que as mulheres persistissem nos estudos, “não adianta estudo não, principalmente pra mulher”.

¹ Ritual de consagração do lar ao Sagrado Coração de Jesus é um evento que perpassa de geração a geração, ver mais informações em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/413>

² Instituição educacional de formação de professores para o meio rural, ver mais informações em: https://www.uece.br/ppgcc/wp-content/uploads/sites/29/2019/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o_SARAH-BEZERRA-LUNA-VARELA.pdf

Neste contexto, Filomena entre o final da década de 30 e início dos anos 40 seguiu para o colégio Santa Tereza de Jesus na cidade de Crato/CE. A cidade era considerada pioneira na educação sob a direção da Igreja Católica. O colégio tinha uma educação voltada ao público feminino de classe média e alta, bem como a formação de professores para o magistério

Constatou que as meninas, das famílias da região, não tinham condições de promoverem-se nos estudos colegial e ginasial, por falta de instituições naquele lugar e nas proximidades. Nesse sentido, consta em documentos oficiais, o bispo se viu com a missão de ajudar aquelas famílias, criando ações educacionais para suas filhas (GOIANA, DE QUEIROZ, 2013. p.4).

O colégio Santa Teresa de Jesus era dirigido pelas irmãs da congregação com a missão educacional e evangelizadora. A instituição tinha como objetivo formar e preparar as moças da cidade do Crato e da região do Cariri para a vida no lar e em sociedade. O currículo da instituição seguia o modelo de instrução oficial, ofertando também o curso primário, secundário, normal e disciplinas como Psicologia, Sociologia Educacional, Pedagogia, Higiene Geral e Puericultura (GOIANA, DE QUEIROZ, 2013)

Na virada do século, novas disciplinas como puericultura, psicologia ou economia doméstica viessem a integrar o currículo dos cursos femininos, representariam, ao mesmo tempo, a introdução de novos conceitos científicos justificados por velhas concepções relativas à essência do que se entendia como feminino (LOURO, 2004, p.374).

A criação de escolas no século XX nas cidades do interior do país é fruto de uma política que percebia a necessidade de alfabetizar a população brasileira. Essas escolas surgem marcadas pela divisão sexual, uma educação diferenciada para meninos e meninas. Além disso, inúmeras eram as escolas mantidas por congregações e ordens religiosas (LOURO, 2004).

As aulas comuns a ambos os sexos eram o desempenho da leitura e escrita, operações matemáticas e conhecimentos sobre a doutrina católica, passado essa base as aulas se distinguiam. Aos meninos caberia as noções de geometria, enquanto as meninas os conhecimentos sobre bordado e a costura. A distinção educacional entre meninos e meninas coloca em ênfase a instrução para o futuro de ambos, onde as meninas supostamente estariam na vida matrimonial e a elas seria necessário o conhecimento sobre o bordado e costura, enquanto os jovens meninos poderiam seguir nos estudos a almejar outras profissões. As determinadas formas de educação para as crianças dizem respeito ao que a sociedade esperava dos homens e mulheres no futuro (LOURO, 2004).

Da mulher educada se esperava uma boa companhia para o marido, com habilidades para a vida no lar. Segundo os costumes da época, mulheres “direitas” não deveriam frequentar

qualquer espaço público sem companhia, deveriam se fazer presentes em tais locais em ocasiões especiais como as atividades ligadas a igreja, como missas, procissões e novenas. Esses, por muitas vezes eram os lazeres desfrutados por elas (LOURO, 2004).

A partir dessas questões a educação feminina iria se moldando com ênfase na formação moral e no caráter. Para isso, as mulheres deveriam ter como inspiração a imagem da Virgem Maria, com a pureza feminina, recato e aceitação dos sacrifícios. Esses, muitas vezes percebidos na conduta de Filomena diante dos sofrimentos matrimoniais (LOURO, 2004).

Na educação católica ao qual Filomena teve acesso não faltaram exemplos de mulheres santificadas, cuja a conduta foi exaltada aos olhos da doutrina católica. Entre elas citamos o exemplo daquela cuja devoção era notória por parte de Filomena, era ela Santa Tereza de Jesus.

Como gostava sempre de rezar, Filomena matinha consigo um devocionário de Santa Tereza (Ver figura 7). A história de Santa Tereza é um exemplo de jovem mulher que passou por dificuldades desde a infância, rompendo-as com a ajuda do divino. Ao longo da vida, Tereza vai se aproximando de Deus, através do cumprimento dos rituais cristãos como a eucaristia e a crisma. Sua trajetória é exaltada como um exemplo de perfeição, nas palavras de Santa Tereza as pessoas seriam como flores no jardim de Deus, tendo as rosas como símbolo. Simbologia essa que lhe acompanha desde do seu nascimento, quando seus pais receberam de um desconhecido um papel com os seguintes dizeres: “Sorri, cresça depressinha; tudo te chama a aventura; Amor, desvelo, ternura...Sorri á fulgida aurora, botão que nasceste agora, rosa mais tarde serás...”³

Figura 5 - Devocionário de Santa Tereza de Jesus

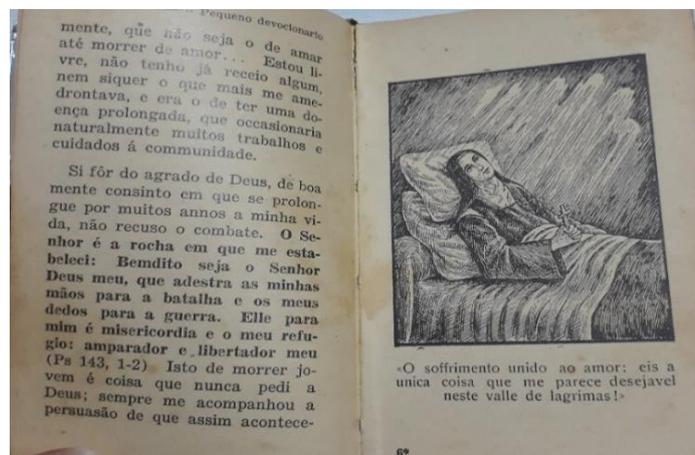


Fonte: Devocionário de Santa Tereza de Jesus pertencente a Filomena de Lacerda. Acervo José Santana

³ Ibidem. p.16

Desde jovem Tereza manifestava o desejo de seguir a vida religiosa. Apresentou desde cedo uma expressa dedicação a doutrina cristã, aos 15 anos a jovem adentrou no convento do Carmelo apesar de sua pouca idade, com muita insistência, foi aceita na ordem, passando a viver uma vida de resignação. Após alguns anos no Carmelo Tereza foi acometida por uma tuberculose, a imagem abaixo (ver figura 8) retrata a mesma em seu leito de sofrimento. Mesmo diante das adversidades sofridas, Tereza não se deixa abater, sua fé era o porto seguro onde a mesma entrega-se a vontade de Deus.⁴

Figura 6 - Devocionário de Santa Tereza de Jesus



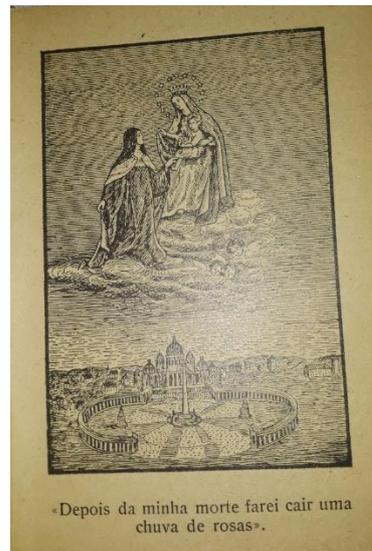
Fonte: Devocionário de Santa Tereza de Jesus pertencente a Filomena de Lacerda. Acervo de José Santana

A narrativa de Santa Tereza é um exemplar da vida de santos. Uma jovem que desde da infância manifestava o desejo em seguir e se entregar aos preceitos da Igreja, sem temer a morte. Este pequeno devocionário era fonte de leitura para Filomena e talvez um modelo a ser seguido.

Aos 23 anos Tereza padeceu, antes de sua morte ela proferiu a seguinte frase “Depois da minha morte farei cair uma chuva de rosas” (ver figura 8), estes dizeres a tornou conhecida como a “santa das rosas”.

⁴ Ibidem

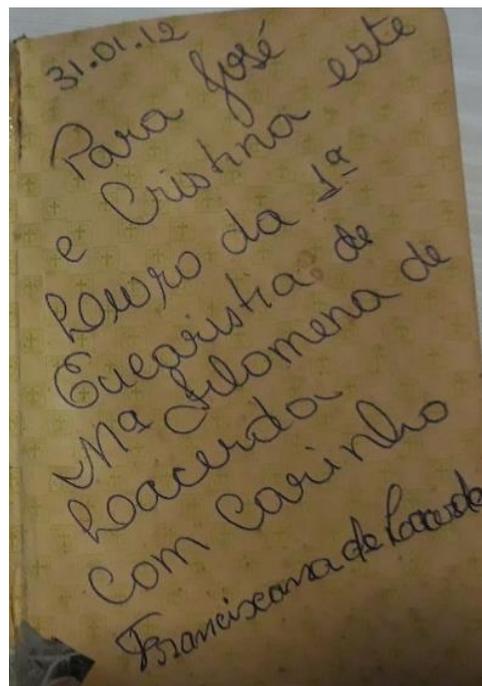
Figura 7 - Devocionário de Santa Tereza de Jesus



Fonte: Devocionário de Santa Tereza de Jesus pertencente a Filomena de Lacerda. Acervo de José Santana

Hoje o devocionário que pertenceu a Filomena está com o diácono José Santana da Paróquia de Mauriti, o livro foi doado ao diácono e sua esposa pela irmã de Filomena, a senhora Franciscana Lacerda, para que ele guardasse e preservasse esse bem pessoal. Segundo está descrito na dedicatória, teria sido este o primeiro livro de Filomena obtido na 1^o Eucaristia.

Figura 8 - Dedicatória feita pela irmã de Filomena quando entrega o devocionário ao diácono José Santana



Fonte: Devocionário de Santa Tereza de Jesus pertencente a Filomena de Lacerda. Acervo de José Santana

No devocionário de Santa Terezinha ainda é possível observar orações para diversos tipos de adversidades da vida, essas orações podem ter sido o refúgio de Filomena nos momentos de aflição.

O devocionário de Santa Tereza narra sua vida exemplar constituindo assim uma hagiografia. A narrativa hagiográfica começou a ser difundida a partir do século XII, este tipo de narrativa permite ao cristão uma abertura espiritual e contemplativa, mostrando como Deus age através da história de um santo (exceção), as trajetórias de mártires e as virtudes em vida servem como modelos sociais (CERTEAU, 1982). As hagiografias podem ser consideradas instrumentos para influenciar fiéis, chamando-os a seguir os exemplos dados como modelos de santidade. A trajetória do santo é marcada pela sua diferenciação diante dos demais sujeitos, este pode passar por sofrimentos e suportar todos pela fé, bem como, ser exemplo de bondade.

A coragem de Santa Tereza de entregar a vida rígida no convento e não temer a morte podem ter influenciado a identidade de Filomena enquanto uma mulher que, segundo as narrativas populares não temia o seu destino, pois dormia sozinha em um casebre na mata fechada.

Foi exatamente em 15 de agosto de 1945 que Filomena pediu permissão aos pais para fazer parte da congregação das filhas de Santa Teresa de Jesus. Filomena já estava no colégio a algum tempo e naquele momento despertou a vocação para a vida religiosa⁵.

No período em que escreveu a carta a seus pais, Filomena contava com quase 20 anos, acreditamos que neste período estivesse ela a concluir o estudo secundário e a partir daquele momento desejava ingressar na congregação como assim foi feito.

Não encontrei nenhuma documentação que mencione a passagem de Filomena na escola, a seguinte narrativa está registrada em um livrinho que conta a história de sua vida, o pedido para frequentar a congregação supostamente partiu dela através de uma carta enviada aos pais, revela um pouco o período em que ela esteve no internato:

Pedi então permissão ao seus pais para ser uma religiosa da mesma congregação. A permissão foi dada, a mesma ficou muito contente, e se entregou de corpo e alma a sua mãe do céu; quando ainda em companhia das religiosas, ela escreveu estes dizeres: “Mãe do céu, guardai-me nas dobras do seu manto... sua filha Maria Filomena. Salve 15 de agosto de 1945-Crato-Ceará.”⁶

⁵Fonte: Livreto de Filomena construído pela família contando um pouco da história de Filomena, o mesmo foi distribuído na caminhada a Filomena.

⁶ Fonte: Livreto de Filomena construído pela família contando um pouco da história de Filomena, o mesmo foi distribuído na caminhada a Filomena.

No caminhar das leituras sobre a instituição deparei-me com uma entrevista realizada pela professora Zuleide Queiroz (2013) com uma ex-aluna do colégio Sarah Esmeraldo, a época em que Sarah estudou no colégio converge com a mesma época em que Filomena estudou na instituição, em meados de 1940-1946, a ex-aluna lembra que neste período cursou o ginásio, logo pode ter ela compartilhado espaços com Filomena.

Infelizmente Sarah Esmeraldo já não está mais entre nós, mas suas palavras tecem um fio sobre a educação que Filomena desfrutou naquele período

Suas lembranças sobre a escola resgatam as datas de 1940 a 1946, período em que cursava o ginásio, tinha um currículo voltado para a "formação do homem cidadão" oferecendo aulas de boas maneiras; desenvolvimento social, arte, discurso, recital sendo, rigorosamente, acompanhadas pelos professores, sob a direção da Madre Cecília (GOIANA, DE QUEIROZ, 2013. p.7).

Não se sabe ao certo quando Filomena mudou de ideia e regressou à cidade de Mauriti/CE. Segundo as narrativas orais o casamento com o primo foi arranjado no período de férias em que Filomena veio a Mauriti. Nessa época teriam seus pais a convencido a ficar na cidade, o casamento seria com seu primo Manoel Nazário de Lacerda. Nesse período, final dos anos 40, o olhar sobre a vivência das mulheres permanecia pautado na vivência conjugal e nas distinções dos papéis sociais com base no sexo, a família conjugal era o modelo dominante, mantendo assim os padrões tradicionais de casamento. Até o casamento o pai da jovem mulher é autoridade máxima “chefe da casa”, após o enlace matrimonial o status de autoridade é passado ao esposo (PINSKY, 2014).

Este momento foi um divisor de águas na vida de Filomena. Pois, Filomena não demonstrou interesse pela vida de casada devido à trajetória anterior ao namoro com Manoel Nazário. São relatos apontados por pessoas que conviveram com Filomena, mas não se lembram dos detalhes da decisão de Filomena de se casar.

2.2 Casamento

Por muitos anos o casamento foi tido como o destino natural das mulheres. Faria parte da “natureza feminina” o desejo de casar, logo cabia as mulheres o título de “esposa” “mãe” e “rainha do lar”, caberia as mães o preparo das jovens meninas para que fossem mulheres exemplares. As mulheres deveriam demonstrar doçura, passividade e “instinto maternal”. O casamento seria a porta de entrada para a realização dos ideais de feminilidade, a educação das moças deveria ser cuidada para que elas não se desviassem desse caminho (PINSKY, 2014)

Durante os anos em que viveu no colégio das filhas de Santa Tereza de Jesus, Filomena manifestava o desejo de seguir na vida religiosa como irmã da congregação, porém não se sabe ao certo por quais motivos ela mudou de ideia. O que se conta a partir das narrativas é que ao vir passar férias na casa dos pais ela iniciou o namoro com seu primo Manoel Nazário de Lacerda.

Em entrevista com sua sobrinha, Maria Auxiliadora, a mesma revela o contexto em que Filomena casou, segundo ela o casamento era de muita aprovação pelos pais da jovem, pois iria ela casar-se com o primo, alguém que a família já conhecia

Nas visitas para cá ela conheceu ele, era parente frequentava aqui porque era parente, despertou interesse e ela desistiu de ser freira, o casamento todo mundo queria porque era em família antigamente o povo, prestigiava quem era porque já conhecia e tudo (Maria Auxiliadora, 2022).

Manoel Nazário figurava o “bom partido”, característica atribuída aos homens que dispunham de boas condições financeiras para sustento da mulher e dos filhos. Pois, não se contava com o trabalho da esposa para completar o orçamento doméstico, um bom candidato seria aquele que “estava bem de vida” (PINSKY, 2014).

Era comum a preocupação com o casamento das filhas moças, a partir dos 12 anos de idade os pais começavam a se preocupar com o encaminhamento da jovem para o matrimônio. Durante as férias era comum reuniões em família com os amigos dos irmãos e primos, assim costumava se iniciar alguns namoros, o casal não desfrutava de muitos momentos a sós para evitar contatos sexuais. Por conta disso, o marido nem sempre seria o rapaz mais desejado, e sim o que tivesse maior aceitação dos pais e familiares. Mesmo com certo grau de instrução a mulher casada, principalmente aquela que dispunha de boas condições financeiras, deveria casar-se com alguém mantivesse o padrão social. Assim, a mulher casada destinava-se a reclusão do lar dependente financeiramente do seu parceiro (FALCI, 2004).

Se por insistência ou paixão casou-se Filomena em 1950 aos 25 anos, pouco tempo depois que retornou da cidade do Crato. Nos primeiros anos de casada Filomena e seu esposo residiram no sítio Pereiros. Após alguns anos mudaram-se para a cidade passando a residir próximo a Igreja Matriz, isso facilitou a vida religiosa de Filomena, ao que muitos afirmam ela participava de todas as atividades diárias propostas pela igreja.

Se tivesse missa todo dia, todo dia ela estava lá na missa, ela era filha de Maria, devota do coração de Jesus, gostava de branco, só vestia preto no dia 20, tanto que ela ainda estava de preto no dia porque foi do dia 20 para o dia 21 (Maria Auxiliadora, 2022).

Filomena era devota de Padre Cícero Romão Batista, todos os dias 20 de cada mês, ela vestia preto em homenagem ao Padre, essa também é uma tradição de muitos nordestinos. A partir do milagre da hóstia que se transformou em sangue em 1889 a cidade de Juazeiro iria surgir como um centro religioso. São inúmeros os devotos que vão ao Juazeiro em busca de soluções para as adversidades da vida e com as mais variadas formas de expressão da fé (RAMOS, 2014). Vestir-se de preto em alusão a morte do Padre Cícero é um sinal de devoção usada por muitos romeiros do Padre.

Essa não era uma devoção em particular de Filomena, a devoção da comunidade de Mauriti pelo o “padim ciço” está registrada no livro que conta a história da cidade: “Os dados acerca dos sacerdotes que iniciaram esta comunidade de fé justificam ainda mais a solidez da religião no seio dos lares mauritienses, sempre foi conservada a fé no Pe. Cícero e Frei Damião” (FIGUEREDO, 2000, p.41)

A casa onde morou Filomena nos primeiros anos de casada facilitou a sua dedicação as atividades da igreja, ela residia em uma casa muito próxima a Igreja Matriz da cidade. Nos idos de 1950 a cidade de Mauriti já dispunha de ruas calçadas, praça, que eram os principais locais de encontro da comunidade. A cidade estava em pleno desenvolvimento e Filomena residia em uma das principais ruas da mesma. Até os dias atuais a casa ainda conserva a fachada do período.

Figura 9 - Casa em que morou Filomena de Lacerda ao casar-se com Manoel, conserva a fachada sem alterações



Fonte: Welinaidia de Sousa Generoso (2022)

Foi na casa da cidade que Maria Auxiliadora partilhou de muitas vivências com o casal Lacerda. Sua entrevista foi uma das mais sensíveis que já participei, ao falar da tia a mesma se emociona muito, lembrando que na infância sempre dormia em sua casa e tinha muito consideração pelo casal, se referindo a eles como seus “tios”.

Ao narrar, Maria Auxiliadora, rememora aquilo que já foi vivido, as lágrimas tendem a percorrer seu rosto, o ato de lembrar traz consigo saudade, a presença da ausência, uma marca do tempo que revela nostalgia daquilo que foi conhecido e vivido (CATROGA, 2015). A vivência com Filomena não foi esquecida, talvez estivesse adormecida, mesmo diante da emoção ela demonstra satisfação em falar da tia. Bobbio reflete sobre o ato de lembrar:

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos (BOBBIO, 1997, p.30, 31).

Apesar da pouca idade na época, com apenas 12 anos ela lembra que a convivência do casal era tranquila, os dois eram bem reservados e carinhosamente Manoel chamava

Filomena de “minha pombinha”. O apelido carinhoso de seu esposo demonstrava uma certa posse ao se referir enquanto “minha”.

O ato de narrar traz consigo a experiência humana, ou seja, aquilo que toca o ser humano e que lhe marcar profundamente. A narrativa de Maria Auxiliadora é cercada de sensibilidades adquiridas através da experiência humana. “As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos” (PESAVENTO, 2005 p. 33). As sensibilidades demonstradas pela narradora revelam a importância que Filomena tinha em sua vida, bem como o quanto os anos que compartilhou vivências com a tia foram experiências marcantes em sua memória.

Como já citei, aos fins de semana Filomena ia sempre ao Sítio Pereiros, ela tinha muito apego pelo local. Pois, era uma herança deixada por seu pai a ela. Auxiliadora relata que todos venderam suas heranças, mas Filomena continuou com sua propriedade. Após alguns anos morando na cidade Filomena muda-se para o sítio. A vivência do casal Lacerda durou 25 anos, segundo sua sobrinha, havia fotografias do dia do matrimônio que talvez tenham se perdido com o tempo.

Foi no sítio Pereiros que Filomena se dedicou a ensinar catecismo às crianças da comunidade. À sombra de um pé de juazeiro, ela reunia as crianças todos os domingos à tarde ou pela manhã dependendo da disponibilidade. A senhora Francisca Delma foi sua aluna de catecismo e lembra um pouco sobre as aulas com Filomena:

Ela era alegre(...) muito da igreja, não tinha muita conversa com ninguém, o negócio dela era igreja, gostava muito de criança(...) Eu lembro que ela só andava de pé, às vezes passava ele na frente a cavalo e ela atrás(...) a gente gostava muito dela, parecia uma santinha mesmo, aquele caminhado avechadinho, com o cabelo em cima dos ombros (Francisca Delma, 2022).

A forma como Manoel e Filomena andavam juntos, diz muito sobre como era a união do casal. A narrativa demonstra o quanto Filomena e Manoel já não mantinha uma relação de proximidade.

Entre as narrativas muito se conta sobre o quanto Filomena era calada em relação a sua vida matrimonial. Ela não demonstrava sofrimento, ou qualquer outro sentimento, mesmo diante dos comentários do romance de seu marido com outra mulher. Como aponta Michelle Perrot (2003), as construções sobre o papel da mulher lhe conferiam tais atribuições, desde da jovem menina até a esposa senhora a mulher deveria ser a mais discreta possível, a ela cabia o

silêncio sobre as doenças, emoções, vivências e tudo aquilo que incomodasse a honra masculina.

Pode-se deduzir que Filomena buscou refúgio nas atividades comunitárias que realizava. Procurando assim, crianças para formar grupos de catequese. Ao ouvir a narrativa oral, percebe-se que o grupo vai além da introdução dos ensinamentos católicos, refletindo também a forma de educação obtido por Filomena no Colégio Santa Tereza de Jesus.

Para iniciar o catecismo na comunidade Filomena visitou as casas nos arredores do Sítio Pereiros, avisando sobre o catecismo e anotando o nome das crianças que teriam interesse em participar, ela se apresentava como filha de Maria, por fazer parte do grupo de mulheres com este nome.

As narrativas divergem sobre o local onde Filomena ministrava o catecismo. Muitos dizem que era na casa de uma vizinha Dona Leonor, outros afirmam que o catecismo era ministrado na casa de Filomena a sombra de uma árvore por nome de juazeiro. A senhora Delma recorda a organização e cuidado de Filomena com seus alunos de catequese: “Ela fez a gente fazer um uniformezinho, a gente ia com aquela fardinha, uma saia cinza com uma blusa um amarelo bem clarinho”.

Ouvi também a narrativa da senhora Maria Gorete Alves, aluna de Filomena na catequese, ela lembra de um episódio no momento em que Filomena ministrava a catequese:

Eu lembro no dia que ela tava dando catecismo a nois de baixo de um pé de juá, lá nos pereiros, (...) ela tava dando o catecismo a nois dia de domingo uma base de umas 9 horas da manhã, agora eu não tô lembrado o significado, sei que passou uma coisa no céu, assim não era como um raio, não tô lembrado mais como era (Maria Gorete, 2022).

Para Maria Gorete, embora não conseguisse descrever o que era que cruzava o céu naquele momento, sua narrativa indica que Filomena era uma mulher diferente. Ela ainda narrou que costumava acompanhar Filomena enquanto ela dormia em sua casa na cidade:

Quase todo domingo de oito em oito dias, o máximo era de quinze em quinze dias, ela passava lá em casa mais ou menos no sábado a tarde e pedia a minha mãe pra mim ir com ela dormir na rua, ela com a santinha do lado, assim no braço, e eu ia pra rua dormir com ela lá, no outro dia nós assisti a missa das seis e vinha pra casa (Maria Gorete, 2022).

Esse relato mostra como a vida de Filomena era ativa nas atividades religiosas apesar de não dispor da companhia de seu esposo para lhe acompanhar nas atividades da igreja. Logo, Filomena sempre convidava alguma jovem da comunidade para lhe fazer companhia quando dormia na casa da cidade. Outra questão perceptível é a dificuldade em participar das atividades da igreja após a mudança para a zona rural.

Sobre a relação do casal, a aluna Delma lembra que diante das pessoas Filomena se mostrava um pouco incomodada com a presença do marido, sem lhe dirigir o olhar “Eu lembro que chegava onde ela estava ensinando a gente, e ela mal olhava para ele, ele chegava com aquela coisa como se fosse falsidade mesmo” (Francisca Delma, 2022).

Naquele período o casal Lacerda era muito respeitado socialmente. Filomena era bastante reconhecida pelo trabalho que desempenhava na paróquia de Mauriti. A senhora Maria Lacerda Guimarães, conta um pouco da sua lembrança com a mesma, segundo ela, Filomena não teria o dom para a vida matrimonial, seu dom estaria na dedicação à vida religiosa. Ela vinha de uma família “retraída” em suas palavras uma família que não costumava conversa com as pessoas, isso devia a boa condição da família, que selecionava os ciclos de amizade que correspondia ao padrão social que os mesmos desfrutavam.

Em relação ao casamento, a narradora conta que, no início o casal mantinha uma boa relação, mas com o passar dos anos a convivência se tornou de amizade. Logo, o casal não mantinha relações sexuais, a decisão partiu de Filomena que renunciou a vivência conjugal e teria proposto a relação de amizade.

Sim, no começo ela viveu com ele como marido e mulher, mas depois desistiu de marido e mulher, vamos viver como irmão, vamos desisti dessa história de marido e mulher, aí fico ele concordo, ele disse tá bom, tanto faz, nunca teve filho também, quando foi na era de 70, surgiu a história que ele estava namorando com Antônia (Maria Lacerda, 2022)

Ao longo da narrativa, Maria Lacerda aponta que a renúncia da relação sexual por parte de Filomena soa como um artifício usado por seu esposo para manter um relacionamento extraconjugal. Este é um ponto encarado por muitas mulheres que vivem em um leito conjugal de desrespeito aos seus corpos. Segundo Michelle Perrot, a sexualidade no leito conjugal é vista como um “dever”, as mulheres que não correspondem sexualmente aos seus cônjuges não estão cumprindo seus papéis de esposa. Porém a “frigidez” feminina apontada muitas vezes como de sua natureza é fruto das práticas sociais onde o prazer feminino é reprovado e a relação sexual resume-se a tomada de posse do marido sobre a esposa (PERROT, Michelle, 2003).

Outro fato apontado pela narradora é a ausência de filhos do casal, “nunca teve filho também”. A maternidade é considerada o fruto do amor existente entre o casal, a maternidade é considerada uma glória, enquanto a esterilidade é considerada uma maldição sempre e unicamente a elas atribuída (PERROT, Michelle, 2003).

Com o passar dos anos Manoel Nazário iniciou uma relação extraconjugal com uma jovem que morava próximo a residência de Filomena na zona rural. Não demorou muito e os boatos sobre as traições começaram a ser disseminados na comunidade.

A narradora partilha de alguns conhecimentos sobre a vida conjugal do casal Lacerda. Segundo ela, Manoel chegou a lhe contar sobre seu namoro com Antônia. Nesta época os restaurantes da cidade eram conhecidos como “cafés” e era nestes “cafés” que vez por outra Filomena fazia suas refeições quando residia na cidade:

Filomena não gostava de luta de casa, luta de casa: arrumar casa, fazer comida, lavar prato, de jeito nenhum ela não gostava não, de jeito nenhum, ela só gostava de ir pra igreja, quando chegava se deitava numa rede, e era numa rede, pra eu tá vendo a perna pra dentro de uma rede a outra no chão se balançando rezando o rosário o ofício, quando terminava, lendo a bíblia e ali mesmo agarrava no sono (Francisca Lacerda, 2022).

Essa narrativa revela alguns costumes de Filomena, e alguns que podem se desviar dos padrões que muitos esperariam de uma boa esposa. Entretanto, os costumes de Filomena falam muito sobre seu olhar enquanto uma mulher que buscava viver a religiosidade e não a vida conjugal. Ela era uma mulher que morava no centro da cidade de Mauriti/CE, vinda de uma criação abastada, as tarefas domésticas para ela não pareciam atrativas, Filomena não exibia as qualidades familiares e maternais esperadas das mulheres casadas da época. Também foram nestes “cafés”, mas especificamente no Café de Morais⁷ que teria Filomena presenciado Manoel Nazário conversando com sua amante Antônia Bezerra.

No período vivido por Filomena o Brasil vivia os chamados “anos dourados”. E apesar das mudanças ocorridas socialmente em relação as formas de lazer, regras e práticas sociais de convívio, dentro dos lares as relações entre marido e esposa não mudam totalmente. As distinções dos papéis com base no gênero permaneceram. Logo, o casamento definia direitos e atribuições distintas para homens e mulheres traduzidos em desigualdade, cabendo ao homem como chefe da família tomar as decisões supremas e a mulher cuidar dos afazeres domésticos (PINSKY, 2014).

Nessa visão social a mulher seria responsável pela harmonia e felicidade no lar. E muitas vezes o comportamento do marido estava relacionado ao cumprimento das funções de esposa, a felicidade do casal é medida pelo bem-estar do esposo, logo a felicidade da esposa seria consequência da satisfação do homem (PINSKY, 2014).

⁷ Segundo a narradora o Café de Morais seria um restaurante que oferecia todas as refeições diárias, era um ponto de encontro no século XX na cidade de Mauriti/CE, ver mais informações em: Um Copo D’água e um Palito...”: práticas urbanas e sociabilidades nos quiosques e cafés de fortaleza (1886 – 1920). Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84891>> Acesso em: 5 de março de 2023

No relacionamento do casal Lacerda não era diferente. Muitos observavam Manoel como um homem que esbanjava vitalidade, com boas posses, logo ao observar o casal tinham a impressão que eles tinham uma boa convivência. Porém, a satisfação do marido não refletia na felicidade conjugal de Filomena.

Muitos fatores influenciaram a saída de Filomena da cidade para a zona rural, entre eles o medo de que Manoel vendesse o terreno, ou mesmo levasse sua amante Antônia para morar na propriedade, visto que já havia familiares de Antônia que cuidavam do local. Antônia era uma jovem de apenas 15 anos, ela residia no Sítio Apanha Peixe próximo ao Sítio Pereiros.

A senhora Delma morava próximo a residência de Filomena no Sítio Pereiros e recorda que na época, a mesma se sentia desconfortável ao passar em frente a casa dos pais de Antônia que ficava a caminho da cidade de Mauriti. “Muitas vezes ela pedia a minha mãe para passar lá, lá tinha uns cachorros”. Filomena pedia a mãe da narradora para que ela lhe acompanhasse ao passar em frente à casa dos pais de Antônia, com a justificativa que tinha muitos cachorros na residência. Em dias de feira livre era comum ver Manoel voltando da cidade na companhia de Antônia.

Ao ouvir os narradores percebi que o sofrimento de Filomena em relação às traições do marido se davam de forma silenciosa, a mesma por não desfrutar de muitas amizades não compartilhava questões pessoais sobre seu casamento, o refúgio de Filomena estava na fé.

Segundo Pinsky (2014) algumas revistas da época apontam as relações extraconjugais masculinas como algo comum, seriam elas “aventuras” “levianidades”, aconselha-se que as esposas relevassem os deslizos do marido. Para tanto, o comportamento das esposas traídas não deveria ser de “ataque de nervos” diante da situação, isso só aborreceria o marido, em nome do amor e do matrimônio deveriam elas agir como “boa esposa” relevando o desvio de seus cônjuges, principalmente se este marido garantisse o conforto material de sua família. Novamente as construções dos papéis gênero no casamento são observadas, a honra masculina depende da conduta de sua esposa, a qual deve ser fiel, enquanto a honra feminina depende exclusivamente de seu comportamento.

Na época pároco da cidade era o padre Argemiro Rolim de Oliveira homem conhecido por seu exemplo no sacerdócio e dedicação a comunidade mauritiense. Filomena, assim como toda a sua família, era próxima dos párocos que chegavam a Mauriti. E com Padre Argemiro não foi diferente, era com ele que em momentos de confissão ela desabafava sobre a vida conjugal (Rolim, 2006).

Os comentários sobre as traições de Manoel Nazário eram rotineiros na comunidade, no ano em que foi assassinada Filomena escreveu uma carta a sua mãe. A carta

foi escrita precisamente no dia 16 de maio de 1975, com uma fina letra Filomena pede que a mãe lhe abençoe. Estava Filomena no sítio Pereiros e manda notícias a sua família, ela afirma que até o momento está vivendo conforme a vontade de Deus “Não tenho mesmo assunto, para bem me explicar.... Digo-vos assim o meu calvário; á de subir. Não como a torre de babel; mas como Maria Santíssima”⁸. Filomena se refere a vida como um calvário, seria no calvário que Jesus havia carregado a cruz.

As palavras de Filomena reforçam de forma alegórica a ideia de que as mulheres deveriam suportar o casamento, mesmo diante de várias adversidades. Fossem elas, traições ou mesmo abandono traduzido em uma violência psicológica. O casamento e os sofrimentos provocados pelo marido eram encarados como a cruz que deveriam ser suportados até que a vontade divina mostrasse o contrário.

Diante da escrita de Filomena, interpreto que o calvário seria os problemas extraconjugais que a mesma vinha passando, a situação em que se encontrava no momento em meio a um matrimônio onde era desrespeitada pelo seu cônjuge. Por conta de sua fé a mesma olha para as dificuldades enquanto questões que podem ser vencidas espiritualmente. “Mãe, pela confiança que tenho em Nossa Senhora, acredito, mesmo que tudo quanto vai se passando em minha pobre vida é permitido por Deus”.

A vida de Filomena, como relatam os narradores, era de total entrega a religião. Seu olhar sobre a vida estava pautado a partir da sua fé. Suas vivências já abordadas ao longo desta pesquisa refletem uma mulher que já se diferenciava das demais e por isso despertava olhares de compadecimento.

O recolhimento de Filomena em seu lar ao sair somente em necessidades e para as atividades religiosas não é uma atitude única. Segundo Novais (1997) era comum por volta dos séculos XVIII mulheres brasileiras que despertavam o interesse na vida religiosa se recolherem em seus lares, principalmente donzelas que escolhiam se dedicar a vida religiosa mais não encontravam instituições onde pudessem ser consagrar. Seria uma forma de religiosidade privada no Brasil colonial, geralmente essas mulheres só saiam de casa para ouvir missas e se confessar. Suas vivências diárias estavam pautadas em orações e penitências. As praticantes dessa forma de religiosidade acreditavam com isso estar mais próximo da perfeição divina.

Filomena termina a carta pedindo para que a mãe e as irmãs lembrem dela. O pouco que sabemos sobre Filomena nos revela uma mulher que mesmo vindo de uma família de boas condições sofreu duras violências no matrimônio, não só a violência física, mas a violência do

⁸ Carta completa em anexos.

abandono. Ao que parece, a vida religiosa se tornou um refúgio para Filomena, que não deixava transparecer com palavras diretas seu sofrimento.

2.3 Morte trágica

Era madrugada, já havia passado da meia noite, mais precisamente dia 21 de julho de 1975, Filomena naquela noite estava a dormindo em uma casinha de “taipa” no sítio Pereiros. Seu dia, de acordo com as fontes analisadas, teria sido um dia normal. Como de costume, Filomena havia permanecido boa parte do dia em sua residência, saindo a tardezinha para o catecismo com as crianças da comunidade.

Naquela tarde estava ela acompanhada de Manoel Nazário, seu esposo, que a deixou na casa de Dona Leonor para ministrar o catecismo, segundo alguns relatos a casa de Dona Leonor dispunha de uma grande árvore de Juazeiro que acolhia as crianças do catecismo a sua sombra. Sob a sombra do juazeiro Filomena ministrou seu catecismo naquela tarde, já no entardecer ela voltou a sua pequena residência, adormecendo sozinha pois seu marido não havia voltado dos negócios que havia ido resolver na cidade.

Na madrugada Filomena estava dormindo quando foi surpreendida por golpes de facas, esses golpes cortaram o fio de sua vida. Ao nascer do sol a comunidade do Sítio Pereiros foi surpreendida com a notícia que Maria Filomena de Lacerda havia falecido, de forma trágica, logo a comunidade foi ao encontro do corpo de Filomena que ainda se encontrava no chão de sua casa.

Manoel Nazário, como de costume, não havia dormido em casa naquela noite. Ao chegar pela manhã demonstrou estar em choque ao encontrar a esposa sem vida. Diante da convivência do casal e das atitudes de Manoel Nazário, ele foi tido como principal suspeito do crime. A partir este ponto foi aberta uma denúncia e por consequência uma investigação.

Filomena teve uma morte trágica, sem aviso, com um funeral organizado repentinamente, não sendo a “boa morte” que se esperava de uma mulher cuja trajetória foi de dedicação a religião. Fato esse que chocou a população.

Segundo Reis (1991), no passado a boa morte seria a morte pressentida, no qual o indivíduo se prepara para a sua passagem, com rituais de perdão, extrema-unção, orações, padecendo ao lado dos entes queridos após uma vida longa. Ao contrário disso, Filomena padeceu sozinha agonizando no chão de casa. Na voz da senhora Delma é possível perceber o

pensamento da comunidade em relação a morte de Filomena: “Ficou todo mundo chocado com aquilo que aconteceu, foi horrível, muito triste, por que ela não merecia”

Acompanhado da dor da morte veio a indagação: Quem matou Filomena? Uma mulher querida em sua comunidade que pelas narrativas não cultivava inimigos. Neste momento a família preparou um funeral digno uma espécie de auxílio na passagem para “a vida eterna”. Em mortes trágicas, repentinas, cabia aos vivos cuidar bem de seus mortos, enterrando-os segundo os ritos adequados, assim eles não representariam perigo espiritual, os ritos marcavam a passagem para o outro mundo (REIS, 1991).

Em muitas sociedades, principalmente as norteadas por um pensamento religioso. A morte não é somente uma destruição, é um rito de passagem. O velório e o sepultamento devem auxiliar a alma até o outro mundo. Em uma concepção católica os bons teriam um destino diferente, estes habitariam o céu (REIS, 1991).

Manoel Nazário e toda a família de Filomena estiveram presentes em seu funeral. A celebração aconteceu na igreja matriz da cidade de Mauriti. Porém hoje Filomena está sepultada no distrito de Coité, na mesma cidade.

O sepultamento, bem como a missa, faz parte do ritual que marca a passagem para o outro mundo. “Se o morto passa ao outro mundo feliz e plenamente, ele poderá interceder pelos vivos juntos aos deuses” (REIS, 1991, p. 83).

Filomena teve um funeral digno, por ser de uma família de boas condições tudo foi preparado para que ela tivesse uma boa passagem. Com o passar dos anos surgem narrativas de santidade em torno de Filomena. Seria ela conhecida por muitos como “mártir Filomena”, e seu espaço de morte passa a ser visitado não somente por curiosos, muitos agora visitam-no para agradecer, rezar por sua alma e pedir sua intercessão por causas consideradas impossíveis.

A família construiu em seu espaço de morte uma pequena capela, onde as pessoas depositam suas orações. As narrativas apontam que a capela foi construída poucos anos após a morte de Filomena, como conta Auxiliadora Guimarães que casou com o sobrinho de Filomena em 1979, e a partir de então passou a cuidar da capela

É tão bom a gente tá lá (...), se eu pudesse eu ia todo dia lá (...), alí é uma paz, quando o homem foi colocar a cerâmica tinha a mancha do sangue, quando ele tava cavando, disse que tava a possinha de sangue onde caiu o sangue dela ficou (Auxiliadora Guimarães, 2022).

A narradora se refere ao momento em que houve uma reforma na capela, onde foi trocado o piso. A esse episódio foi atribuído a narrativa de que ao escavar o local era possível observar manchas de sangue que pertenciam a Filomena.

O espaço onde Filomena faleceu aos poucos vai se tornando um lugar de oração, onde a narradora atribui encontrar paz. Mesmo havendo acontecido uma tragédia no local as narrativas de santidade a Filomena o colocam sob um novo olhar onde graças podem ser alcançadas. O sangue visto no local apesar de muitos anos do ocorrido acresce a narrativa de santidade em torno de Filomena.

Essa narrativa lembra os exemplos dos santos martirizados, os quais seus locais de padecimento se tornavam especiais para a comunidade cristã, a exemplo da terra impregnada com sangue de Pedro Mártir no qual acreditava-se ter propriedades curativas (CYMBALISTA, 2011).

As histórias dos santos canonizados pela Igreja Católica não diferem muito das narrativas dos devotos de Filomena, muitas histórias de santos trazem como fator que enlaça o santo a morte trágica, muitas vezes encarada como um martírio. Ao ler a “Legenda Áurea” os cristãos aprendiam que os locais onde seus santos haviam sido martirizados eram especiais para as comunidades cristãs. No local do martírio de Santa Luzia, em Siracusa, havia sido edificada uma igreja em sua homenagem (CYMBALISTA, 2011)

A morte trágica tem como símbolo maior o martírio de Jesus Cristo, as representações do sofrimento de Cristo com seu corpo ensanguentado esta monumentalizado na memória da cristandade (CYMBALISTA, 2011).

Apesar de não ter sido canonizada oficialmente pela igreja a comunidade de Mauriti passa a intitular Filomena como “mártir” e em torno da morte trágica e de sua trajetória de vida propaga-se a narrativa de santidade.

As narrativas de santos martirizados se popularizam no início da idade moderna, não somente a morte violenta em nome da fé era considerada martírio, havia também o martírio literal que seria a forma extrema de lidar com as provações através da virtude da paciência. Logo, não somente a morte trágica seria encarada como martírio na vida dos santos, mas como também os sofrimentos provocados por doenças, opressões e provações de todas as espécies contavam como martírio (CYMBALISTA, 2011)

Através desse olhar entende-se o título de mártir dando pela população de Mauriti a Filomena. Já que, além de uma morte sofrida a mesma encarou sofrimentos em sua trajetória, demonstrando sempre a virtude da paciência. Ao indagar a narradora sobre o por que considera Filomena uma mulher santa ela tece a seguinte narrativa:

Porque ela era uma pessoa que nunca fez mal pra ninguém, nem nunca desejou, era uma mulher da igreja, rezava, ela sabia de tudo. A morte dela da maneira que ela morreu as pessoas ficaram mais comovidas com aquela morte, foi uma morte muito triste, disseram que enfiou um facão nela, morreu

sangrada, eu acho que se fosse uma morte natural as pessoas iam se comover, mas era uma morte natural tinha sido Deus. (Maria Gorete, 2022).

Ao explicar porque considera Filomena uma mulher santa a narradora faz uma observação sobre os fatores que unem essa santidade. Para ela, a trajetória de Filomena já representa sua santidade enquanto uma mulher que seguia o padrão da época e além disso dedicava sua vida a religião. Por outro lado, ela destaca a morte trágica como um fator que fez a população não esquecer de Filomena. Seu sofrimento ao padecer teria sido o selo da sua santidade, pois seria uma morte injusta diante da pessoa que Filomena foi.

A morte trágica e o sofrimento causado pela mesma são encarados como sinônimo de purificação, a vítima renasce divinizada. Na antiguidade, a santidade estava diretamente ligada a morte, santos eram aqueles que estavam preparados para morrer ou viviam uma espécie de morte lenta no mundo seguindo o exemplo de Cristo (ANDRADE, 2008). Sendo assim, o sofrimento em vida e em morte constituíam a santidade.

Mesmo diante das diversas histórias de santos não se pode generalizar o contexto da santidade feminina na cristandade. A santidade feminina se diferencia em alguns aspectos das histórias de santos homens. Neste contexto, é perceptível o estigma de gênero.

Nas histórias de santas apresentadas na Legenda Áurea (VARAZZE, 2003), o corpo feminino é apresentado como algo que deve estar em primeiro plano, sendo ele “puro”, virgem, para ser digno de santidade, uma santidade sexualizada através do corpo. Criando assim, um imaginário do que seria uma mulher santa, aquela que não teria praticado o pecado sexual e por fim padeciam de uma morte trágica. As histórias dessas mulheres, em sua maioria, reiteram a construção do “papel de mulher” dentro da igreja e da cristandade.

O corpo feminino parece ser o ponto de embate entre o bem e o mal, o bem seria a castidade, a reclusão e servidão a fé cristã, o mal seria o pecado sexual quando não praticado no casamento sob as bênçãos da igreja.

Filomena seguiu os mandamentos enquanto uma mulher que teve acesso a uma educação católica cristã. Casou-se e viveu sobre os princípios cristãos, carregando virtudes que uma mulher religiosa deveria carregar.

Os modelos de santidade feminina seguem um exemplo maior, que têm como representação a mulher perfeita, Maria, virgem e mãe de Deus. Maria era representada pelo trato delicado, com o lírio branco em mãos, como sinal de castidade, pureza, recato, acolhimento e proteção. Maria, mediava junto às autoridades divinas (masculinas), em favor dos pecadores na terra. Nessa intercessão, ela incorporava as antigas deusas maternas e

intercessoras junto aos deuses masculinos (HOORNAERT, 2014, p. 51). Apesar de ser mãe, Maria tem o lugar de intercessora, assim como as santas de devoção.

Logo, a pureza das mulheres santas não está somente em seu corpo virgem, mas na pureza de sua conduta e resignação, aquela que não manifestava rebeldia diante das situações, mas entregava seus sofrimentos nas mãos do divino, manifestando apenas a virtude da paciência e compaixão, assim como Maria mãe de Jesus.

O culto a Maria é um modelo a ser seguido pelas suas herdeiras, uma mulher cuja trajetória compensa os desvios de Eva. Nesta idealização mariana, as mulheres, ao seguirem este modelo de submissão, pureza, e sofrimento são tidas simbolicamente como “salvadoras” da sociedade. O papel maternal de Maria é idealizado no quadro da família sacramental. Logo, o casamento é visto como “mal necessário” para a procriação, mesmo assim, a mulher deve procurar se assemelhar a uma figura assexuada, guardando não somente a virgindade pré-nupcial, mas também a frigidez nupcial (ARY, 2000).

As narrativas sobre Filomena, bem como sua morte trágica compõem uma teia sobre a construção de santidade em torno da mesma. É notório que, as narrativas aqui apresentadas estão ligadas as relações de gênero que constituíram a trajetória de Filomena e hoje refletem nas narrativas sobre ela. Ao longo do próximo capítulo analisei outras questões que norteiam essa santidade.

3 NARRATIVAS DE UM PROCESSO

Era domingo à tarde, dia 20 de julho de 1975, quando Manoel Nazário de Lacerda seguia para a cidade de Mauriti. A fim de vender milho, produto típico da região nesta época do ano. Manoel Nazário era um homem de 53 anos que costumava utilizar o cavalo como transporte para se locomover do Sítio Pereiros até a cidade de Mauriti/CE.

Na tarde de domingo, assim como de costume, acontecia o catecismo ministrado por Filomena de Lacerda às crianças da comunidade do Sítio Pereiros. Manoel acompanhou a esposa até a casa de Dona Leonor, local onde acontecia o catecismo e seguiu viagem até a cidade de Mauriti. Não demorou muito e antes do anoitecer Manoel Nazário retornou ao Sítio, fazendo uma parada no Sítio Apanha Peixe na casa dos pais de Antônia Bezerra de Lima, com quem mantinha relações extraconjugais.

Ao anoitecer, Manoel resolveu dormir na casa dos pais de Antônia. Esse fato já era corriqueiro na vida do casal de amantes, mas aquela noite seria diferente e marcaria a comunidade de Mauriti por muitos anos. Durante a madrugada Manoel e Antônia seguem pela estrada de terra com destino ao Sítio Pereiros. No Sítio Pereiros Filomena estava a dormir.

Ao chegar na propriedade, o casal de amantes adentra a casa, Filomena não se dá conta da presença deles, em seu quarto ela é surpreendida por Manoel que a agarra abafando sua voz para que ninguém pudesse ouvir seu grito de socorro. Enquanto Manoel a segura, ordena que Antônia lhe dê um golpe no pescoço, golpe este que ceifou sua vida. Naquela madrugada do dia 21 de julho de 1975 padeceu Maria Filomena de Lacerda, vítima de um assassinato praticado de forma fria e cruel. Porém sua trajetória não padeceu com ela e continuou a ser lembrada, recontada e acrescida pela comunidade de Mauriti.

Entre os elementos que marcam de forma escrita este caso está o seu processo criminal. Nas entrelinhas desta fonte é possível perceber as características atribuídas aos personagens deste enredo. Como já escrevia Carlo Ginzburg (1991) não existe texto neutro, mesmo um inventário tem códigos que precisam ser decifrados. As narrações dos personagens que compõem este processo crime revelam as relações sociais entre o casal Lacerda e a comunidade, bem como todo o desenrolar da investigação e o olhar das autoridades sobre o fato. Além disso, a narração dos autores do crime nos mostra como eles realizaram sua defesa.

A investigação do caso e a construção do processo foram feitas pela comarca de Mauriti/CE, cartório 2º ofício. O processo é composto por 275 páginas, contendo depoimentos

das testemunhas e dos acusados, bem como o julgamento e a sentença dos réus. O último documento anexado ao processo data do ano de 1988. O documento contou com dois escrivães, Moises da Cruz e Francisco Chagas Sampaio, tendo como delegado especial de polícia o sargento Miguel José Cavalcante, e como juiz Francisco Domingos de Galiza. Estes, são de extrema importância no que tange a construção do processo crime já que:

Havia uma seleção de fatos que deveriam constar ou não dos autos. O acusado, referido no processo sempre na terceira pessoa, falava mediante outras vozes, ou seja, sua fala era transcrita de acordo com a interpretação daquele que ditava ao escrivão as palavras que ficariam registradas no processo (delegado ou juiz). (FREITAS, 2007).

A partir disso, é possível perceber o refinamento quanto a linguagem utilizada no processo que exerce papel fundamental na construção das narrativas sobre essa experiência histórica. Entendo que, o discurso posto no processo crime, segue a linha de raciocínio organizada pela instituição judiciária da época, logo esse discurso, como já disse Certeau (1999) é selecionado, organizado e tido como verdadeiro, a partir do pronunciamento feito por quem é de direito e conforme o ritual requerido. Sendo assim o sistema penal apoia-se através do discurso de verdade.

O discurso construído durante o processo crime, por meio das testemunhas e dos acusados, está na origem de novos atos de fala que os retomam. Esse discurso é por vezes retomado pelos narradores. E “Para além da sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (CERTEAU, 1999, p. 22), já que a partir deste discurso surge a construção de cada um dos personagens que ensejam este conflito.

A narrativa qualifica o crime como horripilante “jamais nos deparamos com um crime tão horripilante, como o que trata estes autos”⁹. Tamanho sentimento manifestado pelos envolvidos no processo de Filomena, demonstra como o fato foi recebido pela população.

Pensamos aqui que, este fato causou espanto por se tratar de uma mulher cuja trajetória se fazia exemplar como descreve o processo: “senhora de ótima reputação em nosso meio social, deverás religiosa e esposa dedicada do seu aludido acusado”¹⁰

A religiosidade de Filomena é algo que está junto a ela em todas as narrativas. O olhar que se constrói sobre a mesma, mesmo em documentos “oficiais” não foge a narrativa de que ela estava sempre na confiança do divino, e em seu leito de morte teria proferido estas palavras “valei-me nossa senhora”.¹¹

⁹ Processo crime de Filomena p.2

¹⁰ Ibidem p.2

¹¹ Processo crime de Filomena p.2

Junto as narrativas que se apresentam o caso de Filomena, está a figura da amante, uma mulher que sob as narrações entra em contraste com a figura da esposa dedicada. Essas questões expressam a marca social que a amante tem, de uma mulher cruel e fria. Segundo as descrições do documento, Antônia teria friamente deferido facadas sobre Filomena de Lacerda, após perguntar ao seu amante por onde deveria começar.

3.1 Antônia

Mas quem é Antônia Bezerra de Lima? Popularmente conhecida como "Toinha". Segundo as fontes recolhidas para o estudo, Antônia é uma jovem de família com poucas condições financeiras que vivia no Sítio Apanha Peixe, nas proximidades da casa de Filomena.

Antônia, filha de Antônio Bezerra de Lima e Maria Martins de Moraes, na época em que ocorreu o crime tinha 18 anos de idade, já mantinha um relacionamento com Manoel Nazário a aproximadamente três anos. Pouco se sabe sobre a personalidade de Antônia, muito do que se repete entre os narradores está no processo crime, seria ela a mulher que teria convencido Manoel Nazário a matar Filomena. Neste caso, Antônia também se constitui enquanto uma jovem menina que foi violentada por um senhor com mais de 50 anos.

Como afirma Falci (2004), as mulheres pobres como roceiras ou que desempenham outras atividades diárias como Antônia, temos mais dificuldades em conhecer. Pois, os registros sobre elas se tornam mais escassos, já que elas não dispunham de bens, nem inventários, e muitas eram analfabetas. O que torna mais difícil saber sobre seus anseios, medos e angústias.

O processo crime de Filomena é construído pelas narrativas das testemunhas que contam um pouco do que observavam na vida do casal e em especial no dia do crime. Como já citado no início deste estudo, na madrugada do dia 21 de julho de 1975, Filomena foi assassinada pelo seu marido e a amante do mesmo, mas o crime só veio à tona ao amanhecer.

O título que apresenta o depoimento de Antônia, traz consigo o motivo pelo qual ela é lembrada neste enredo “ A amante de Manoel Nazário”. Ao fim da tarde do dia 22 de julho, “Toinha” como era conhecida, compareceu a delegacia de polícia para prestar seu depoimento, uma jovem de apenas 18 anos, filha de agricultores, sabendo assinar apenas o nome.

Em seu depoimento ela apresenta uma narrativa diferente do bem-amado, sobre como iniciaram o relacionamento. Segundo ela, as investidas de Manoel teriam começado quando ela tinha apenas 15 anos, Manoel a teria perseguido durante seis meses até convence-la

a manter relações sexuais com ele. A declaração da jovem denuncia a violência sofrida por ela, assim sua narrativa é transcrita no processo:

Desde a idade de 15 anos foi iludida por Manoel Nazário o qual passou nada menos que seis meses lhe perseguindo, até que uma certa vez, lhe convenceu a manter relações sexuais pela primeira vez na própria casa dos pais da declarante.¹²

Neste trecho percebemos um caso à parte no processo, onde uma jovem de quinze anos na época, havia começado a se relacionar com um senhor de 50. Esse fato transparece um pouco das relações sociais que ensejam este contexto. Manoel por ser um senhor de posses é respeitado por toda a comunidade, não recebe críticas sobre seu relacionamento extraconjugal com a jovem Antônia. Segundo as testemunhas, os genitores da declarante tinham comum conhecimento do caso e compactuavam para que o encontro fosse em seu lar.

Teria Manoel negócios com o pai de Antônia e essas questões facilitaram o acesso de Manoel a casa da jovem. Alguns dias antes do crime Manoel havia sofrido um pequeno acidente no trabalho rural, passando alguns dias sob os cuidados da família Bezerra. Neste momento, os boatos de que Manoel moraria definitivamente com sua amante abalaram a comunidade.

Os laços de amizade com os pais de Antônia foram porta de entrada para o início do relacionamento, bem como a vulnerabilidade com que a jovem se apresentava ao seu amante. Manoel era o amigo estimado da família e aos poucos criou teias que estavam além do romance com a jovem, com o olhar mais maduro Manoel Nazário se aproveita da jovialidade, e da condição social de Antônia, para transformá-la em uma “Teúda e Manteúda”, ou seja, a amante, aquela que vivia sob seus cuidados (PRIORE, 2011). Mesmo não estando totalmente dependente de Manoel, ele mantinha toda a sua influência sobre os negócios da família de Antônia, acabando por assim exercer controle sobre sua vida. Os presentes recebidos pela jovem, agradavam todo o contexto criado por Manoel e a mantinha por perto.

Os laços de amizade criados por Manoel com a família de Antônia se estendiam à sua irmã, que juntamente com o marido Nelson Tonheiro eram moradores da casa principal de Manoel e Filomena no Sítio Pereiros. Como sinônimo de gratidão ao casal Lacerda, os moradores convidaram Manoel e Filomena para apadrinhar seu filho.

Manoel é o que podemos considerar o fazendeiro coronel, por sua influência e favoritismo exercido na comunidade do sítio Pereiros mantendo consigo a família Bezerra como agregados em uma relação de compadrios.

¹² Processo crime, p.19

A submissão dos/as agregados/as (...) configurava também uma relação de favoritismos e compadrios, onde agregados convidavam coronéis para ser padrinhos de casamento, batismo, criando-se laços amistosos e afetivos¹³ ((MUNIZ, 2015, p. 4).

A figura do homem viril e respeitado na comunidade de Mauriti, faz a relação extraconjugal de Manoel Nazário se naturalizar. Já o olhar social sobre a figura da amante continua a percebê-la enquanto uma mulher perversa.

Historicamente a figura feminina da amante é vista de forma diferente pela sociedade, em contrapartida ao amante masculino, que tem sua relação extraconjugal legitimada como um bem comum a todos os homens. Nesse sentido a relação extraconjugal seria a distração e o prazer necessário ao sexo masculino: “O poder masculino dentro do casamento era total. Traições masculinas? Consideradas normais” (PRIORE, 2011, p. 38). Era na rua, fora do ambiente familiar que os homens buscavam diversão, aquele cuja a fama era de virilidade ganhava o adjetivo de “o Fodedor” entre outros nomes (PRIORE, 2011).

Já a figura feminina da amante é desprezada pela sociedade, seria ela a mulher perversa, o impasse para o casamento perfeito, por muitas vezes chamadas de “Teúdas e Manteúdas”. O olhar de condenação para a mulher amante é visível até os dias atuais em contraposição ao olhar sobre o amante masculino.

Em meados do século XIX no sertão nordestino era comum homens de prestígio e de boa condição social, buscarem relações extraconjugais com mulheres mais jovens. “Uma certa vertente culta que intimidava os humildes”, chamadas de cunhã ou amásia, essas mulheres acabam por adquirir um certo status social e amparo. Porém, a sociedade exigia dela comportamentos adequados, ela deveria ser “conhedora do seu lugar” que seria distinto do ocupado pela esposa legítima (FALCI, 2004)

Logo, as construções sociais sobre a figura feminina da amante refletem diretamente nas questões de gênero. Antônia Bezerra nas fontes até aqui analisadas é lembrada somente pelo seu caso com Manoel e pela perversidade atribuída a ela sobre o crime. Diferentemente de Filomena que era uma mulher de posses, Antônia vinha de uma família humilde, o que tem maior influência sobre o julgamento da comunidade para com a mesma.

Diante das construções sociais esperava-se comportamentos diferentes da esposa e amante. Pois, era com a amante que o homem deveria sentir prazer e divertir-se sexualmente,

¹³ Vale lembrar que mesmo com o fim da República Velha em 1930, as práticas coronelísticas não se findaram. Dentro delas, a população excluída e renegada se via protegida numa rede de compadrios estabelecida pelos coronéis.

da esposa esperava-se um comportamento de recato fruto do casamento sob os moldes cristãos, a mesma deveria ter gostos requintadas. Logo, esposa e amante não deveriam frequentar o mesmo lugar. Esse olhar coloca a amante e esposa em classes distintas por meio dos gostos e comportamentos que se espera de ambas (MUNIZ, 2015).

Essa distinção social é fruto, segundo Bourdieu, das relações sociais. Segundo ele, o mundo move-se como um sistema simbólico de relações de poder, as distinções servem de base para julgamentos, uma forma de distinguir socialmente os sujeitos, o que enquadra esposa e amante a partir dos seus gostos em grupos sociais distintos (BOURDIEU, 2007).

Neste período final do século XX a cidade de Mauriti era pequena, os cafés eram ponto de encontro daqueles que vinham até a cidade em busca de vender ou comprar, diferentemente dos cafés da capital que ostentavam o ar de sofisticação. Segundo as narrativas orais, os cafés da cidade de Mauriti eram simples. Eram espaços onde vendiam refeições aos visitantes que ali passavam. Geralmente eles estavam localizados no centro da cidade em volta da praça da matriz e eram ponto de encontro em dias de feira livre.

Figura 11 - Praça da matriz em Mauriti/CE década de 60/70



Fonte: Memória Mauriti década de 60/70. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/191718184248865/search/?q=rua>, acesso: 12/03/2022

Era nestes cafés que Antônia e Manoel também costumavam conversar. Antônia relata um momento em que Filomena avista seu esposo:

A declarante se encontrava no café de Morais nesta cidade, conversando com Manoel Nazário, quando ali chegou a esposa dele, a qual avistou a declarante, falou: “Ei sua cobra você quer desatar o nó que já estar dado”; no que a declarante respondeu que nunca tinha chamado Manoel Nazário para a casa de seus pais, e sim ele frequentava de livre e espontânea vontade; que desta

data em diante a declarante ficou muito desgostosa e ficou ou melhor procurou todos os meios para se livrar de Manoel Nazário, não encontrando.¹⁴

Esta passagem revela a forma como Filomena percebia a relação extraconjugal do marido, ao se referir a amante ela trata a relação movida pelas investidas de Antônia. A palavra “nó” é utilizada por Filomena para se referir ao casamento que unirá ela e Manoel Nazário, “nó” este que não poderia ser desatado.

A fala de Antônia em seu depoimento revela um pouco das conversas que ela tinha com Manoel. Ele fazia suposições que caso sua esposa morresse iria “amparar” Antônia. “Se sua mulher morresse primeiro, amparava a declarante, e se fosse ele primeiro estava os dois lascados”¹⁵.

As investidas de Manoel Nazário sobre Antônia estavam além das conversas, o mesmo presenteava sua amante com roupas e calçados. No dia do crime, como já citado, Manoel dormiu na casa de sua amante: “Manoel Nazário ficou deitado na varanda como de costume, onde mais tarde, na mesma noite, a declarante veio para onde ele estava”.

Antônia está intimamente ligada a teia de poder que Manoel Nazário exerce sobre a comunidade onde vivia. Ao frequentar sua casa Manoel marca um território simbólico e cria laços de poder, influenciando as vivências de Antônia e de sua família. Os vínculos criados por Manoel acabam por legitimar sua exploração (SAFFIOTI, 2002).

3.2 Manoel Nazário

Manoel Nazário era um homem que figurava o sertanejo da época. Andava a cavalo e levava consigo uma “peixeira”, este objeto era muitas vezes interpretado pelo homem do interior como uma arma de defesa. Esse traço de Manoel revela as construções do homem nordestino, enquanto valente e destemido, culminam no uso que os mesmos faziam de armas brancas como instrumento de defesa, mas também como símbolo de poder: “A própria posse da arma era uma questão de honra, símbolo máximo de sua liberdade pessoal” (ALBULQUERQUER JR, 2013, p. 176).

¹⁴ Processo crime, p.19

¹⁵Processo crime, p. 19

O advogado de defesa de Manoel, o Sr. Cauby de Vasconcelos Sobral, o descreve como: “Um homem de influência na sociedade deste município(...) agricultor, criador e proprietário no sítio Pereiros, tendo transações no banco do Brasil e no comércio local”.¹⁶

A narrativa do advogado de defesa de Manoel demonstra em sua fala a influência que ele exerce na comunidade de Mauriti. Não se tratava de um sujeito qualquer, Manoel figura o pater famílias cujo poder se estende para além das relações consanguíneas, consolidando um domínio, nessa posição ele tem maior possibilidade de definir como a realidade será percebida e mascarar situações (SAFFIOTI,2002).

Manoel e Filomena já se conheciam antes mesmo do casamento, pois eram primos. Porém, moravam em cidades diferentes, ele residia na cidade de Conceição no estado da Paraíba e ao casar-se com ela veio morar na cidade de Mauriti.

Segundo Vieira (2006) na região da Paraíba, em especial na cidade de Conceição, era tradição o casamento entre membros da mesma família, configurando casamentos consanguíneos. Apesar de serem vistos como “tradição”, outros fatores eram observados como o conhecimento de casar com “primo” ao invés de um “estranho, além disso, as questões de classe social e raça influenciavam na decisão de casar-se.

Manoel inicia seu depoimento falando da vida pessoal do casal e explicando o motivo de não terem filhos; O mesmo fala que Filomena havia passado por quatro cirurgias, e após esses fatos tomou conhecimento que não poderia ter filhos. Para Manoel o sangue do casal não se “unia” e isso os impediria de ter filhos.

Maria Filomena de Lacerda, sua prima segunda; que desde o consórcio nunca nasceu um filho; que a mesma anteriormente fora operada por quatro vezes em seguidas, quando ficou desenganada de que o sangue dela não se unia com o do declarante, razão porque não produzia filhos.¹⁷

Esta fala transcrita do depoimento de Manoel, detalha um pouco sobre sua percepção diante da vivência conjugal. Mesmo perante o episódio criminal ele tenta construir a figura da esposa enquanto uma mulher frágil e doente. E, apoiado nisso, justificar a relação conjugal com outra mulher. Neste momento percebe-se o olhar sobre Filomena, enquanto uma mulher de saúde frágil que por não ter filhos talvez fosse vista pelo marido como incompleta

Já que o valor da mulher-esposa “perante a sociedade estava diretamente ligado a honestidade, recato, exercício das funções dentro do lar e pelos inúmeros filhos que daria ao marido” (FALCI, 2012. p. 269). Em uma cultura que alimenta o estereótipo do amor de mãe

¹⁶Processo crime, p. 94

¹⁷ Processo crime, p.13

como instintivo, ser uma mulher casada sem filhos poderia ser motivo de olhares indiferentes e sofrimentos na vida conjugal.

Manoel vai construindo sua narrativa de uma forma cronológica e fala sobre a mudança do casal para a zona rural, explicando que moravam na cidade, em uma boa localização, próximo a igreja matriz, quando Filomena desejou passar uma temporada na fazenda. Porém a casa principal estava ocupada por caseiros e ela preferiu morar no casebre.

Neste momento do depoimento, Manoel Nazário argumenta a fim de retirar qualquer culpa que haja sobre ele em relação a Filomena estar morando em um lugar com péssimas instalações e sem nenhum conforto.

Como já citado, na noite que antecedeu o crime, Manoel dormiu na casa do senhor Antônio Bezerra de Lima, onde residia sua amante Antônia, fato este que era corriqueiro. Segundo Manoel, na manhã do dia seguinte o mesmo apanhou seu cavalo e seguiu rumo a sua residência. No caminho encontra o vizinho, por nome de Zuza, genro de Dona Leonor e pergunta sobre sua esposa, o mesmo informou que Filomena havia retornado para casa na tardinha do dia anterior.

O discurso e trajetória de Manoel sobre o dia do crime são arquitetados para transparecer total desconhecimento sobre onde estaria sua esposa. Ele simula que supostamente Filomena havia dormido na casa de Dona Leonor, local onde ela havia ministrado o catecismo na tarde anterior.

Ainda a caminho de sua residência Manoel encontra seu caseiro e compadre Nelson Tonheiro, que ao ser perguntado por Filomena, confirma que ela havia dormido em casa. Manoel lamenta o fato, para ele neste discurso o caseiro e sua esposa deveriam ter oferecido local para que Filomena dormisse aquela noite

Quando passou na residência de seu compadre Nelson Tonheiro, o mesmo lhe adiantou que a esposa do declarante efetivamente teria ido dormir em casa sozinha na noite do domingo; que sentiu que seu compadre não estava sendo muito legal, de vez que poderiam não ter deixado sua esposa dormir sozinha, lastimou um pouco.¹⁸

Seguindo o diálogo, Manoel convida o compadre a ir com ele até sua casa pegar leite para o afilhado. Nelson sugere que sua esposa acompanhe Manoel. Neste momento, a esposa de Nelson por nome de Francisca Bezerra de Lima é irmã de Antônia. Essa questão, nos faz entender um pouco o universo que vivia Filomena e a proteção que Manoel Nazário recebia de todos que eram próximos ao casal.

¹⁸ Processo crime p. 14

Ao seguir até sua residência acompanhado de sua comadre Francisca, Manoel Nazário avistou o casebre de portas fechadas e chega a estranhar. O mesmo, ao se aproximar da casa chama por Filomena, não sendo correspondido, sua comadre se aproxima da porta e observa por uma pequena fresta o corpo de Filomena ao chão, Francisca se assusta e sai em desespero.

O cenário do crime é visitado pelo autor com estranheza, Manoel adentra ao lar em sua narração com espanto, desconhecendo a cena que havia encontrado, e passa a lastimar todo o acontecido e descreve friamente como encontrou a esposa: “estirada no chão próximo a rede que se achava pendurada no armador, com a boca já cheia de formigas; (...) pensando tratar-se de um colapso, notou um ronco/ dentro dela e em seguida o “sangueiro” saindo por um ferimento existente em seu pescoço”¹⁹. Nesse momento Manoel leva o corpo da esposa até a sala e a vizinhança começa a chegar no local.

O depoimento de Manoel Nazário, o primeiro de uma série de pessoas que depõe sobre o crime, encerra seu relato afirmando que não teve envolvimento no caso e apontando para um suposto autor, essa seria uma forma que ele encontrou de desviar a atenção sobre si.

Mas para qualquer dúvida que restasse sobre a sua índole, o mesmo afirma ter um relacionamento extraconjugal com Antônia, fato que ele começou o seu depoimento justificando, e afirma ter sido iludido pela jovem caindo em sua conversa. “Tinha um namoro com Antônia Bezerra acerca de três anos aproximadamente, cuja moça passou a iludir o declarante, até quando o mesmo caiu na conversa e quando procurou manter relações sexuais com a mesma ela não era mais moça”.²⁰

A partir deste momento, Manoel segue o discurso onde ele é a vítima. Teria o mesmo sido iludido pela jovem Antônia e estava neste relacionamento com ela a três anos, quando tudo começou a jovem não tinha a maior idade, mas procurando ter relações sexuais com a mesma ela não seria “moça” (virgem). Nesta passagem, percebi como a mulher ainda era avaliada no século XX, a virgindade seria um ponto para validar Antônia enquanto uma jovem digna

A honra feminina, por sua vez, era ligada ao exercício de sua sexualidade e ao grau de exposição pública. Dentro do discurso, a noção de honra confundia-se com a própria definição de mulher; ou seja, a mulher sem honra não era mulher, transformando-se em outro “ser” qualquer digno de escárnio e dono de virtudes vergonhosas (FREITAS, 2007; p.96)

¹⁹ Processo crime p. 15

²⁰Processo crime p. 15

Apesar do contexto do século XX indicar inúmeras mudanças relacionadas à chegada da modernidade e ao avanço em relação a conquista da escolarização pelas mulheres, é notório que essas mudanças não foram sentidas em todos os âmbitos sociais (BIASOLI-ALVES, 2000)

Neste estudo em pauta, percebe-se a vivência do feminino e suas relações sociais no cotidiano. Antônia era uma jovem do final da década de 80, de família humilde no sertão nordestino, como trata o processo, a mesma ajudava seus pais com a venda de alimentos como: queijo, ovos e galinhas no comércio da cidade de Mauriti/CE. Era costumeiro, segundo as narrativas orais, ver Antônia acompanhada de Manoel Nazário ao retornar da pequena feira livre na cidade.

O cotidiano de Antônia não foge ao cotidiano de muitas mulheres que precisavam ir em busca de trabalho e sustento para ajudar seus familiares. Nesse sentido, o olhar sobre a vivência feminina transparece questões sociais que permeiam a vida das mulheres, onde o confinamento feminino na vida doméstica era possibilitado às mulheres que pertenciam a uma classe social mais abastada. Nesse espaço estariam elas protegidas da sedução ou dos assédios sexuais. Entretanto os homens da elite procuravam abordar, com sutilezas, falsas promessas ou mesmo violência, outras mulheres (FALCI, 2012).

As Particularidades que são encontradas no caso de Filomena e em todo o seu desenrolar, quebram com o estereótipo que se difundiu por um bom tempo, a ideia em que a mulher brasileira vivia enclausurada. É notório perceber que essa vivência feminina variava de acordo com a classe social. Logo, as questões de honra feminina e familiar estavam estreitamente ligadas à hierarquia social, quando se tratava do enclausuramento feminino.

Mas, como cada sujeito e trajetória tem suas particularidades o fato de Antônia pertencer a uma família humilde não invalida a presença e o valor que a “honra” feminina posta através da virgindade representava. Na narrativa de Manoel Nazário é perceptível que este era um fator que constrói a figura de Antônia enquanto uma mulher desonrada.

Aqui a honra feminina está ligada a hierarquia social no que trata a relação de Manoel, um senhor de 53 anos, e uma jovem que no início do namoro tinha apenas 15 anos. O discurso que é posto por Manoel constrói sua imagem enquanto vítima, mas em nenhum momento é colocado em discussão pelas autoridades ou cogitado a possibilidade de falsas promessas por parte de dele, levando em consideração a menor idade de Antônia naquele período.

Logo, o discurso produzido por Manoel Nazário tem em si uma marca patriarcal que é aceita pela instituição judiciária, onde o desenrolar do crime e a investigação do processo

parte da lógica de sua narrativa. Em nenhum momento seu caráter como homem respeitado socialmente é posto em teste frente aos relatos de sua amante. Logo, têm-se um descrédito do discurso de Antônia.

No processo de construção do caso instala-se uma espécie de verdade que se expressa ao final do julgamento, essa “verdade” não se constrói somente pelas situações investigadas, mas também de acordo com modelos admitidos. Um caso também constrói códigos, escolhendo o que será e não será dito (CORREA, 1983).

Esse fator tem um grande significado no discurso do assassino, visto que a todo momento ele tenta construir a imagem das mulheres que estão ao seu redor, Filomena como uma esposa doente e Antônia a amante “da vida” uma mulher sem preceitos, com este discurso o mesmo justifica a procura de uma amante, ao mesmo tempo que culpa a jovem de tê-lo procurado. Muitas vezes essa narrativa é tomada como verdade na análise do caso.

A representação da esposa doente e frágil compõe mais um símbolo de virilidade masculina. Onde Manoel constrói nas entrelinhas a ideia que precisaria de uma amante. Já que, para os homens sempre se estimulou o livre exercício da sexualidade, símbolo da virilidade, enquanto que na mulher tal atitude era condenada. Logo, mulheres solteiras que se deixassem desvirginar perdiam o direito a qualquer consideração, e no caso de uma relação ilegítima, não se sentiam os homens responsabilizados, devendo as mulheres arcarem com as consequências do “erro” (SOIHET, 2012).

Manoel compareceu ao velório de sua esposa recebendo as condolências e figurando o marido que sofria com a falta da mesma como mostra a fotografia abaixo:

Figura 12 - Velório de Filomena na Igreja Matriz de Mauriti



Fonte: Velório de Filomena, acervo pessoal de Padre Ismael.

De camisa estampada com a mão sobre o caixão, o esposo de Filomena, Manoel Nazário esconde seu olhar diante da fotografia. No momento da foto ele olha para Filomena como o esposo que lamenta a partida de sua amada, seu gesto tenta transfigurar tristeza.

Ao redor do corpo padecido naquele dia 21 de julho, a família Lacerda se reuniu. Estava ali sobre a cabeceira do caixão a mãe de Filomena, por nome de Maria de Moraes Lacerda, e ao lado de Manoel, estava seu pai, João Nazário de Lacerda. É perceptível na fotografia que as vestimentas dos familiares que ali estão na missa de corpo presente são todas trajes finos representando a importância da ocasião. A celebração aconteceu na igreja matriz da cidade de Mauriti, hoje Filomena está sepultada no distrito de Coité, na mesma cidade.

O sepultamento, bem como a missa, faz parte do ritual que marca a passagem para o outro mundo. “Se o morto passa ao outro mundo feliz e plenamente, ele poderá interceder pelos vivos juntos aos deuses” (REIS, 1991, p. 83).

As formas de manifestar a fé podem ser também observadas sobre o ritual fúnebre. Na fotografia Filomena está vestida com o hábito de Santa Tereza, santa a qual tinha expressa devoção. A preocupação com a escolha da roupa mortuária era comum em muitos países da Europa, se popularizando no Brasil do século XIX. Geralmente as pessoas encarregavam seus parentes a cuidar do seu hábito ou mortalha como assim eram conhecidas as roupas, o encarregado poderia comprar ou mandar fazer no formato que havia sido pedido. Ser enterrado com hábito de santos ou roupa branca eram os pedidos mais recorrentes. Usar as mortalhas de santo era sinônimo de apelo para que o santo o ajudasse na passagem para a vida eterna, a indumentária do santo era uma espécie de proteção rumo ao paraíso celeste, geralmente as mulheres vestiam-se com mortalhas de santas (REIS, 1991).

A fotografia de Filomena em seu pós-morte é algo comum para a época, uma forma de guardar a última presença material do corpo e ao mesmo tempo tentar preencher o vazio que será deixado com a ausência do ente querido. Além disso, o registro pode ser usado como instrumento de apoio para superar o luto e lutar contra o esquecimento, uma forma de prolongar o vínculo e manter a aproximação (SOARES, 2007).

O ato de fotografar pode ser considerado o que Chartier conceitua como representação:

[...] a imagem que remete a ideia e a memória dos objetos ausentes, e pinta tais como são. Neste primeiro sentido, a representação mostra o ‘objeto ausente’ (coisa, conceito ou pessoa), substituindo por uma ‘imagem’ capaz de representá-lo adequadamente (CHARTIER, 2002, p.165).

A fotografia como imagem de quem está ausente materializa a memória para que aquele que partiu não seja esquecido, revelando detalhes que com o passar dos anos se perderia na memória psíquica. Representar aquele que se foi é também uma forma de demonstrar afeto, carinho e homenagear o ente querido.

A imagem acima, que a muitos anos atrás foi um singelo registro daquele momento doloroso e uma forma que a família encontrou de materializar um último encontro físico com Filomena, hoje revela um pouco do complexo momento vivido por sua família.

Até o momento da foto o plano de Manoel ocorria como planejado. Afinal, ele pretendia culpar Willame, um jovem que já tinha antecedentes criminais. Willame era um motorista de 32 anos de idade, acusado por Manoel Nazário de ter assassinado Filomena. Em seu depoimento Willame se defende da acusação, falando que estava foragido da polícia por outros motivos, mas ao saber que estava sendo acusado deste crime resolveu apresentar-se.

O motorista ressalta não ter envolvimento com a morte de Filomena, mas tinha conhecimento que alguns dias atrás, Antônia amante de Manoel, havia procurado uma mulher cuja a mãe fazia catimbó, “Antônia Bezerra, queria mandar fazer um para matar a/ esposa Manoel Nazário de Lacerda seu amásio”²¹ Percebemos aqui a constituição de um catolicismo que é composto através de múltiplas experiências através da crença religiosa se mistura com os elementos de várias religiões, onde se recorre para pedir aquilo que se deseja

O catolicismo de origem europeia continuaria, na colônia, a se mesclar com elementos estranhos a ele, multifacetados muitas vezes como a própria religião africana transmitida. Ainda no primeiro século de vida, a colônia veria proliferarem em seu solo as santidades sincréticas, misturas de práticas indígenas e católicas (DE MELLO, 1986, p.94).

“Catimbó” nas línguas tupi-guarani significa fumaça do mato ou vapor de erva, os indígenas que habitavam o sertão nordestino como os Tapuias apresentaram maior influência sobre a Jurema e rituais do Catimbó (HENEINE, 2020). O catimbó e a Jurema podem ser compreendidos como práticas religiosas que têm suas concepções em torno da planta denominada de jurema, tida como sagrada (SAMPAIO, 2016, p. 152).

No entanto, o uso da palavra “catimbó”, utilizada pelo motorista, tem sinônimo de uma força divina utilizada para fins maléficos, por estar associada a práticas religiosas ligadas às religiões de matriz africana ou indígena, sendo sempre associadas a finalidades ruins.

O depoente ressalta que Antônia chegou a pedir um revólver emprestado a seu irmão, com o argumento que iria a uma festa em um distrito da cidade. Em sua fala ele reforça

²¹ Processo crime, p. 16

que o caso entre Manoel e Antônia era de conhecimento de toda a comunidade. O fato de Filomena estar morando no sítio seria um plano de Manoel, havendo o mesmo feito comentários com o depoente sobre o assunto.

Em contraposição, em seu depoimento, o marido de Filomena ressalta que a mesma teria mudado para evitar aborrecimentos relacionados às traições. Para Willame, Manoel Nazário teria planejado a mudança de Filomena para o Sítio Pereiros. O mesmo ainda completa que alguns meses antes do fato, tomou café com o casal e Filomena não demonstrava tristeza por estar morando no sítio.

Apesar desse depoimento apresentar que Filomena não demonstrava estar insatisfeita com a vida no sítio, uma carta escrita pela mesma é enviada a sua mãe mostra o contrário. Na carta Filomena demonstra estar angustiada, prevendo que algo poderia lhe acontecer, com as seguintes palavras, ela fala a sua mãe: “meu calvário a de subir” e pede que sua mãe reze por ela.

Interpretamos que essa carta enviada por Filomena a sua mãe, revela o sentimento da mesma diante da situação matrimonial que vivia, mas por ser uma mulher religiosa e fiel aos preceitos cristãos seguia a esperar por uma ação divina.

Essas questões de vivência conjugal se caracterizam como uma violência, a violência do abandono, do desprezo e do malquerer já que

A violência não é percebida ali mesmo onde se origina e ali mesmo onde se define como violência propriamente dita, isto é, como toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural. Mais do que isso, a sociedade não percebe que as próprias explicações oferecidas são violentas porque está cega ao lugar efetivo da produção da violência, isto é, a estrutura da sociedade brasileira (CHAUÍ, 2003, p. 52).

Logo, a partir dessas narrativas, percebemos que a violência de Manoel Nazário em relação a Maria Filomena não se inicia no ato de violência física, mas nas relações entre o casal, que infelizmente culminou com a morte da mesma. Essa questão vai além da violência propriamente dita, ela diz muito sobre como a sociedade brasileira está estruturada, sobre a naturalização do mandar e obedecer, sustentadas em padrões patriarcais e machistas.

Willame ainda enfatiza o costume que Filomena tinha de rezar, esse costume é conhecido por todos. Segundo ele, muitas mulheres casadas aconselhavam Filomena a dar uma “pisa” em Antônia, mas a mesma por ser muito católica alegava não ter coragem de fazer mal algum.

Essas questões de como Filomena tinha o costume de rezar aliada a construção por parte do Marido que ela era uma mulher doente e frágil podem ser encaradas como elementos que após a morte da mesma iriam contribuir para a construção de uma santidade.

3.3 Outras vozes

As testemunhas relataram estarem realizando atividades diárias quando a notícia do crime começou a se espalhar pelo pequeno Sítio Pereiros. Como era de costume, quando alguém falecia as pessoas saíam para avisar nas proximidades e assim todos ficavam sabendo do acontecido.

O Sr. Pedro José, agricultor, estava no curral próximo a sua residência quando ali chegou Nelson José Tonheiro da Silva lhe declarando que a esposa de Manoel Nazário de Lacerda, teria amanhecido morta sangrando, encontrada pelo próprio marido.²²

Os costumes e atividades realizadas pelos moradores do Sítio Pereiros diziam muito sobre a comunidade, é o que Heller (2016) chama de vida cotidiana. Segundo heller, elas refletem não só sobre o indivíduo, mas também sobre a comunidade ao qual ele pertence. A vida cotidiana é a vida do indivíduo, ser particular e ser genérico. A organização das atividades cotidianas não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico. O trabalho no curral demonstra uma comunidade voltada para as atividades rurais primárias, as maneiras de falar no ato da comunicação do falecimento de algum membro da comunidade revelam que o meio de comunicação mais válido para a época era através da fala. Seria esse indivíduo o mensageiro ao levar a notícia do padecimento.

O local onde Filomena residia é descrito como uma “tapera bastante deteriorada” composta somente por três cômodos, com portas “protegidas por escoras de pau”. É interessante pensar sobre o quanto o espaço de morte está ligado às construções sobre esta mulher. Mesmo reconhecida socialmente como uma mulher de posses, seu leito de morte é um casebre que pode ser considerado para alguns uma representação do seu sofrimento e resignação, ou seja, aquilo que a representa como uma relação simbólica, mesmo ela estando ausente, sendo capaz de compor a memória daqueles que narram sobre sua morte ou fazem promessas a ela (CHARTIER, 2002). Nesta questão o espaço se torna “embebido” socialmente, ou seja, o espaço ajuda a construir a imagem de Filomena enquanto uma mulher santa.

²²Processo crime, p. 5

Filomena foi encontrada no chão da sala, envolvida em um cobertor. Seu marido até a chegada das autoridades, simulou estar chocado com a cena que havia encontrado ao chegar em casa pelo amanhecer.

Pedro Alfredo, agricultor de 55 anos, também era um dos vizinhos de Filomena no sítio Pereiros. No dia do crime ele estava a trabalhar em seu roçado, quando foi surpreendido pela notícia da morte de Filomena. Ao se dirigir até a residência, encontrou seu esposo se lastimando em lágrimas e inconformado por Filomena estar sozinha naquela noite. Manoel ressaltou a todos que ali estavam, que Filomena tinha costume de dormir na casa de uma vizinha. Para Pedro, Manoel era um homem bem querido na comunidade por suas brincadeiras, apesar da vida irregular que levava.

Como já destaquei, a figura de Manoel é construída pelos depoentes como um homem de boa reputação. As falhas no casamento pela relação extraconjugal são colocadas em segundo plano diante do padrão de homem correto tido pela comunidade.

Na manhã do dia 21 de julho de 1975, Nelson, o caseiro da propriedade do casal Lacerda é um dos primeiros a relatar para a vizinhança a morte de Filomena. Afirmando que a mesma havia sido encontrada morta por seu marido.

A morte trágica repentina era temida. Deveriam os vivos cuidar bem dos mortos lhe dando o rito adequado na passagem para outra vida (REIS, 1991). Ao avisar a vizinhança, era comum neste momento que todos se dirigissem até a casa da falecida. Já que, ir até o local pode ser encarado como sinônimo de prestar consideração e carinho pela falecida e sua família.

Na noite que antecedeu o crime, por volta das 19:00 horas, Nelson avistou Filomena a caminho de casa e a convidou para jantar com sua família e dormir. Era ele conhecedor que seu compadre Manoel Nazário não estava em casa naquela noite. Filomena não aceitou o convite e seguiu até seu lar. Pela manhã, estava Nelson em sua residência, quando chega Manoel Nazário lhe convidado para ir pegar o leite, o caseiro recusou o chamado, pois iria seguir para o trabalho no roçado, mas sua esposa acompanhou Manoel.

A notícia chegou até Nelson pela esposa que voltou desesperada ao se deparar com a cena do crime. Nelson seguiu para a casa de Filomena e encontrou Manoel a se lamentar diante de corpo de Filomena: “compadre olha aqui a bagaceira que fizeram com minha mulher”²³.

A “peixeira” sempre utilizada por Manoel e por muitos homens do campo como objeto de defesa, foi utilizada para ceifar a vida de Filomena. Como parte da estratégia de

²³Processo crime, p. 30

convencer a todos sobre sua inocência, ao encontrar o corpo de Filomena em casa, Manoel colocou a “peixeira” sobre a mesa, como forma de que não temeria nenhuma acusação.

São vários os depoimentos que narram a vida de Filomena enquanto uma mulher religiosa, e o caso público entre Manoel e sua amante, mas poucos acusam o esposo de Filomena de ter praticado o crime.

O testemunho de Vicente Santana dos Santos se diferencia dos demais ao falar sobre Manoel Nazário e afirmar que ele teria praticado o crime, para o depoente Manoel era um homem temido na região e não poderia atribuir se não a ele a prática do crime.

Dentre algumas mulheres que prestaram depoimento, está Dona Leonor, uma senhora de 57 anos de idade, residente no sítio Pereiros. Era na casa de Dona Leonor que Filomena ministrava as aulas de catecismo, todos os domingos à tarde.

Dona Leonor lembra que no início do ano Filomena lhe procurou a fim de que ela cedesse sua casa para a realização das aulas de catecismo, visto que era um local amplo e tinha uma árvore com sombra para as crianças se acomodarem. Dona Leonor assim permitiu. Segundo ela, raramente Filomena vinha acompanhada de seu esposo, sempre costumava seguir só para o catecismo, mas no dia 20 de julho, seu marido a acompanhou e seguiu viagem a cidade.

Ela recorda que Filomena gostava muito de rezar e cantar benditos bonitos, sempre chamando os que estavam presentes para rezar. A amizade entre Dona Leonor e Filomena era de uma boa vizinhança, a senhora explica que as duas não conversavam sobre assuntos pessoais. O depoimento de Dona Leonor traz consigo o olhar que a mesma tinha sobre Filomena, quando ela enfatiza as virtudes de uma mulher cuja religiosidade transbordava, essa narrativa tem em si um olhar virtuoso sobre Filomena.

Dona Leonor é muito clara em suas palavras. Segundo ela, não poderia atribuir o crime a outras pessoas, somente a Manoel Nazário e Antônia, visto que Filomena não tinha inimigos. Ela ressalta ainda que Manoel era um homem temido e sempre andava preparado, ou seja, sempre tinha em sua companhia uma arma.

A violência contra a mulher na região do cariri compõe um quadro de relações patriarcais que atravessam a experiência social e histórica do ser mulher (SOARES, 2019). A violência contra a mulher tem sua marca em muitos contextos da história do Nordeste, a começar por sua colonização, a constituição familiar nesse território foi marcada pelo fazendeiro dominador (ALBUQUERQUE JR, 2013). Episódios como esses marcam a construção das relações patriarcais, onde se ignorava a figura feminina enquanto ser humano.

A exemplo o fazendeiro seria o dominador, aquele que detinha o poder, não somente de seu território, mas dos corpos femininos que ocupavam esse espaço.

A filha de Dona Leonor por nome de Luiza Bernardino, também afirma que o crime foi praticado pelo casal de amantes. Segundo ela, essa acusação é de conhecimento público e toda a comunidade pensa assim.

Outro adjetivo de homem temido é atribuído a Manoel Nazário pelo senhor Manoel Furtado Leite. Segundo ele, Manoel Nazário era conhecido como “autoridade” por alguns da comunidade e sua família que residia na Paraíba, e tinha envolvimento com um assassinato. O senhor Furtado morava próximo a estrada que dava acesso ao sítio Pereiros e altas horas da noite do dia 20 de julho, teria ouvido galopes de cavalo. Para ele não restava dúvidas dos responsáveis pelo crime.

Novamente o caso de Filomena nos surpreende: a depoente por nome de Maria Martins de Moraes, mãe de Antônia Bezerra era prima de Filomena em segundo grau. Maria conta sua versão sobre os fatos. Segundo ela, era rotineira as visitas de Manoel Nazário a sua residência, por ter uma estimada amizade com seu esposo, sempre passavam horas conversando, naquela noite do dia de 20 julho de 1975, Manoel chegou a sua residência e falou que iria dormir por ali, com o argumento que a estrada tinha muitas poças de água e ele estava gripado. Como de costume seu marido o acolheu. Após o jantar, os dois conversaram até às 21:00 horas e Manoel dormiu na sala, onde dormia os filhos menores de Maria Martins.

Na manhã do dia seguinte Manoel seguiu viagem para sua casa, após duas horas da saída de Manoel, o vizinho Pedro Baião passa avisando que Filomena de Lacerda havia falecido. Segundo a depoente ela logo convidou seu marido para ir até a casa de Filomena, afinal elas eram primas, ao chegar na residência, Maria Martins não foi bem recebida pelos familiares que ali se encontravam perante a dor do falecimento. Os mesmos começaram a acusar sua filha Antônia com as seguintes palavras: “Foi aquela cachorra que mandou matar”, com este fato a depoente seguiu para casa.

Segundo a senhora Martins ela não tinha conhecimento do namoro de sua filha com o esposo de Filomena, ela alega que seu marido chegou a ver os dois conversando e chamou atenção de Manoel Nazário que argumentou frequentar a casa por gostar das crianças.

Maria Martins afirma que não desconfiou da filha, visto que era uma jovem que sempre procurou ajudar os pais e desde de “menina moça andava com uma cesta na cabeça vendendo ovos, queijos e galinhas”, nunca tendo dormido fora de casa. A narradora ainda fala sobre a relação entre Manoel e Filomena. Segundo ela, Manoel falava muito bem da esposa e sempre que a mesma sentia algo “ele corria a rua a procura de médico”.

3.4 O confronto e a confissão

Após ouvir todas as testemunhas, o indiciado Manoel Nazário é colocado novamente para depor e explicar as contradições existentes em seu depoimento quando comparado com os demais.

Manoel afirmou que havia investidas em encontros por parte de Antônia, a mesma lhe convidava a frequentar a casa dos seus pais. Na noite do crime, o casal dormiu parcialmente pois, por estarem em diferentes cômodos da casa, ora Manoel foi ao encontro de Antônia, ora Antônia estava onde ele dormia.

Manoel justifica que as promessas de “amparar” Antônia, eram suposições caso Filomena viesse a falecer, que jamais teria coragem de assassinar sua esposa. Mas perante a amante poderia atribuir à sua família a autoria do crime.

Diante das acusações começam a surgir outras versões que somam sobre a convivência de Manoel e Filomena. Segundo Nelson Tonheiro, o caseiro da fazenda, há algum tempo sua esposa teria relatado que Filomena estava chorando em casa alegando que estava passando fome, e neste dia Filomena fez a refeição na casa de Nelson, havendo dormido lá. Em outro momento, estando Manoel e Nelson conversando, Manoel teria afirmado que sua esposa era doente e por isso “não estava podendo se servir dela”²⁴ e ainda a mataria.

Aqui é notório que os comentários feitos por Manoel Nazário a sua esposa transpareciam um pouco da vida do casal e como ele via Filomena. Para ele, ela era uma mulher que estava ali para servi-lo. Suponho que o olhar serviçal de Manoel sobre Filomena estaria baseado nas relações sexuais entre o casal.

Passados seis dias após o crime Antônia Bezerra resolve confessá-lo, assim a jovem narra como todo o plano começou. Era sábado dia 19 de julho de 1975, dia de feira livre na cidade de Mauriti, quando Manoel Nazário que estava embriagado se encontrou com Antônia e afirmou que desejava dar fim a vida de sua esposa, tinha ele o pressentimento que caso isso não acontecesse ele morreria primeiro. Foi neste momento que os dois combinaram quando aconteceria o crime.

Na madrugada de domingo para segunda estavam os amantes a dormir na casa dos pais da Antônia, a jovem vai ao encontro de Manoel lhe chamando para seguir com o plano que haviam combinado. O mesmo pede que ela aguarde um pouco, após alguns minutos da conversa

²⁴Processo Crime, pág.47

entre o casal os dois saem da casa de forma discreta. Neste momento Antônia sai pela porta dos fundos e Manoel pela porta da frente. Os dois pegam o cavalo de Manoel, que já estava pronto, e seguem de madrugada para o Sítio Pereiros.

Ao chegar na residência onde dormia Filomena, Manoel adentrou, e ao acender o candeeiro seguiu para o quarto onde estava sua esposa. Ao sentir que alguém tinha lhe agarrado Filomena proferiu as seguintes palavras: “Valha minha nossa senhora”, em seguida Filomena foi sufocada por Manoel que imediatamente chamou Antônia e pediu que ela pegasse a faca, Antônia de posse da faca lhe pergunta: “Aonde é que eu furo”, Manoel a respondeu: “No pescoço” e assim a jovem proferiu com um golpe que ceifou a vida de Filomena.

Ao retorna para casa, o casal ainda manteve relações sexuais, sem mostrar nenhum arrependimento. Na manhã do dia seguinte, quando a notícia do falecimento começou a se espalhar, Antônia confessa que começou a sentir remorso e medo, mas continuou a fazer as atividades domésticas em sua casa, até a chegada do delegado em sua residência.

Com a confissão de Antônia e o prosseguimento das investigações, Manoel decidiu confessar o crime. Em uma narrativa fria, Manoel Nazário narra o que para ele originou o crime, argumentando sobre as inúmeras preocupações que lhe afligiam diante dos negócios que não prosperavam. Entre eles as colheitas, essas preocupações levaram o mesmo a ingerir diariamente bebidas alcoólicas e um remédio por nome “Moderex” o qual ele associa com efeitos para não dormir.

Manoel apela para a defesa psicológica em seu favor, as preocupações, a perda de sono, a embriaguez e o uso de remédios teriam lhe levado a prática do crime

No começo do inverno passou a ter várias preocupações referentes à lavoura(...) negócios meio atrapalhados o declarante passou a beber certa quantidade de bebidas alcoólicas e a tomar comprimidos "Moderex" para não dormir(...) Depois que o declarante soube a respeito do desastre de Parambu onde foram mortos o fazendeiro e sua esposa(...) Tudo isso passou a crescer no íntimo do declarante(...).²⁵

A argumentação psicológica utilizada por Manoel Nazário para sua defesa é tratada por Foucault (2001) no livro os “Os anormais”. Segundo este autor, o uso da medicina para a análise de crimes passou a ser utilizada no século XIX, quando traz a análise psicológica sobre a sanidade mental para crimes que o criminoso não apresenta explicação racional. Mesmo o réu Manoel Nazário não havendo passado por uma análise voltado a psiquiatria, a sua defesa seguiu

²⁵Processo crime, p. 53, 54

usando questões psicológicas em conta. Alegando que se tratou de um crime que não há uma explicação racional para tal, ou seja, não foi motivado por motivos de desavenças entre o casal.

Outro fato que preocupava Manoel era a sua relação extraconjugal com Antônia, o crime como de fato narrou Antônia já estava planejado. Manoel acrescenta em seu depoimento que no momento do crime estava alcoolizado e fazendo uso de remédio. Sua fala tenta transparecer que o mesmo deseja se ausentar da culpa alegando não estava completamente lúcido.

Manoel não afirma ser louco ou ter algum distúrbio, mas as questões que ele apresenta sobre a forma como realizou o crime aponta para o que Foucault chama de perturbação de conduta, seria a ancoragem na psiquiatria já que

Invasão da psiquiatria, pois, por toda uma massa de condutas que, até então, só haviam obtido um estatuto moral, disciplinar ou judicial. Tudo o que e desordem indisciplina, agita, ao, indocilidade, caráter recalcitrante, falta de afeto, etc., tudo isso pode ser psiquiatrização agora (FOUCAULT, 2001, p. 203).

Ainda sobre como estava Manoel naquela noite. Antônia afirmou que naquela ocasião Manoel Nazário estava com ar de louco e insistindo para que seguissem com o plano. Segundo ela, por medo acabou executando o crime, sobre ameaças de que caso ela não praticasse o crime ele a mataria.

O advogado de defesa de Manoel Nazário também recorre às questões psicológicas para defendê-lo das acusações. Manoel estaria sobre substâncias de efeito delirante, como aguardente. Ou seja, segundo a defesa estando embriagado, ele não possuía capacidade de entender o fato criminoso que estava praticando contra a sua esposa.

Acreditamos na confissão espontânea do réu, que disse naquela época, não estava com suas faculdades mentais perfeitas, que foi arrastado por forças misteriosas, violenta emoção, estando perfeitamente enquadrado no art.22, do código penal vigente, que assegura a seguinte:- “Art.22, é isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental completo ou retardado, era, no termo da ação ou de omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter criminoso do fato, ou de determinar-se de acordo com esse entendimento.²⁶

Em defesa o advogado construiu a figura de Manoel Nazário no dia do crime como um homem que estava fora de suas faculdades mentais. Alegando até mesmo que forças misteriosas teriam o arrastado para o ato violento. Como afirma Foucault, a psiquiatria não irá taxar como anormal somente os casos extremos de disfunção patológica, como antes havia feito,

²⁶Processo crime, p. 172

o olhar psiquiátrico se atenta até mesmo as condutas mais íntimas e cotidianas e a partir das normas sociais estabelecidas, essas condutas podem ser consideradas anormais, com estatuto de irregularidade em relação à norma estabelecida.

O advogado de Manoel recorre à essas questões para fazer uso da psiquiatria em seu favor. A defesa discorre acerca da conduta geral de Manoel como um homem cuja trajetória é de estima na comunidade, alegando que no momento do crime Manoel não estava em suas faculdades mentais e sua conduta fugiu da normalidade sem que o mesmo tivesse noção do que estava praticando.

Nas alegações finais feitas pelo defensor, ele aponta para as questões já citadas acima, em um discurso para a comoção da comunidade e dos envolvidos na investigação

Ao iniciar a presente razões finais, invocamos o nome de Deus, o grande redentor da humanidade, para que ele, nesta hora trágica, em que se aproxima o dia do julgamento de um humilde homem do campo, aquele que sem nenhuma sombra de dúvidas, foi útil a sociedade exercendo as elevados funções de jurado: desta comarca, componente do corpo de comissários de menores de Mauriti, 1º suplente de delegado de polícia deste município, agricultor e criador, que por capricho do destino, naquela triste madrugada do dia 21 de Julho do ano de 1975, em visível estado de embriaguez alcoólica e ainda estava entorpecido por efeitos de substâncias análogos, praticou o crime.²⁷

Mais uma vez as questões sobre a boa conduta e o prestígio de Manoel são apresentadas. Seu advogado Cauby Vasconcelos Sobral, lhe defende com afinco levando em consideração toda a trajetória de Manoel.

Diferentemente de Manoel, que não teve dificuldades para ser aceito por um defensor público, Antônia não teve tanta sorte ou prestígio social. Os dois advogados que foram designados para defender seu caso, alegaram que diante dos fatos se viam impossibilitados de realizar qualquer defesa. Um terceiro defensor aceitou apresentar argumentos em sua defesa.

O defensor Newton de Vasconcelos Sobral apresenta Antônia como uma jovem trabalhadora “pacata e ordeira” que não chegou a praticar o crime, visto que na noite do fato estava na casa de seus pais. Teria ela apenas confessado a prática diante dos maus tratos que recebeu na cela chamada de “Quarto caveira”, e argumenta: “A menor foi tragicamente seduzida por seu amante, desde sua infância, trazendo oculto os fatos, em face de se tratar de pessoa da fina flor da sociedade”²⁸

²⁷Processo crime, p. 147

²⁸Processo crime, p. 103

O defensor público de Antônia, argumentou sobre a sedução e desvirginamento da mesma por parte Manoel, tendo ela menoridade na época, havia Manoel forçado Antônia a praticar o crime, além disso o advogado salienta

Obsta o presente processo, fenômenos materiais, sempre existentes dentro de uma sociedade corrompida da era moderna, da MINISSAIA, afagos excessivos, que extinguiram a moral da sociedade. Ficou bem explícito as narrativas das provas testemunhais familiares no presente processo da culpabilidade do genitor da acusada (...) em permitir, relações amistosas, em sua própria residência, por um homem casado.²⁹

Na fala do defensor ele atenta para as questões trazidas pela modernidade, salientando a minissaia como sinônimo de mudança significativa na conduta dos sujeitos da época. Além disso, a fala do advogado sobre as seduções a Antônia são de extrema importância, já que somente o seu olhar dentro do processo enfatiza o fato da mesma ser menor de idade na época, e possivelmente ter passado pelo que chamaríamos nos dias atuais de assédio sexual. Outra importante questão apresentada por ele é o apoio do genitor de Antônia como um fator que pode ter influenciado a mesma a não falar dos ocorridos, pela amizade entre ambos.

Vale ressaltar que o senhor Newton foi o terceiro advogado procurado para defender Antônia e o único que deu parecer favorável, isso demonstra o quanto os demais temiam em defender a amante, que por este título estaria mais propensa a sofrer indignação por parte da população.

Os advogados de ambos os réus alegaram para as péssimas condições que se encontravam os indiciados antes do julgamento. Segundo os defensores, estariam Antônia e Manoel em uma cela por nome de “caveira”, o calamitoso local teria impulsionado os mesmos a confessarem o crime

A falta de consideração aos seres humanos, por serem jogado em cubículo imundo denominado CAVEIRA, uma criatura humana, como um irracional, o que ocasionou a confissão injusta da acusada(...) a dizer aquilo que não cometera, para guardar dias melhores.³⁰

A confissão do acusado em torno deste triste episódio, foi proporcionado pelos maus tratos, ameaças e outras imposições no terrível cubículo denominado de caveira, exigências de forças estranhas, (...) se o réu não é perigoso, tem ótimos antecedentes, bom comportamento carcerário e é primário, não existem razões para mantê-lo em um cubículo imundo, em conforto, sem higiene, local que somente pode ser ocupado unicamente por duas pessoas, ali não existem banheiros, aparelhos sanitários.³¹

²⁹Processo crime, p. 151

³⁰Processo crime, p. 152

³¹Processo crime, p. 148

O relato sobre os maus tratos sofridos pelo casal de amantes é de conhecimento de toda comunidade. Em relatos orais os depoentes afirmam que o delegado que presidiu o caso na época era conhecido por sua rigidez. Segundo os defensores os indiciados teriam sofridos maus tratos a fim de confessarem o crime.

Os advogados de defesa acusam o delegado José Cavalcanti de ser parcial diante dos fatos. Pois não deveria ter pedido prisão preventiva dos acusados. Bem como alegam que o caso não foi investigado corretamente, pedindo prova de responsabilidade sobre os indícios.

O que se sabe sobre o delegado Cavalcante é que era um homem temido na comunidade de Mauriti, bem como respeitado. O mesmo envia ao juiz do caso um parecer informando que os acusados estão presos e pedindo que o habeas Corpus para os mesmos não seja consentido. Já que para o delegado a prisão dos dois representava a paz da sociedade mauritiense.

O delegado considera que Manoel vivia um caso discreto e sem escândalos com Antônia. Porém, prender os autores do crime naquele momento não somente seria aplicar a lei, mas também dar uma satisfação à sociedade além de proteger os acusados, que poderiam sofrer com revoltas por parte da família e da população

Por fim, a insegurança da sociedade é manifesta, sendo por oportuno, entender-se que sem a segregação dos amariados nada há que denegue uma contínua atividade prejudicial à paz social. Convergem para o caso, examinado o grau de parentesco entre sujetiso, retifico, sujeitos ativos e passivo, um sentimento de vingança, condicionado, ainda, por bases primitivas e rústicas que informam o caso, que iniludivelmente serão fatores de delinquência desenfreada no grupo social.³²

No dia 16 de maio 1977, foi a júri o caso de Filomena, contando com 21 jurados escolhidos por meio de sorteio. Nesta data a sessão de júri se iniciou ao meio-dia no auditório do Sindicato dos trabalhadores rurais de Mauriti. Passados quase dois anos do acontecimento trágico, seguiam Manoel e Antônia para o julgamento escoltados por policiais. Às 13:00h daquela tarde foi iniciada a sessão presidida pelo promotor de justiça Francisco Domingos de Galiza.

No depoimento diante dos jurados apenas Antônia muda seu discurso afirmando ter dormido com Manoel Nazário naquela noite, não havendo lhe acompanhado para o local do crime pois estava fisicamente doente.

Diante do corpo de jurados os réus foram condenados por unanimidade. Os dois a partir daquele dia estariam sob reclusão da sociedade: “Pelo co-réu Manoel Nazário de Lacerda,

³²Processo crime, p.

no Instituto Penal Paulo Sarasate, e pela co-ré Antônia Bezerra de Lima, no Instituto Penal Feminino Des. Auri Moura Costa, em Fortaleza, (...) devendo os mesmos aguardarem na cadeia local a expedição da mesma, para tanto”³³. Ainda em 1977 foram transferidos para diferentes penitências de Fortaleza. Manoel foi condenado a 19 anos de prisão e Antônia a 16 anos.

Nota-se o olhar da justiça ao aplicar a pena aos culpados, a condenação marca o delincente com sinal negativo. Diferentemente das sentenças dos séculos XVII e XVIII, onde se punia por meio da dor física e do sofrimento, e o corpo era visto como alvo da repressão penal, a percepção de justiça é praticada através da suspensão da liberdade. “O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia de direitos suspensos” (FOUCAULT, 2014, p. 15).

Sendo assim, a penalidade está para além das dores físicas, a concepção de domínio sobre o corpo é extinta, as exposições sobre penalidades físicas são consideradas bárbaras. Neste caso a justiça não quer se equiparar aos assassinos com punições de caráter físico, mas puni-los de uma forma social e psicológica retirando o que é seu por direito, a liberdade. Logo, prender os assassinos, retira qualquer culpa da justiça de deixá-los vulneráveis ao julgamento e penalidade por parte da comunidade (FOUCAULT, 2014).

Antônia teve sua liberdade condicional em 1982. Segundo as narrativas orais ainda goza da plenitude da vida terrena, a comunidade de Mauriti narra que hoje ela vive na cidade de Fortaleza, mas nada se sabe sobre como a mesma está, ao que tudo indica vez por outra visita seus parentes em Mauriti, mas a repulsa da comunidade por ela dispensa as curiosidades sobre a sua vida.

As fontes que reuni neste estudo e as narrativas orais, apontam que Manoel Nazário conseguiu seu regime semiaberto também em 1982. Um pequeno recorte de jornal fornecido pelo Diácono permanente da paróquia de Mauriti José Santana, aponta o falecimento de Manoel vítima de atropelamento. Indagado sobre a origem do recorte, ele afirma já ter recebido de familiares de Filomena, da qual a origem era desconhecida.

³³Processo crime, p.233

Figura 13 - Cópia de um recorte de jornal guardado pelo diácono noticiando a morte de Manoel Nazário



Fonte: Recorte de Jornal noticiando a morte de Manoel Nazário, acervo diácono José Santana

De acordo com esta fonte, Manoel Nazário faleceu em 1983 aos 62 anos, próximo ao Hospital de Messejana na capital Fortaleza. O veículo que o atropelou estava em excessiva velocidade não tendo a placa anotada.

O julgamento de Antônia Bezerra e Manoel Nazário parte de uma desigualdade que não é posta em questão na investigação do caso, mas sim reforçada. Manoel era um homem de posses que como já foi debatido desempenhava poder sobre a comunidade onde vivia, já Antônia era uma jovem de 15 anos que foi assediada muitas vezes por Manoel.

As relações que se estabelecem no processo são determinadas pelas condições sociais que os réus ocupam dentro da sociedade. Em relação a Manoel Nazário a justiça preocupa-se em demonstrar sua posição social de “cidadão honrado”, já a condição colocada sobre Antônia deriva de um olhar patriarcal, vinculado diretamente a construir sua imagem enquanto uma “mulher do mundo”, não sendo levado em consideração as perseguições sofridas pela mesma em sua menor idade. Assim se estabelece uma “ilusão de igualdade implícita na aplicação da lei” (CORREA, 1983.P.15)

4 TRAMAS DA MORTE, CAMINHOS DA SALVAÇÃO: A INVENÇÃO DA SANTIDADE DE FILOMENA DE LACERDA

As histórias dos santos são marcadas por um conteúdo sensível, muitas vezes contadas em sermões por membros da Igreja Católica. Elas são veículos para influenciar os fiéis, chamando-os a seguir seu exemplo como modelos de santidade. A trajetória do santo é marcada por sua capacidade de superar sofrimentos em nome da fé, bem como, ser exemplo de bondade.

A Legenda Áurea cita inúmeros santos e suas trajetórias, mas a santidade feminina, objeto aqui em estudo, nos chama a atenção: o que é necessário para a canonização de uma mulher? Na maioria das sociedades, a mulher aparece historicamente em cena coletiva idealizada por questões que a colocam em duas modalidades de idealização feminina, ora como demoníacas, perversas e sedutoras (bruxas, sereias, amazonas, Eva), ora como “salvadoras”, santas, virgens, como Maria mãe de Jesus. Representações coletivas produzidas eficazmente sobre estratégias para alimentar as relações sociais (FARIAS, 2000).

Jacopo Varazze descreve a trajetória de Santa Lúcia, primeira santa descrita em seu livro. Segundo o autor, Lúcia era uma virgem da cidade de Siracusa que recorreu a Santa Ágata pela cura de sua mãe

O sono apossou-se de Lúcia, que viu diante dela, de pé, Ágata rodeada de anjos e ornada de pedras preciosas dizendo-lhe: "Minha irmã Lúcia, virgem toda devotada a Deus, por que pede a mim o que você mesma pode conseguir, neste instante, para sua mãe? Saiba que ela acaba de ser curada pela fé (VARAZZE, 2003, p. 77).

Na narrativa é notável a ênfase dada à virgindade de Lúcia. A menina era apresentada como “virgem toda devotada a Deus”, assim como Santa Ágata, à qual ela recorrerá. Ambas eram virgens, sendo notório que a santidade feminina vai além do aspecto moralizante e da história sensibilizante, ela marca uma conduta corporal que o corpo feminino deve seguir, assim como em outras histórias de santas.

Diferente dos santos homens, na santidade feminina, o corpo é apresentado como algo que deve estar em primeiro plano, sendo ele “puro”, virgem, para ser digno de santidade, uma santidade sexualizada através do corpo, criando assim um imaginário do que seria uma mulher santa, aquela que não teria praticado o pecado sexual.

Essas narrativas de mulheres santas são frequentes na Legenda Áurea. As histórias dessas mulheres, em sua maioria, reiteram a construção do “papel de mulher” dentro da igreja e da cristandade.

A narrativa de Santa Anastácia e suas irmãs Agapete, Tionia e Irene, mostra como o caminho da religião católica e da resistência sexual eram tidos como o caminho a ser seguido pelas mulheres. Santa Anastácia, era filha de pai pagão e mãe cristã, optando por seguir os preceitos católicos. Ao casar, simulou uma doença para não obter relações sexuais com seu marido. A resistência à prática sexual a levou a sofrer repressões por parte de seu cônjuge que a mantinha em cativeiro. Após a morte do marido, cujo motivo é desconhecido, Anastácia foi liberada, sendo entregue às autoridades da época. Anastácia resistiu às perseguições por desejos sexuais, sendo queimada viva em uma fogueira. Suas irmãs conhecidas como “as virgens” também tiveram a morte como penalidade, por terem se recusado a ter relações sexuais com o prefeito de Roma (VARAZZE, 2003).

O pecado é diretamente associado ao sexo e a sexualidade. A fé é vista como um escudo que irá livra-las desse mal. Mais uma vez o corpo feminino é apresentado através da virgindade como sinônimo de santidade, cujo pecado não podia tocar. Bem como sinônimo de perigo, já que ao enfatizar a beleza dessas mulheres somos convidados a pensar o corpo feminino como sinônimo de tentação.

Anastácia foi entregue pelo imperador a outro prefeito, que se conseguisse fazê-la realizar sacrifícios aos deuses pagãos poderia se casar com ela. Esse prefeito levou-a para sua casa e ao tentar abraçá-la ficou imediatamente cego. Ele foi então implorar a cura a seus deuses, que lhe responderam: "Como você atormentou Anastácia, padecerá no Inferno a nosso lado os tormentos que sofremos". Ao voltar para casa foi morto pelos próprios filhos (VARAZZE, 2003, p.104).

O corpo feminino parece ser o ponto de embate entre o bem e o mal. O bem seria a castidade, a reclusão e servidão a fé cristã, o mal seria o pecado sexual quando não realizado no casamento sob as bênçãos da igreja.

Não podemos ignorar que esses modelos de santidade seguem um exemplo maior, que têm como representação a mulher perfeita, Maria, virgem e mãe de Deus. Maria era representada pelo trato delicado, com o lírio branco em mãos, como sinal de castidade, pureza, recato, acolhimento e proteção. Maria mediava junto às autoridades divinas (masculinas), em favor dos pecadores na terra. Nessa intercessão ela incorporava as antigas deusas maternas e intercessoras junto aos deuses masculinos (HOORNAERT, 2014, p. 51). Apesar de ser mãe, Maria tem o lugar de intercessora, assim como as santas de devoção.

O marianismo é percebido como um estereótipo, derivado do culto católico à Virgem Maria, um modelo a ser seguido por suas herdeiras, como uma trajetória compensatória aos “desvios” de Eva. Nesta idealização mariana, as mulheres ao seguirem este modelo de

submissão, pureza, e sofrimento são tidas simbolicamente como “salvadoras” da sociedade. O papel maternal de Maria é idealizado no quadro da família sacramental. Logo, o casamento é visto como “mal necessário” para a procriação. Entretanto, a mulher deve, ainda, procurar se assemelhar a uma figura assexuada, guardando não somente a virgindade pré-nupcial, mas também a frigidez nupcial (FARIAS, 2000).

As hagiografias constituíam espelhos de perfeição que serviam de guia para conduta das mulheres fossem elas freiras, casadas, donzelas e pecadoras arrependidas. Os escritos que narram as vocações de santidade feminina no período colonial são marcados por histórias de conteúdo moralizante que se aproximam do exemplo da vida dos santos (MARTINS, 2013).

No contexto colonial a vocação para a santidade predominava sob os moldes da castidade. O martírio em defesa da castidade era a via mais comum para se chegar na canonização oficial. Os modelos de santidade feminina estariam, pois, separados em níveis de perfeição. Em primeiro lugar estariam as virgens martirizadas em defesa da castidade, em seguida matronas, viúvas e a vida de perfeição religiosa mais informal. A mulher virtuosa apresentava sua vocação ainda na infância, firme em sua convicção, ela resistia aos obstáculos que surgiam no caminho como doenças e tentações que colocavam em perigo sua perfeição espiritual. Por fim, padeciam ao lado da família ou da comunidade religiosa. Então, após a boa morte surgiam milagres por seu intermédio (MARTINS, 2013).

As narrativas sobre Filomena destacam a sua vida virtuosa. Filomena seria aquela que despertou para uma vida de perfeição espiritual ainda na juventude. Apesar da vida virtuosa Filomena não desfrutou de uma boa morte, o que para muitos seria o ideal, tendo em vista sua trajetória em vida. Dito isto, neste capítulo irei discorrer sobre os caminhos que levaram a construção da santidade de Filomena em seu pós-morte, bem como as narrativas que crescem sobre a sua santidade.

4.1 “Um milagre na vida de um sacerdote”

No ano em que Filomena faleceu e nos anteriores ao fato, a paróquia de Mauriti era direcionada pelo Padre Argemiro Rolim de Oliveira. Segundo os relatos orais, ele era o diretor espiritual de Filomena, ouvindo suas confissões. Foi também Padre Argemiro que fez o sepultamento dela.

Na atualidade, a relação de Padre Argemiro e Filomena não é lembrada somente por ser o seu diretor espiritual e confessor, mas pelo testemunho dado por ele, ao afirmar que Filomena havia intercedido em uma graça alcançada por ele em um momento de aflição. Fato

esse que se tornou conhecido em toda a comunidade de Mauriti/CE, incentivando a construção de santidade em torno de Filomena.

Em busca de conhecer mais sobre o Padre Argemiro, iniciei uma procura através de fontes virtuais, inventários e registros gerais sobre esse sacerdote. A fim de encontrar alguma informação que pudesse me levar a família do mesmo. Encontrei então, o registro de uma fundação³⁴ que levava o nome do pároco. Logo em seguida me dirigi a cidade de Mauriti para saber mais informações sobre a fundação e por consequência obter alguma fonte sobre quem foi Padre Argemiro.

A fundação, que recebe o nome de Padre Argemiro Rolim de Oliveira-FPAROL, está localizada próximo a igreja matriz da cidade de Mauriti/CE, e foi criada em 8 de abril de 2013 por Jacinta Maria Leite Ferrer. O objetivo da instituição é preservar e colocar em prática as ideias do Padre Argemiro, sendo direcionada por um conselho de membros. Entre as atividades previstas está serviços na área religiosa, educacional e saúde. Atualmente a fundação encontra-se fechada. (Rolim, 2006).

Após essas primeiras incursões, o pároco da cidade, Edivan Guedes forneceu o contato de um familiar do Padre Argemiro que talvez apresentasse informações mais aprofundadas. Ao entrar em contato, me foi entregue um livro intitulado “Um coração para amar a Deus”. O livro está dividido em duas partes a primeira é uma espécie de autobiografia que reúne escritos do Padre Argemiro sobre sua trajetória de vida, a segunda parte é composta por comentários de familiares e amigos que recordam a trajetória do padre (Rolim, 2006). Essa fonte será nosso guia na jornada que persegue as pistas deixadas pelo padre Argemiro.

Nascido em um sítio do município de Lavras da Mangabeira, desde a infância Argemiro foi incentivado na prática do catolicismo. No cotidiano da casa dos pais era comum a devoção aos santos, os jejuns e orações em família. Em seus escritos, Argemiro busca mostrar o agir de Deus em sua caminhada: “Vou escrever o que resultou de um olhar reflexivo sobre mim mesmo, a fim de que, conhecendo a minha miséria, veja o nada que sou e a magnificência da bondade de Deus para a sua criaturinha inútil” (Rolim, 2006).

A vocação pela vida religiosa foi despertada após a primeira eucaristia, quando Argemiro contava com seus 8 anos de idade. Ele ficou encantado com as festas religiosas e passou a percorrer todas que havia nas redondezas. Ao frequentar as missões Argemiro buscava aprender questões doutrinárias, benditos e modos de falar. Para ele os frades eram uma inspiração e o mesmo procurava reproduzir falas e gestos (Rolim, 2006).

³⁴ Fundação Padre Argemiro Rolim de Oliveira-FPAROL, criada com o objetivo de colocar em prática os ideais do Padre Argemiro.

Em seus escritos Argemiro enfatiza seu interesse pelas missões. Essa congregação chegou no Brasil em 1819, atuando na formação de padres e missões populares. No Ceará os padres lazaristas chegaram em 1864 para dirigir o seminário episcopal em Fortaleza, além de reformar o clero aos moldes ultramontanos, intervirem nos costumes religiosos da sociedade cearense (CORDEIRO, 2015). “A ação missionária lazarista não se restringiu à esfera religiosa, visto que dela derivavam trocas culturais com as populações locais, que também envolviam ideias de civilização europeia e extra europeia” (SANTIROCCHI, 2021).

Logo após completar dezessete anos Argemiro ingressou no Seminário do Crato em 1939, dando início a vida de dedicação a religião. A pouca idade do jovem seminarista demonstra o quanto a decisão de seguir a vida religiosa era concreta em sua vida.

Filomena e Padre Argemiro vivenciaram o início dos anos 40 na cidade do Crato, época em que Filomena possivelmente estava na Congregação das Filhas de Santa Tereza de Jesus. Porém é pouco provável que chegaram a se conhecer. Pois Filomena estava em companhia das freiras enquanto Argemiro estava no seminário. “Tinha então 17 anos, um mês e 20 dias: era 13 de fevereiro de 1939 (...) Ia desprevenido de quase tudo, mas levava o essencial: uma vontade inabalável de fazer-me padre, um coração todo inteiro para amar a Deus” (Rolim, 2006. P. 28-29).

A formação de Argemiro transparece as questões que permeavam o clero brasileiro do período. Argemiro começou sua formação do seminário menor localizado na cidade de Crato/CE onde os estudos compreendiam seis anos, contemplando disciplinas como Letras, Latim, Filosofia e Retórica. Os primeiros anos do Seminário menor era uma espécie de preparação dos futuros sacerdotes para que se tornassem padres dentro de uma cultura Ultramontana (SANTIROCCHI, 2020).

A reforma Ultramontana na Igreja Católica resultou de uma significativa perda de poder e fiéis por parte da instituição, frente aos novos valores que surgiam na sociedade moderna. Entre eles a secularização, política, ciência e novas doutrinas religiosas. Logo, a reforma ultramontana surge como uma forma da igreja se reaproximar de seus fiéis, sendo os seminários os principais alvos, já que estes por sua vez eram os centros formadores de sacerdotes (SANTIROCCHI, 2020). Argemiro conta sobre suas vivências no seminário:

A minha sensibilidade natural serviu para que eu me comportasse bem e estudasse com afinco para não passar por decepções. Por três vezes fui castigado. O último castigo aconteceu já depois de três anos. Eu era enfermeiro e, como havia alguns pés de limões em frente a enfermaria(...), eu costumava trazer limões para alguns colegas que me pediam. Um dia o regente

avisou ao prefeito que me baixou um ponto na nota da semana. (Rolim, 2006. P. 29).

O comportamento e disciplina do jovem era algo de extrema importância para sua passagem ao Seminário Maior. As rotinas eram rigorosas. Com as missas e as aulas que se iniciavam as cinco horas da manhã e terminavam as nove da noite. A partir da reforma ultramontana o Seminário passa a se tornar referência na educação cearense (SANTIROCCHI, 2020).

Com as regras impostas pelo seminário o jovem seminarista deveria ter atitudes padronizadas. Saindo do estado individual e sendo incorporada ao estado clerical, a um modelo de vida santa aos moldes da Santa Sé e dos padres lazaristas. Para isso, incentivava-se leituras ligadas a questões da igreja ou sobre a vida dos santos (SANTIROCCHI, 2020).

Os dias no seminário eram aproveitados por Argemiro com maestria, os laços de amizade e as vivências religiosas construía um padre sensível que buscava cada vez mais está próximo ao divino. “Depois de ouvir a leitura de São Geraldo de Majela deu a vontade de imitá-lo. Comecei a dormir no chão, com uma pedra como travesseiro” (Rolim, 2006. P. 51). Argemiro admirava a vida dos santos e buscava essa santidade em sua caminhada.

Passados seis anos no Crato, em 1945 o jovem seminarista vai a Fortaleza cursar o Seminário Maior. Em seus escritos Argemiro retrata suas obras dentro do seminário e admite a luta contra questões que não são vistas com bons olhos por Deus. Entre elas o orgulho e a vontade de sempre ser o melhor dentro do seminário. Ele seguia as regras à risca, tratando de fazer boas obras aos olhos de Deus e da comunidade católica:

Gostava de me passar por bom, pelo melhor do seminário e se um superior ou colega elogiasse outro sentia-me profundamente ferido(...). Uma coisa que eu tenho desde o começo e sobretudo hoje, é a seguinte: apesar de ambicionar honras, e querê-las, na ocasião de recebe-las, temo-as. (Rolim, 2006. p. 51-54).

Os anos de seminário foram difíceis pois sua família não dispunha de muitas condições para pagar as mensalidades, por sua excelência e dedicação conseguiu se sair das questões financeiras que dificultavam a sua permanência, chegando a ser chamado pelos colegas de Santo Argemiro (Rolim, 2006).

Entre os santos de devoção de Padre Argemiro estava Santa Terezinha. Ele relembra os conselhos da santa sobre o recolhimento interior e a adoração a Deus, virtudes que seriam um meio de progredir na perfeição. Santa Terezinha era a santa ao qual Filomena mantinha fervorosa devoção, tais práticas citadas pelo Padre eram virtudes praticadas por Filomena. A

vida de Santa Terezinha era tomada como um norte para Argemiro e Filomena, representando uma ética de santidade.

Ao final da vida de estudos no seminário, Padre Argemiro reconheceu a importância da humildade como uma prática que ele levaria para a vida sacerdotal. O livro não especifica o ano em que Padre Argemiro se ordenou Padre, mas a primeira paróquia dirigida por ele foi na localidade de Cococi com residência na vila de Parambu, que no período pertencia ao município de Tauá em 1951 (Rolim, 2006).

Na região de Parambu Padre Argemiro realizou um trabalho diferencial, inaugurou a primeira escola e lutou para que Parambu se tornasse distrito, alcançando êxito, se tornou o primeiro prefeito da cidade (Rolim, 2006).

Padre Argemiro não foi o único padre a se tornar prefeito. Lembro aqui da trajetória do Padre Cícero, sacerdote educado sob os moldes ultramontanos que ganhou grande estima social na região do Cariri, chegando a se tornar o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte. Assim como Padre Argemiro, Padre Cícero tinha uma relação muito próxima com algumas beatas da igreja. Entre elas Maria de Araújo a qual teve a hóstia transformada em sangue em sua boca. Episódio conhecido como milagre da hóstia que atraiu milhares de pessoas a cidade de Juazeiro do Norte. Além disso, Padre Cícero atuou acolhendo flagelados da seca que buscavam auxílio na cidade:

No imaginário de muitos sertanejos, o sangue derramado era um sinal do Além. A Divina Providência estaria anunciando os mistérios do sagrado por meio do Padre Cícero e da beata, cujo nome completo muito revela sobre a vida religiosa que havia no pequeno povoado em fins do século XIX: Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo. Juazeiro emergia como um centro de salvação da humanidade mergulhada em pecado. O Padre Cícero, que era o confessor da beata, assumia o papel de grande santo da proteção (RAMOS, 2014.P.15).

Com este episódio Padre Cícero ganha a fama de santo. O que revela o quanto as questões que envolve santidade marcam a região do Cariri. Bem como padres que em sua trajetória de sacerdócio atuaram no campo político e social nas regiões em que foram párocos.

A trajetória de Padre Argemiro foi marcada pelas questões político-sociais, em 1964 ele assumiu a Paróquia da cidade de Mauriti/CE, permanecendo até 1980. Nesse período ele ganhou o título de bem-feitor pelo povo mauritiense. A fim de entender o contexto em que vivia Mauriti em meados dos anos 50 e 60, apresento o relato abaixo é uma reivindicação feita pelo senhor Antônio Figueiredo Dodou. O cidadão escreveu ao jornal o Povo de Fortaleza manifestando sua revolta em relação a educação mauritiense do período, ao destacar o funcionamento de uma escola em péssimas condições, e a espera da construção do Grupo

Escolar, sendo esta uma das promessas do prefeito da época. Bem como a fome que assolava a população mais pobre. O relato abaixo nos faz entender o porquê Padre Argemiro ganhou o carisma da população de Mauriti com suas obras sociais.

O certo é que Mauriti precisa que a CAN (Associação de Abastecimento do Nordeste), lhe envie não só dinheiro, mas também gêneros alimentícios para a nossa população paupérrima, as consequências do tão escabroso flagelo que é a seca. (...) É decepcionante Sr. Diretor quem visitar Mauriti, a de compartilhar de nossa tristeza ao ver o prédio que atualmente está servindo de “Grupo Escolar”, onde as professoras que desprazer, ministram a nossa juventude o curso primário (JORNAL FOLHA DO POVO, 1953). Fonte: Memória Mauriti.

Ao chegar em Mauriti/Ce o padre não atuou somente como pároco, mas atendeu a muitas necessidades da população. Entre elas a Fundação da Escola Normal no Colégio Paroquial, levando freiras para administrá-la. O local adequado para o funcionamento do ambiente escolar que estava sendo reivindicado no jornal acima. Esse foi um marco de Padre Argemiro na comunidade. Essas e outras questões como são lembradas na história da cidade. Os feitos do Padre naquele período o aproximaram cada vez mais dos fiéis católicos.

Na fotografia abaixo Padre Argemiro está ao centro na mesa em uma confraternização. Isso mostra a proximidade do Padre com a população de Mauriti e com as lideranças locais.

Figura 14 - Padre Argemiro em uma Confraternização Junto à População de Mauriti



ph0179 - Memória Mauriti - DÉCADA DE 1971/1980 - Mauriti - 1971/1972 - Foto: de Paulo Gondim

Fonte: Memorial Mauriti, foto de Paulo Gondim (1971/1972)

Entre as obras sociais do padre estava uma rede de doação de alimentos para a população carente (leite em pó, farinha de trigo, óleo, manteiga, queijo de Minas, massa de milho etc.) tecidos e roupas (...) Promoção de cursos de corte e costura, bordados e arte culinária (...), encaminhava rapazes e moças para o seminário e convento; formava grupos de jovens coroinhas, cruzadinhas, legionárias, filhas de Maria (ROLIM, 2006).

As associações religiosas citadas acima eram fundadas e dirigidas por padres. Entretanto a participação feminina nessas associações teve grande destaque. Algumas associações eram até exclusivamente femininas como a legião de Maria, as filhas de Maria e associação das mães cristãs (OLIVEIRA, 1985 apud ANDRADE, 2019).

Segundo as narrativas orais, Filomena se apresentava nas casas ao convidar as crianças para o catecismo como a Filha de Maria. Desse modo, é possível que ela tenha participado da Pia União das Filhas de Maria. Esse grupo ganhou maior destaque nas paróquias durante a década de 1960 graças as atividades desenvolvidas pelo grupo estava a participação nos rituais da Igreja como missas, procissões, celebrações especiais, tendo elas um lugar relevante nestes ritos. Vale lembrar também que esse grupo era dirigido pelo pároco, logo, havia também a imposição de regras segundo o olhar católico com um caráter modernizador e disciplinador (ANDRADE, 2019).

Padre Argemiro sempre muito próximo da comunidade, reuniu muitas pastorais em seus anos como vigário, Francisca Vasques, lembra como iniciou na Legião de Maria:

Padre Argemiro chegou aqui a gente era umas meninhas danadas correndo pela rua, aí ele chamou vamos ser da legião, eu disse oxente Padre Argemiro a gente pode ele disse pode tem a infantil, juvenil, adulto. Por isso eu sou doida pela legião. (Francisca Vasques, 2023)

O convite de padre Argemiro mudou a vida religiosa de Francisca Vasques. Até hoje a narradora segue participando da Legião de Maria, chegando a coordenar o grupo por 8 anos. As fotografias do período registram esse chamado da Igreja para com a mulheres da comunidade. Na fotografia abaixo padre Argemiro está ao centro, a sua volta estão as mulheres da Legião de Maria. O registro foi feito em um piquenique.

Figura 15 - Padre Argemiro em um piquenique com as mulheres da Legião de Maria



Fonte: Memória Mauriti. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/191718184248865>

Filomena tinha muita proximidade com o padre Argemiro e costumava relatar suas angústias conjugais e buscar seus aconselhamentos. Como afirma José Santana atual diácono permanente³⁵ da paróquia de Mauriti e um dos organizadores da caminhada á Filomena de Lacerda:

Ele foi confessor dela ouvia os desabafos ele sentia já esse odor de santidade, na forma como ela suportava todos esses tormentos não só de forma física, mas psíquica e moral, pela forma como era tratada, por saber que o marido tinha uma amante que era menor de idade na época, e como isso tudo acontecia. (JOSÉ SANTANA, 2021).

Segundo Farias (2000) por volta dos anos 60 as mulheres cristãs que vivenciavam diariamente a doutrina católica percebiam os temas da vida privada como assuntos pessoais, um segredo que só deveria ser revelado ao confessor, em diálogo com o “diretor espiritual”.

José Santana teve uma proximidade com a trajetória de Padre Argemiro, na infância ele iniciou sua dedicação as atividades da igreja como coroinha do Padre Argemiro. Em sua fala é notório seu olhar sobre a santidade de Filomena, reforçando que Padre Argemiro sentia-se sensibilizado pela trajetória de Filomena percebendo-a com “odor de santidade”.

Em sua narrativa José Santana ainda reforça as atitudes que despertavam o olhar de Padre Argemiro sobre a santidade de Filomena, que sofria em silêncio diante dos problemas

³⁵ Diácono permanente é aquele ordenado pela igreja para exerce somente essa função, podendo este casar.

matrimoniais. Essa perspectiva reforça a imagem do que seria a mulher perfeita aos olhos da fé cristã.

A imagem abaixo retrata um grupo de Mulheres na cidade de Mauriti, ao centro está Padre Argemiro e ao seu lado esquerdo está Filomena.

Figura 16 - Grupo de mulheres ao redor de Padre Argemiro e ao seu lado esquerdo está Filomena



Fonte: Memória Mauriti, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/191718184248865>

A expressão “odor de santidade” utilizada pelo diácono remete a “flor de santidade” discutida por Certeau (1982) que seria os santos não oficiais que por sua trajetória de vida ou morte haviam sensibilizado a população sendo atribuído a eles odor de santidade. Essas hagiografias se difundiram na contemporaneidade sendo tomadas como exemplo.

Padre Argemiro e Filomena compartilhavam as atividades da paróquia diariamente, visto que a mesma se fazia presente em missas e demais festividades religiosas. Além disso, tinham algo em comum a devoção a Santa Terezinha do Menino Jesus. Em oração Padre Argemiro clama sua santidade a Santa Terezinha:

Ó Santa Terezinha, vivi tanto quando Vós e, ao contrário de Vós, só tenho ofendido ao bom Deus! Devo chorar diante de Vós neste dia contraditório. Já que o misericordiosíssimo Jesus permite que eu viva mais do que Vós, quero tornar-me santo como Vós no resto da minha vida pelo exercício das promessas, já que sou fraquíssimo e não tenho forças para praticar o heroísmo dos santos. (ROLIM, 2006).

Na ocasião em que recitou essa oração, padre Argemiro completava vinte e oito anos, idade em que padeceu Santa Terezinha. O pároco pedia à intercessão da santa para seguir seu exemplo de trajetória santa diante das promessas feitas ao divino.

Sob a luz da devoção a Santa Terezinha e dos ensinamentos do Padre Argemiro, Filomena padeceu em 1975, tendo sua vida ceifada por seu esposo e a amante do mesmo. Neste período padre Argemiro ainda estava na paróquia de Mauriti e celebrou a missa do seu funeral.

Passados dois anos da morte de Filomena em 1977, Padre Argemiro relata um milagre que possivelmente tenha contribuído para a construção de santidade em torno de Filomena pela comunidade de Mauriti. Padre Argemiro retornava de uma missa em sua terra natal Parambu. Chegando a Mauriti, iria celebrar a missa de aniversário de morte de Maria Augusto de Lacerda, mãe de Filomena, já era noite e Argemiro dirigia seu veículo, uma Rural³⁶ quando perdeu a velocidade parando por completo.

Em meio a estrada escura, ao descer do veículo lembrou que não havia abastecido, em um gesto de confiança rogou a Deus que pela intercessão de Filomena: “Meu Deus, pela alma da tua filha Filomena Lacerda, rogo que mostre um jeito de sair daqui. Passando um instante de silêncio absoluto, ele escuta uma voz feminina, suave, que lhe indaga: Padre, o Sr. não está precisando de gasolina? E ele, como anestesiado, respondeu: Sim, estou precisando, a mulher então lhe diz: aqui está a gasolina, entregando-lhe um balde”³⁷. Ao encher o tanque o padre voltou seu olhar para agradecer a senhora e percebeu que não havia mais ninguém ali. No dia seguinte na missa o Padre Argemiro pede um minuto de atenção dos fiéis e relata a sua graça alcançada.

Em 2012 a narrativa do milagre alcançado pelo Padre Argemiro foi passada ao papel. Não se sabe ao certo quem o escreveu, o mesmo está assinado pelos familiares de Filomena e do Padre Argemiro. O diácono José Santana narra:

O relato foi dado na missa da mãe dela na igreja de Mauriti, após uma viagem que ele foi a Quinaus celebrar uma missa de morte de familiares seus. Foi escrito de acordo com as pessoas que relataram e assinaram é um fato verídico que foi testemunhado no presbitério da igreja. (José Santana, 2021).

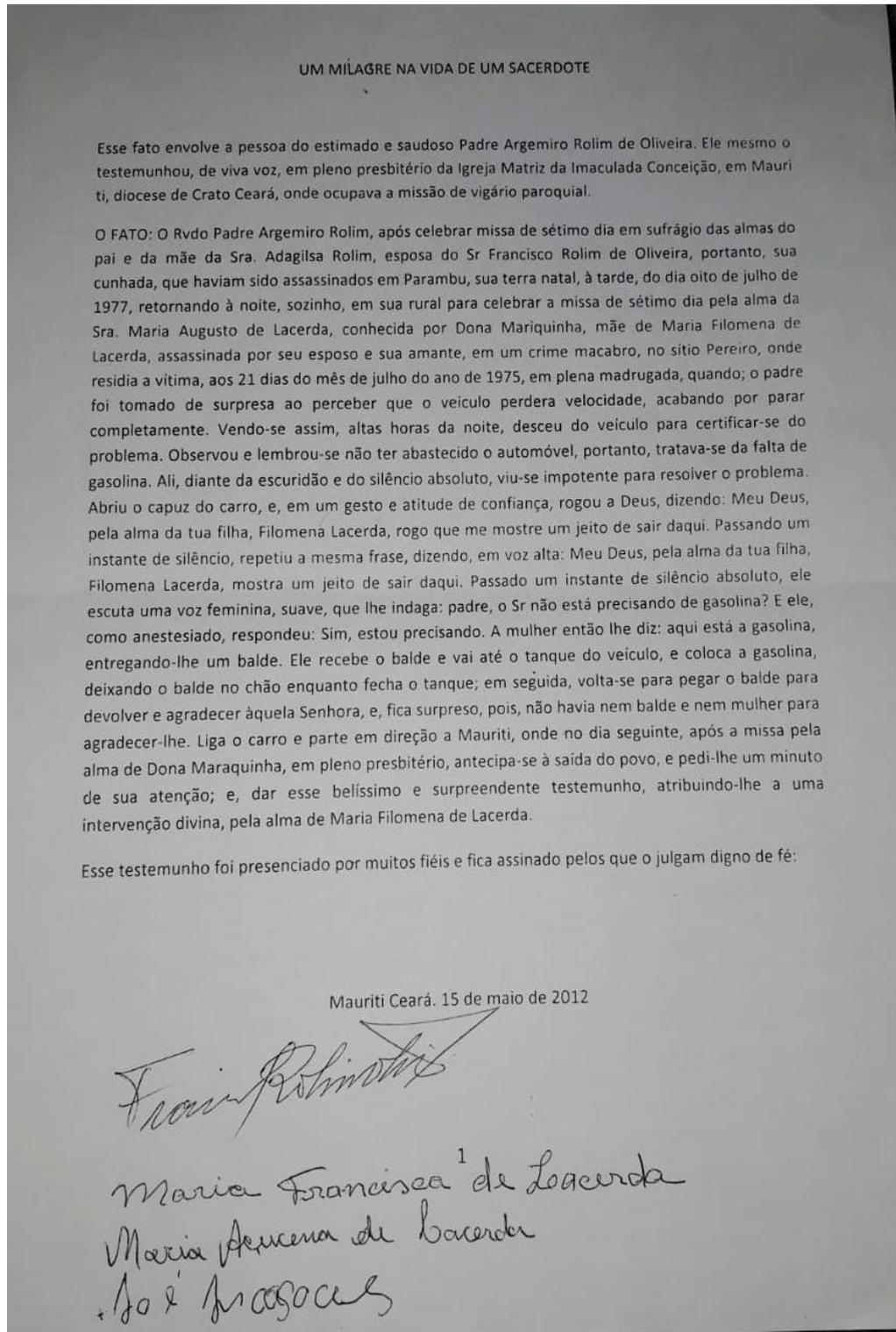
A carta tem como título “O milagre na vida de um sacerdote”, o diácono disponibilizou uma cópia para este estudo. Ao ler o registro é possível perceber que o mesmo foi redigido por alguém que domina a linguagem formal. Apesar do narrador não afirmar quem escreveu o relato, ele afirma a veracidade do mesmo, sendo feito de acordo com os relatos orais.

³⁶ Ford Rural Willys carro muito utilizado entre as décadas de 50/60/70

³⁷ “O milagre na vida de um sacerdote” registro da graça alcançada por padre Argemiro.

Odor de santidade enlaça a trajetória de Filomena e Padre Argemiro. Não apenas Filomena após sua morte passou a ter fatos miraculosos em torno de si. Mas como também Padre Argemiro é conhecido por ter sua batina inteiramente preservada após a exumação do seu corpo.

Figura 17 - Registro da graça alcançada por Padre Argemiro



Fonte: Acervo pessoal do diácono José Santana

Porque ele era enterrado dentro da paróquia e na exumação do corpo dele a batina estava intacta, essa batina foi passada para a família, seus ossos estão enterrados na parede da igreja representando os apóstolos como coluna da igreja, uma pedra de mármore. O padre transparecia essa santidade era pacífico, humano, atencioso, fui coroinha na época dele, e legionário e cruzadinha na época dele (José Santana, 2021).

Para o narrador, Padre Argemiro também sinaliza para uma santidade, por suas obras, bem como o ato miraculoso de ter sua batina ficado intacta após a exumação do seu corpo. O olhar de José Santana sobre os personagens aqui abordados reflete o seu empenho em participar e organizar a caminhada a Filomena. Segundo ele, Padre Argemiro já percebia um caminhar de santidade em Filomena.

A cada contexto histórico a santidade vai adquirido sinais particulares diferentes, porém é relevante perceber como as narrativas de mulheres santas estão sempre mediadas por um narrador masculino. Era comum na América Portuguesa esses narradores pertencerem ao clero, as narrativas de mulheres virtuosas originavam-se de fontes diversas como relatos orais, escrita elaborada por familiares ou conhecidos (MARTINS, 2013).

O testemunho de Padre Argemiro foi primeiro milagre obtido pela intercessão de Filomena que se tornou público. Após esse relato vários outros testemunhos começaram a surgir. Logo, ele teria sido um dos incentivadores das primeiras caminhadas, chegando a celebrar missas no espaço de morte de Filomena:

Padre Argemiro chegou a celebrar as missas no espaço de morte dela, ele foi o principal estimulador, no início tinha bonés de vestibulando, canetas, mas era coisa feita avulsa. Acontecia de forma grosseira, tinha relatos de muitas graças alcançadas na época, após a saída do Padre Argemiro a coisa foi esfriando (José Santana, 2021).

A memória sobre Filomena e as narrativas de sua santidade continuam bem vivas na comunidade de Mauriti. Padre Argemiro, pode ser considerado um dos percussores dessa memória ao testemunhar o primeiro milagre em público. A partir desse fato outros milagres surgiram e o diácono José Santana passou a incentivar a rememoração e criação de novas memórias em torno de Filomena.

Através da organização da caminhada, preservação de objetos e cartas que registram graças, a imagem de Filomena enquanto uma mulher santa foi se construindo. As memórias do passado acabam por ser incentivadas pelos acontecimentos do presente consagrando um conjunto de lembranças que fazem a memória de Filomena não entrar em esquecimento na comunidade de Mauriti/CE.

Vale ressaltar como afirma Pollack (1992), a memória é seletiva. Cada grupo enfatiza o que deve ser lembrado ou esquecido, a exaltação da vida de Filomena e sua religiosidade. Isto pode ser considerado uma forma que a comunidade guiada por padre Argemiro e mais tarde pelo diácono José Santana, tem encontrado para preservar a memória de Filomena e justificar sua morte trágica. Segundo Padre Ismael:

O que se sabe pelos comentários da própria comunidade de Mauriti é que logo após o falecimento que isso gerou um certo constrangimento na comunidade por ter conhecimento da sua prática diária de participação da santa missa toda aquela devoção e a expressão de fé que ela tinha de sair do seu lugar longínquo até a matriz esse sofrimento de suportar a vida matrimonial e todas as aquelas tribulações isso fez com que despertasse na comunidade o interesse de salvaguardar a memória de uma mulher que conservou a fé que assumiu o matrimônio com todas as suas consequências (Padre Ismael, 2021)

José Santana relata como a caminhada a Filomena retornou:

Já existia a caminhada, só que houve uma parada, talvez algumas pessoas estivessem frequentando o local da sua residência onde ela foi assassinada, mas o que tivemos conhecimento é que houve uma parada e aí em 2012 a irmã dela, Franciscana nos procurou e também procurou o padre da época padre Antônio, para voltar a celebração das missas lá, então depois nós fomos falar com o padre e o padre disse vamos recomeçar a celebração da missa e aí foi recomeçado nesse período se não me engano (José Santana, 2021).

Atualmente o narrador é um dos organizadores da caminhada, representando a instituição católica. Segundo o mesmo, a caminhada a Filomena com missas voltou a ocorrer por volta de 2012, todos os anos no segundo domingo de julho. Além disso, José Santana preserva um devocionário que pertenceu a Filomena, juntamente com cartas escritas pelos devotos que relatam graças alcançadas.

O fato de padre Argemiro testemunhar o primeiro milagre que se tem notícia, agrega um olhar maior da população de Mauriti sobre a história de Filomena. Já que o mesmo tinha uma grande influência na comunidade, seu testemunho como pároco oficializa o olhar da população sobre a santidade de Filomena.

O fato de um sacerdote ser o referencial na comunidade católica isso faz com que a sua palavra ganhe muito crédito, uma coisa é um fiel às vezes movido por uma sensibilidade da fé, mas uma fé um tanto alicerçada no âmbito devocional da religiosidade sem aquela visão crítica (Padre Ismael, 2021).

A iniciativa de Padre Argemiro em celebrar missas no local de falecimento, construiu um avivamento de memórias sobre o espaço de morte. Tais fatos agregam um caminho diferente a história de Filomena.

4.2 O caminhar da fé

Ao alvorecer do segundo domingo do mês de julho, muitas pessoas saem da cidade de Mauriti/CE e se dirigem ao Sítio Pereiros. Por volta das 5 horas da manhã é possível ouvir o cântico no carro de som se misturar com as vozes dos caminhantes. O trajeto é longo cerca de cinco quilômetros. Na travessia é possível observar uma paisagem verde, fruto das chuvas que banham o sertão neste período, a estrada vicinal marca por muitas vezes os pés daqueles que cumprem o trajeto descalços. Os devotos realizam o percurso feito por Filomena, muitas vezes quando se dirigia as atividades religiosas na Igreja de Mauriti.

A caminhada na atualidade é envolvida pelo sentimento de gratidão. Os caminhantes chegam no alvorecer do sol por volta das 6 horas da manhã. É notório o sentimento de gratidão nos rostos daqueles que chegam, entre rezas, conversas e risos, eles vão se encontrando no local (ver figura).

Figura 18 - Caminhada realizada em 2018



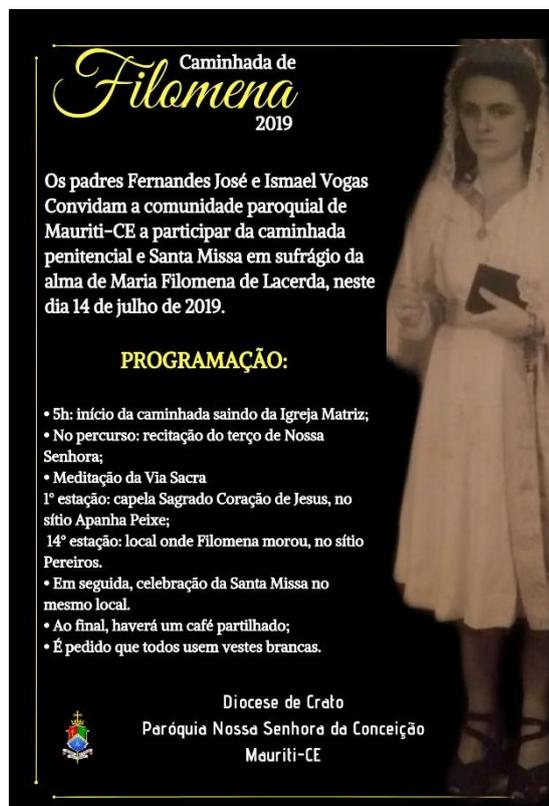
Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1693398527448074&set=pcb.1693409274113666>

No ano de 2018 e 2019, a caminhada foi organizada pelo padre Ismael, que conduziu a multidão como se constata na imagem acima. Padre Ismael comentou em relação a construção de Santidade em torno de Filomena de Lacerda:

Seria uma identificação sem sombra de dúvidas e nós sabemos que décadas atrás e até hoje nós temos infelizmente resquícios de uma visão patriarcalista, isso a gente sabe até biblicamente a própria bíblia retrata muito esse patriarcalismo em outros termos o machismo em que a mulher é colocada em segundo plano e vista como propriedade do homem isso faz com que numa cultura onde a informação começa a se propagar com mais com uma fluidez maior então as pessoas começam a revidar e a reivindicar o valor e o destaque também da figura feminina tanto por parte das mulheres como também por parte de homens que reconhecem o valor que a mulher tem (Padre Ismael, 2021).

A construção da santidade de Filomena de Lacerda está unida ao testemunho do Padre Argemiro e a identificação que a comunidade tem em relação a trajetória de Filomena. Essa foi uma forma que a comunidade encontrou de dar destaque a uma mulher que teve sua vida ceifada tragicamente. Nesta questão, a igreja também tem uma importante contribuição na divulgação da caminhada, com anúncios em carros de som e postagens nas redes sociais. A imagem abaixo data do ano de 2019. Um convite na rede social da paróquia chamando os fiéis a se fazerem presentes na caminhada (Ver figura).

Figura 19 - Convite para a caminhada à Filomena em 2019



Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Disponível em: <https://www.facebook.com/page/1332062996914964/search/?q=Filomena>

No ano de 2019 o percurso até o local onde Filomena faleceu foi visto como uma *via sacra*. A última estação da Via Sacra era o espaço de morte de Filomena. Essa interpretação dada pela igreja para os fiéis constrói um paralelo entre a caminho percorrido por Jesus Cristo e o caminho percorrido por Filomena até seu espaço de morte. Padre Ismael, narra sobre o seu olhar em relação a Filomena, em suas palavras o padre não esconde o quanto a história da mesma também o sensibiliza:

A carta dela eu como sacerdote depois de ter tido contato com a carta dela existe uma frase marcante é dirigida a sua mãe eu acho que é a base teológica para dizer que essa mulher realmente tinha consigo um grau de santidade que está para além das mulheres de sua época (Padre Ismael, 2021).

A organização do momento demonstra o olhar sensível da igreja para com a história de Filomena, e a preocupação da mesma em convidar a comunidade a participar do evento. Reforçando assim, a tradição já existente. Mas qual o olhar da Igreja sobre a santidade de Filomena? Para José Santana

Isso é levado com muita consideração pela igreja, mas também com muito cuidado e responsabilidade, porque na verdade isso não é um movimento da igreja, isso partiu da comunidade, de algumas pessoas da comunidade. A piedade da população trata como sendo uma vítima, mas também como mártir, isso na concepção popular, para a igreja não existe essa definição que Filomena de Lacerda é mártir, porque ai tem uma série de critérios para que considere uma pessoa mártir, então não é considerada pela igreja uma mártir, mas uma pessoa de fé, que viveu a sua fé e defendeu a sua honra, viveu o sacramentos, respeitou o seu esposo mesmo sendo hostilizada, maltratada ela sempre respeitou o seu matrimônio para vivenciar bem os sacramentos da igreja. (José Santana, 2021).

Na concepção de José Santana, apesar do testemunho do Padre Argemiro sobre a intercessão de Filomena, o movimento devocional em torno de Filomena é popular. Ao tratar do assunto o narrador enfatiza o cuidado e responsabilidade em perceber a paróquia de Mauriti como percussora do movimento. Em sua narrativa, ele traduz que a igreja participa do movimento que tem iniciativa da comunidade, inserindo ali seu olhar enquanto instituição que percebe Filomena como exemplo de fé e honra aos sacramentos.

Em muitos momentos de sua narrativa o Diácono reforça questões vivenciadas por Filomena que são para ele exemplo de sua santidade. A narrativa dela acaba por reforçar os modelos de santidade feminina que prevalecem na instituição católica. Ou seja, mulheres que devem suportar problemas e violências matrimoniais em nome da fé, essa questão também acaba sendo reproduzida pelos devotos.

Ao falar do movimento como uma iniciativa da comunidade, a caminhada de Filomena é vista como uma devoção não oficial. Essa religiosidade é uma prática feita em várias possibilidades, reunindo aspectos culturais da tradição cristã, onde muitas vezes são usados os termos “religiosidade popular” ou “catolicismo popular”. É preferido neste estudo usar o termo religiosidade não oficial, para não classificar essa prática como pertencente a determinado grupo (RAMOS, 2014).

Vale lembrar que apesar da missa em sufrágio da alma do falecido ser um rito comum aos católicos falecidos, esse momento se torna especial diante do espaço onde o mesmo é celebrado. Bem como, reforça a tradição popular de fazer a caminhada e pagar promessas feitas a Filomena, tornando o momento peculiar.

As representações de santidade feminina canonizadas pela Igreja como Maria, mãe de Jesus, servem de paradigma para a construção de narrativas de santidade não oficial. No entanto, devemos levar em consideração os tempos históricos nos quais esses modelos de santidade foram elaborados e o seu distanciamento em relação ao contexto histórico que ambos foram criados.

A experiência de santidade não oficial em torno de Filomena é marcada por inúmeras outras devoções que surgiram na região do Cariri durante o século XX. Através de mulheres que padeceram de morte trágica e após esse evento surge devoções populares em torno das mesmas. São elas: Maria de Bil na cidade de Várzea Alegre, 1926 (ALVES, 2014), Benigna Cardoso da Silva na cidade de Santana do Cariri em 1941, Francisca Maria do Socorro na cidade de Milagres em 1943, Francisca Augusta da Silva em Aurora, 1958, Maria Caboré em Crato, 1920-30, Luzia Coelho em Barbalha, 1952, Cova da Nega na cidade de Crato século XIX, Rufina em Porteiras, XIX-XX, (BARRETO, 2018).

Figura 20 - Mapa das Devoções da Região do Cariri



Fonte: Autora (2022).

Entre as devoções apontadas no mapa destacamos o caso de benigna. Conhecida pela Igreja Católica como “heroína da castidade”. Este título lhe foi concebido através do seu martírio. Desde de criança a menina Benigna vivia com seus pais na cidade de Santana do Cariri/Ce. Na época o catolicismo vigorava como crença da maioria da população, e na família de Benigna não era diferente. De origem humilde, seus pais obtinham sustento do trabalho no roçado através de prestação de serviços no Sítio Oiti Cirineus (SILVA, 2019).

Dentre os casos aqui citados de devoções populares o caso de Benigna é o único que toma proporções de beatificação. Percebemos que a mesma tem esse estigma dado a crianças santas, ao ter passado por uma morte violenta. Observada pela própria igreja e fiéis como sinônimo de coragem, lhe rendendo o título de “heroína da castidade”. Mas ao olharmos para o caso de Benigna e de outras mulheres vítimas de violência, percebemos que elas não tinham escolha. A menina Benigna resistiu a um ato violento contra ela, ela não escolheu morrer em nome da sua castidade.

Apesar do convívio com as práticas não oficiais pela Igreja Católica atualmente, durante o século XIX a mesma adotou reformas que buscavam reforçar a hierarquia e autoridade do catolicismo. Bem como, eliminar traços nacionais e populares do catolicismo. Esse movimento é atualmente denominado na historiografia brasileira de Romanização. Mas considerando as observações de Santirocchi (2010) neste estudo cabe utilizar o termo Reformas Católicas já que engloba a maior complexidade deste período histórico.³⁸

Com a chegada do século XX outros acontecimentos influenciam o olhar da Instituição Católica sobre as práticas não oficiais, no Concílio do Vaticano II (1962-1965) e Conferência de Medellín em 1968, a igreja apresenta um novo olhar sobre o laicato:

Neste sentido, sobre o apostolado leigo o documento primeiramente apresenta a situação da religiosidade da população(...)enfatizando que a população era extremamente crente, porém a sua fé misturava-se muito ao misticismo. Não obstante a população apresentar esta religiosidade que para alguns estudiosos estava ligada às práticas coloniais, o documento recomenda o respeito e não a imposição a estas práticas. Sendo assim, não se tratava de impor o catolicismo vindo de Roma, como anteriormente, mas entender o catolicismo praticado pelos fiéis latino-americanos e, a partir dele, evangelizar a população (GUARIZA, 2008, P.123).

Essa questão de aproximação entre clero e laicato nos possibilita entender a convivência entre religiosidade não oficial e catolicismo oficial na região do Cariri. Percebe-se uma Igreja conivente com tais manifestações. No caso de Filomena ao celebrar missas todos os anos no seu espaço de morte.

Nestes momentos de manifestação da religiosidade católica, o oficial e o não oficial se encontram. Visto que, ao rezar para o santo de devoção, mesmo este não sendo canonizado oficialmente, para o praticante católico ele está a exercer sua fé e religião.

³⁸ Durante o século XIX, as mudanças foram denominadas de Ultramontanismo, reformas que surgiam frente as mudanças da sociedade moderna e o surgimento de correntes ideológicas. Além deste, em 1870 vai surgir a “romanização” uma tentativa de dogmatização universal da Igreja Católica. A romanização designa na historiografia as reformas por parte da igreja, sua hierarquia e autoridade que buscava eliminar os traços nacionais e populares do catolicismo. (SANTIROCCHI, 2010).

O concílio do Vaticano II, tenta se aproximar dos fiéis católicos por meio da sensibilidade com os leigos. Nesta conjuntura ela também passou a utilizar os modelos de santidade, representações do que é ser cristão.

Entre 1978 e 2008, os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, foram marcados pela valorização dos mártires. Sendo canonizados por Bento XVI nos seus dois primeiros anos a frente da Igreja, 496 novos santos, além de 527 mártires beatificados. Canonizando assim, muito mais do que os papas anteriores. Em 1964, a constituição dogmática *Lumen Gentium* apresenta uma definição contemporânea de santidade, onde todos são chamados a ser santos (a) (DE ANDRADE, 2008). Sendo assim, essa santidade contemporânea pregada pela Igreja Católica possibilita o surgimento de devoções não oficiais que se assemelham ao caso de Filomena de Lacerda.

A devoção a Filomena de Lacerda ainda se restringe a comunidade de Mauriti/CE. Segundo Padre Ismael, as questões sobre uma possível beatificação requerem maior incentivo do pároco que está a frente da paróquia, mas ao seu olhar a devoção a Filomena pode trilhar o caminho da canonização:

Não chegou aos ouvidos e ao conhecimento da igreja diocesana, mas quando isso chegar, porque isso requer muito a iniciativa do próprio sacerdote local se ele impulsiona isso acaba tendo uma visibilidade maior e acredito que todo o contexto a situação de Filomena ser reconhecida como uma mulher santa! pela igreja o bispo não teria nenhuma aversão a isso pelo contrário, e eu acredito que a Igreja hoje ela já abriu mais os olhos pra enxergar não apenas a pessoa a partir de um milagre, mas enxergar a pessoa a partir de uma caminhada que inspira pessoas a prática do bem e seguimento do ministério. (Padre Ismael, 2021).

A narrativa do padre Ismael revela o atual olhar da Igreja Católica diante as trajetórias de santos não oficiais. Para ele, o olhar canônico sobre santidade considera a trajetória de vida seguindo fielmente os dogmas católicos como um dos fatores que levam a iniciar o processo de santidade oficial. Nesta narrativa a trajetória de vida é vista como um exemplo para os demais fiéis.

4.3 Os olhos que enxergam o milagre

Na caminhada em homenagem a Filomena, aqueles que chegam primeiro vão soltando fogos em agradecimento e sinalizando que já concluíram o trajeto. Ao chegarem os devotos avistam uma pequena capela em tons claros, ao seu redor somente mata fechada. A paróquia da cidade juntamente com a família prepara o local para a celebração. A frente da capela está uma mesa com símbolos cristãos (ver figura).

Figura 21 – Missa na capela dedicada a Filomena em 2022



Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1693398527448074&set=pcb.1693409274113666>. Caminhada em 2022.

O lugar torna-se uma apropriação por parte dos devotos, através do imaginário e da representação que as pessoas passaram a identificar nele. Sobre o espaço sagrado leva-se em consideração o livro de Michel de Certeau, quando o mesmo analisa que:

O espaço é um cruzamento de moveis e de certa forma animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram, espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais: (DE CERTEAU, 2008)

Deste modo, o espaço do martírio se torna um lugar sagrado, pelos movimentos que os devotos proporcionam ao irem rezar e agradecer pelas graças recebidas. Tornando-se assim, um lugar de oração, composto de significados para aqueles que ali depositam sua fé. Tal representação de espaço pode ser visto na descrição de Josefa Leite Romão que acompanha a caminhada de Filomena

Um pouco de sofrimento, e ao mesmo tempo luz, porque ali foi onde ela morreu, mais ao mesmo tempo foi onde as pessoas acharam a oportunidade da graça, né? que as pessoas tem essa devoção por aquele lugar, então ele se tornou luz”. (Josefa Leite, 2021)

Figura 22 - Missa do aniversário de morte de Filomena



Fonte: Acervo da autora.

O espaço é especificado por operações, movimentos e ações dos sujeitos históricos. Tais práticas entre sujeitos e espaço o transformam, enquanto objetos paisagens e significados. As operações e movimentos em torno do espaço onde Filomena foi morta. Sejam eles, dos praticantes do crime ou da morte sofrida da mesma. Bem como, as ações dos devotos após sua morte, despertam representações de um “espaço de sofrimento”, ou “espaço de luz”. São assim, interpretadas como “apropriações espaciais, aquilo que ali se repete (ou se recorda) de uma memória” sobre o espaço (CERTEAU, 2008. P.186).

Ao adentrar no espaço sagrado, a comunicação com o divino se torna mais próxima, o templo é uma porta que transcende o mundo profano:

Conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses. (ELIADE, 1992.P. 19)

Dentro da capela é possível observar vários ex-votos, deixados como forma de agradecer ao milagre alcançado. São eles, flores, velas, fotos, imagens de santos, que fazem o espaço além de sagrado, torna-se um espaço de memória. Ao observar esse espaço é possível evocar a dimensão religiosa que ele abrange. A capela se torna um espaço memórias ou lugares de memórias. Seria naquele local um lugar de diversas memórias coletivas ao ser reconhecido como espaço de morte de Filomena e local sagrado. Este seria o local de memórias individuais, materiais. Onde cada devoto deposita seus sentimentos e agradece as graças alcançadas.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Podem constituir lugar importante para a memória do grupo. E, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo (POLLACK, 1992, 202).

Cada devoto possui, um modo de ver estes lugares de memória, uma história e uma relação com este espaço. Histórias essas fragmentadas “que podem se desdobrar, mas estão ali antes como histórias á espera e permanecem no estado de quebra-cabeça” (CERTEAU, 2008, P. 189).

Para compreender as memórias sobre o espaço de morte de Filomena de Lacerda é relevante mencionar Jaques Le-Goff. O mesmo aponta que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1994, p. 427).

Desta forma, a memória dos narradores através do uso da história oral nos proporciona problematizar os fatos em torno da morte de Filomena:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1994, p. 423).

Ajudando-nos a identificar as imagens mentais que este tem sobre quem foi Filomena em sua trajetória de vida, e como os mesmos lembram-se de sua tragédia de morte, fato que constrói a visão de santidade em torno da mesma.

O espaço é, em si, o elemento que contribui para a construção deste imaginário místico. O lugar do martírio é interpretado pelo devoto como lugar sagrado, para rezar pela alma do

santo e agradecer pelas graças alcançadas. Maurianny relata a graça alcançada:

Pedi com muita fé a intersecção de santa Filomena e pela vontade de Deus e pela sua intersecção a graça foi concedida e consegui passar em todas as provas de todas as faculdades que prestei vestibular e como forma de agradecimento deixei em sua humilde, porém acolhedora capela todas as canetas e lápis que fiz uso durante a realização das provas e sempre que vou a Mauriti, visito sua capela e rezo em agradecimento pela graça concedida como havia prometido (Maurianny, 2008).

De acordo com Gaeta (1999), são lugares sacralizados pelo culto popular, pequenas capelas, cruzeiros, túmulos processo gerador de santidades. Este processo é construído em torno de uma alma conhecida por realizar milagres. Notamos que há uma reciprocidade entre o santo de devoção e seu devoto, como forma de retribuir o milagre alcançado:

Esse espaço onde Filomena morreu e hoje é celebrada a missa ele é pra mim é um lugar santo porque lá tem sangue de humano, foi sangue derramado né? e não foi sangue derramado de qualquer forma foi sangue derramado muito silencioso sofrendo momentos por momentos ela sofreu momentos por momentos na vida dela pra ela poder chegar na morte, então pra mim esse lugar é considerado um lugar santo um lugar abençoado que realmente é o lugar de graça⁵⁸. (Josefa Leite, 2021).

Segundo Certeau (2008) os relatos são movéis exercendo o papel cotidiano de demarcação. Sendo assim, tais narrações sobre o espaço de morte de Filomena demarcam o espaço como santo. Logo, passa a ser conhecido e interpretado por outras pessoas como tal. “As operações de demarcação, contratos narrativos e compilações, são compostas com fragmentos tirados de história anteriores, (...) num todo único. Neste sentido, esclarecem a formação dos mitos, como tem também a função de fundar espaços”.

O momento crucial do dia é a missa, celebração feita em dedicação a alma de Filomena. Nesta ocasião todos se acomodam para ouvir a celebração. É importante destacar como a experiência popular é revestida de práticas litúrgicas oficiais, com a celebração da missa pela alma de Filomena em seu espaço de morte marcada pelo pagamento de promessas feitas pela população. O diácono José Santana falou sobre como é organizado o momento por parte da igreja:

É missa dominical por ser domingo, a diferença está na forma como as pessoas se deslocam. Nós temos a celebração eucarística, após a celebração a família também tomou a iniciativa de oferecer um café partilhado, tem a partilha da palavra e a partilha da eucaristia e depois o café comunitário (José Santana, 2021).

Ainda no espaço da capela dedicada a Filomena. Ocorre ao término da missa de seu aniversário de morte no dia 21 de julho por volta das 7 horas da manhã, enquanto muitos

devotos soltam fogos e rezam terços, a distribuição de um café da manhã comunitário, organizado pelos familiares de Filomena. Todos que participam da caminhada levam algo para contribuir, o café é distribuído a todos os devotos.

Figura 23 - Café Compartilhado



Fonte: Acervo da autora

A comida é uma manifestação social que transcende espelhos e idiomas. No Brasil a comida é um código, expressa a sociedade, tanto quanto a política, família, espaço e tempo. “O alimento e a comida, o doce e o salgado ajudam a classificar coisas, pessoas e até mesmo ações morais importantes no nosso mundo” (DAMATTA, 2012, p. 1).

A comida em um espaço considerado sagrado compartilhada com todos se torna um elo entre os devotos, no ato de levar algo do íntimo de sua casa para a comunidade, o indivíduo compartilha sua identidade pessoal, seu gosto por determinado alimento como os demais. Logo “a comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa” (DAMATTA, 2012, p. 3).

A gente sente uma paz tão grande, se for no domingo a missa, lavamos a capela no sábado, fica tudo limpinho, todo aumenta as pessoas, a gente leva 5 garrafas de café, todo mundo leva uma coisa pra servir lá, bolo, sopa, caldo, cada um leva sua panela (Maria Auxiliadora Guimarães, 2022)

A partir das partilhas no mesmo espaço a vivências dos devotos estabelecem laços de amizade e de identidade. Essas questões remontam ao que João José Reis (1991) denominou de “catolicismo barroco”, que são manifestações extensas da fé com festas aos santos de devoção, fogos de artifício, procissões e banquetes de comida. Inserida nestes ambientes a comida ganha significados culturais.

A distribuição da comida marca o fim da romaria. Um momento de dever cumprido pela caminhada feita até ali. Bem como, pela promessa paga a alma de Filomena. O final da

romaria é um momento de conversas e trocas de experiências surgindo novas amizades, a comida faz esta mediação entre os indivíduos.

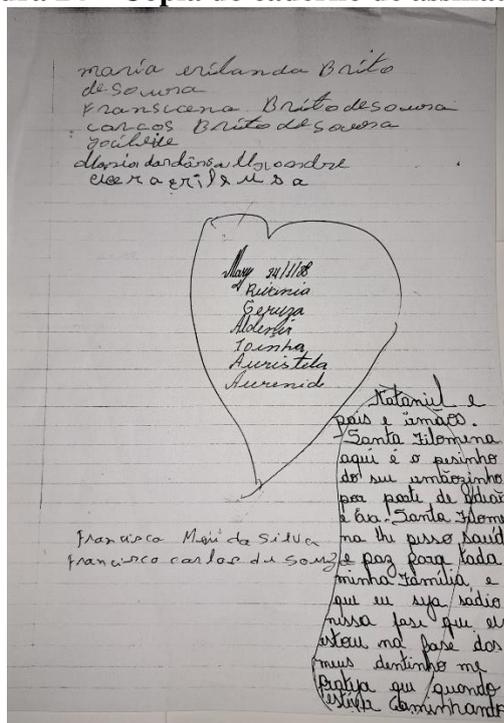
É nesse espaço que a graça alcançada se torna pública. O Diacono José Santana pede que aqueles que desejarem registrem em forma de carta a graça alcançada. As cartas geralmente ficam em seu acervo. Essa também é uma forma de registrar a memória encontrada pelo diácono

Falar sobre a história de Filomena e os diversos personagens que permeiam essa narrativa, requer sensibilidades e interpretações nas entrelinhas. Principalmente quando esses personagens não compõem o núcleo de grandes heróis citados na historiografia tradicional. As cartas escritas em agradecimento a Filomena por milagres alcançados, bem como os relatos orais, revelam um pouco das trajetórias pessoais dessas pessoas. Sendo assim, cabe ao historiador ter além, de outras qualidades, a sensibilidade no tratamento das fontes, já que elas são a base do nosso discurso (PINSKY, 2006)

Ao observar as cópias das cartas do acervo que foi-me concedido, e ouvir a narrativa da entrevista concedida pelo Diácono, percebi a diversidade de cartas, nomes e datas que compõem os relatos em agradecimento a Filomena.

Como já citado anteriormente, as caminhadas a Filomena foram iniciadas logo após sua morte, por iniciativa do Padre Argemiro, no período entre os anos de 1980 e 1990. Os registros foram feitos em um caderno que ficava na capela, onde os devotos ao pagar a promessa assinavam seu nome indicando o que lhe motivou a visita e a data. Hoje restam apenas algumas folhas deste caderno de registros (figura):

Figura 24 – Cópia do caderno de assinaturas



Fonte: Acervo diácono José Santana

Os registros no caderno são em sua maioria de mulheres que entre as décadas de 80 e 90 que buscavam ajudar e agradecer a Filomena por sua interseção:

“Minha filha estava doente, me peguei com a alma da finada Filomena e com muita féminha filha Fancisca Marciala Leite Cavalcante ficou boa. Marquei para o dia do 1º aninho dela estou pagando essa graça com muita fé eu (Maria Socorro Cavalcante Leite, Sítio Mandaçaia, em 6-9-84).

“Santa Filomena aqui estou para agradecer a graça alcançada, e ao mesmo tempo pedir, paz, felicidade, amor, saúde, não só para minha família e sim para o mundo inteiro. Que nunca nos falte o pão nem a saúde e que vós os guie, todos os seres humanos pois os mesmos não sabem aonde irem. Encarecidamente agradece Socorro Martins” 1990.

“Visita a graça alcançada com a alma da finda Filomena feita por Mairia Antônia da Cruz, já falecida; veio pagar a promessa sua filha Francisca Maria da Cruz em 18-09-84”

Após a saída do padre Argemiro da cidade de Mauriti a devoção diminuiu e as pessoas passaram a ir esporadicamente visitar o local. Por volta do ano de 2012 com o retorno da caminhada e organização por parte da paróquia os relatos passaram a surgir novamente. Desta vez por iniciativa do Diácono José Santana que passou a pedir aos devotos que registrassem de forma escrita a graça alcançada.

Na análise das cartas, todas foram escritas por mulheres, os agradecimentos perpassam

por graças alcançadas, que estão relacionadas a cura de doenças. O enredo da carta e a forma como estão escritas, mostram pessoas com um baixo nível de escolaridade. O agradecimento pela cura de uma enfermidade expressa a crença maior no sobrenatural, em detrimento do científico.

As cartas aqui utilizadas compõem um arquivo privado, “a documentação pode dizer respeito a acervos de pessoas, de famílias, grupos de interesse (militantes políticos, instituições, clubes etc.) ou de empresas” (PINSKY, 2006, p.10). Disponibilizadas pelo diácono da paróquia de Mauriti/CE, o que demonstra o interesse por parte do mesmo em arquivar os materiais pertencentes à Filomena.

O imaginário religioso não oficial é composto de pessoas como Filomena de Lacerda, na qual a resignação, obediência, paciência, e morte constroem um cenário de santificação. As narrativas sobre a vida e morte dessas pessoas, as fazem seres extraordinários a se diferenciar dos demais. Nas narrativas encontradas nas cartas as descrições sobre o espaço em que vivia Filomena antes do crime tratam de uma mulher que estava em resignação:

Seguiram até o imóvel “pereiros” de propriedade de Manoel, onde estava confinada a esposa deste, em um casebre de taipa e telha de paredes raturadas e com as portas escoradas por dentro com madeiras, era assim as fechaduras de segurança, onde “Filomena” vivia sozinha (Autor desconhecido).

Quando é enfatizado a construção do imaginário a respeito de Filomena não nos restringimos à imagem enquanto iconografia. segundo Le-Goff (1980), o imaginário se mantém no universo do homem, e seus meios de comunicação social estão ligados a um universo de imagens mentais. A imagem contruída sobre Filomena é de uma mulher “boa”, por ter tido uma vida voltada à Igreja, sofredora por causa das traições de seu marido, até sua morte. “Pela vida que ela levou ela pode ser considerada santa, pela vida que ela escolheu uma pessoa deixar de morar na cidade no centro, pra ir morar praticamente numa mata é uma escolha muito difícil” (Assussena, 2022). Além disso, tem-se uma construção imagética sobre a vida de fé e oração que Filomena levava, “menina simples e muito dedicada às coisas de deus”.

Nas cartas os devotos descrevem suas memórias e constroem uma narrativa a respeito da morte de Filomena. O lugar do martírio nestas narrativas sempre é lembrando como um ambiente de sofrimento. As cartas também expressam as angústias e milagres alcançados pelos devotos.

Penetraram no casebre sem que a vítima pressentisse; o esposo acendeu um candeeiro e verificou que sua inocente esposa dormia tranquilamente,

quando agarrada subitamente pelo esposo, ainda teve tempo de exclamar: “valla-me nossa senhora”, momento em que o mesmo comprimiu-a sobre o peito, com seus braços fortes da maneira a asfixiá-la quebrando-lhe a clavículas e disse para a sua amante: “pegue a faca”. Tendo ela perguntado: “por onde começo”. Apontou ele pra veia aorta abaixo do maxilar direito, levando a arma criminosa até o esôfago, cujo ferimento não se pode calcular, a sua profundidade⁴¹. (Autor desconhecido)

É evidente no relato o imaginário que tange a morte de Filomena, o autor desconhecido na carta não esteve no local do crime. Entretanto, descreve as falas dos envolvidos na tragédia, construindo uma imagem dos criminosos e da vítima. Criando narrativas sobre como se deu a morte trágica de Filomena, contribuindo para uma justificativa de santidade. Essas narrativas são fruto de memória que Pollack (1992) denomina de acontecimentos “vividias por tabela”. Aqueles que, não foram vividos pelo sujeito, mas estão no imaginário que tomou relevância e que ele não consegue em sua narrativa saber se participou ou não.

Podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (POLLACK, 1992, p. 201).

A ênfase dada nas narrações das cartas, recebe influência da fé cristã, na qual a morte trágica passou a ser um símbolo de santidade como foi a de Cristo. O desprezo do corpo pela morte, ou outro tipo de abstinência, tornou-se modelo de santidade na fé cristã, algo purificador, modelo a ser seguido para estar perto do divino:

Os modelos monásticos propõem a sujeição e humilhação do corpo pela ascese, pela continência e pela abstinência. O corpo que em fins da idade média a igreja cada vez mais exaltou foi a imagem do corpo de cristo o corpo sofredor pelo sofrimento que impôs ao seu corpo, pelas suas doenças, involuntária e pelas práticas ascéticas (LE-GOFF, 1994, p. 26-27)

Em muitos casos o devoto não chegou a conhecer Filomena. A fé em seu poder milagroso o que foi narrado pelos pais ou familiares que assim perpetuam a devoção:

Daí minha mãe (Selma) me falou sobre santa Filomena, e, disse ainda de uma graça que havia recebido por intermédio dela, no qual ela se encontrava aflita porque iria fazer uma prova da escola e tinha que passar, por que senão ela perderia o ano, então ela decidiu recorrer a interseção da santa, pois ela tinha sido sua professora de catecismo enquanto criança e sabia de sua bondade, generosidade, caridade e amor que tinha em ajudar o próximo (Maurianny, 2008).

As memórias dos devotos estão sempre a exaltar a postura de Filomena a diferenciarse dos outros, ser de bondade infinita, algo sobrenatural. Essa memória sobre a trajetória revela

a maneira que o devoto percebe seu santo, e suas experiências vivenciadas com o sagrado. Não só, mas como também rememoram e constroem um novo imagético sobre esse ser para os outros indivíduos como alguém digno de devoção por conta do passado que se faz presente nas narrativas das cartas e memórias dos devotos. Segundo Bosi.

Pela memória o passado não só vem à tona das águas presentes misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1979, p. 59).

A força sobrenatural que recobre o poder de agir em benefício de indivíduos e de comunidades é sinal de que alguns indivíduos foram escolhidos. Isto é, que não são comuns, e sim, qualitativamente diferentes (GAETA, 1999)

Vivia com os pés rachados que chegava até a minar sangue (...) passei por vários médicos fazendo consultas, mas com os medicamentos que eles passaram nunca vi resultado, foi aí que eu fiz uma promessa a santa Filomena, pois para mim ela é uma santa, mesmo com os pés feridos consegui chegar aqui a pés, (...) minha fé era tão grande que estou curada (Doralice, 2014).

A crença no poder de cura do santo de devoção vai além da medicina. Para os devotos, muitas vezes a sua fé tem a capacidade de curar mais do que qualquer outro medicamento. As dores sentidas ao longo da caminhada para contemplar e agradecer ao santo de devoção se tornam pequenas. Neste momento, a fé é o guia dos devotos.

Os sacrifícios feitos pelos devotos como forma de agradecimento vão além do humano. O sacrifício até chegar ao local do martírio, as rezas feitas, a carta escrita que torna público o ato milagroso do santo, tudo isso faz parte de um ritual de fé. A relação dos devotos com Filomena é de uma alma protetora, que por seus bons atos na terra está mais perto do divino, sendo capaz de interceder a Deus por seus pedidos.

Eu, idosa, pernas fracas e mais ainda pelo susto, não consegui fazer nada naquele momento de aflição, a não ser me valer com as seguintes palavras: valei-me alma de Filomena! Peça a deus por mim nessa hora de aflição! Ao terminar essa frase, que fiz com muita fé, o boi deitou-se no chão (Mundinha, 2012).

Os milagres, as aparições, o sobrenatural, fazem parte do que Le-Goff, denomina o *mirabilia* ou maravilhoso. Que é definido como todo o imaginário que dá sentido a algo, gerando imagens e metáforas visuais. O maravilhoso no cristianismo está baseado nas crenças, textos, entre outros. Integrado assim, a identidade coletiva de determinados grupos. “Um das características do maravilhoso é, (...) o facto de ele ser produzido por forças ou seres

sobrenaturais”

É possível perceber nas narrações sobre como cada milagre aconteceu, a presença do sobrenatural. A forma como os devotos encaram o milagre faz parte do imaginário coletivo. Sendo assim, os milagres atribuídos a Filomena tomam nas narrações das cartas um caráter maravilhoso, ao combater uma doença, auxiliar em uma prova, ou levar um touro ao chão, como foi citado na carta acima. O ato do milagre e as narrações e de como ele aconteceu para os devotos são fatos produzidos por algo sobrenatural, caracterizando o maravilhoso conceituado por Le-Goff.

Maria do Carmo narra um milagre que aconteceu com seu pai a alguns anos atrás. Ao soltar fogos de artifício seu pai foi atingido nos olhos chegando a perder totalmente a visão:

Quando ele soltou o fogo, o fogo caiu em cima dele, ele ficou cego dos dois olhos, e minha vó contava e minha mãe também que Dr. Zé disse que ele ia ficar cego, o fogo queimou tudo. Antigamente lá no hospital tinha aquelas jarras que coloca água de barro e tinha num cantinho uma jarrinha dessa e minha vó todo dia chegava lá e ficava chorando (Maria do Carmo, 2023)

A família de Maria encontrava-se desesperada, pois, segundo a avaliação médica seu pai não iria voltar a enxergar. Logo sua avó resolveu fazer uma promessa a Filomena, a narradora conta que não sabe como a promessa foi feita, pois sua avó nunca contou. Esse cenário começou a mudar a partir de um sonho em que Filomena apareceu ao pai de Maria do Carmo:

Quando foi a noite, ele falou que quando olhou de lado viu uma luizinha subindo na parede, bem branca e desceu pro outro lado onde tava a jarrinha com água, quando desceu se formou uma mulher, quando olhou era ela, ele disse que encherrou ela aí disse que ela disse assim: tá vendo Francisco essa água que tá nesse potinho, você vai todo dia lavar os seus olhos com ela e não é pra derramar e você vai altar a enxergar (Maria do Carmo, 2023)

No quinto dia que Francisco lavou os olhos seguidamente como foi recomendado em sua visão com Filomena, o mesmo passou a enxergar. A visão de Francisco sobre Filomena remete ao encontro com o sobrenatural, uma visão, um sonho que para aquele que vivência não existe distinção entre o imaginário e o cotidiano. Nessas experiências com o sobrenatural, os seres divinos costumam ser iluminados (DE MELLO, 1986).

As manifestações milagrosas se dão por algo de “ordem diferente”, uma realidade que não pertence ao mundo que vivemos, materializadas em objetos que pertencem ao nosso mundo “natural”, “profano” (ELIADE, 1992).

5 FONTES ESCRITAS

Livreto sobre a História de Filomena acervo particular pertencente ao Diácono José Santana
Processo Crime disponível no acervo do Cartório 2º Ofício.

Devocionário de Santa Tereza pertencente a Filomena acervo particular pertencente ao Diácono José Santana.

Carta escrita por Filomena para sua mãe /Acervo particular pertencente ao Diácono José Santana.

Carta de Mauriany escrita em agradecimento a Filomena em 2008/ Acervo do Diácono José Santana.

Carta de Doralice escrita em agradecimento a Filomena em 2014. / Acervo do Diácono José Santana.

Carta de Mundinha escrita em agradecimento a Filomena em 2012. / Acervo do Diácono José Santana.

6 FONTES ORAIS

Francisca Delma, professora, aluna catequista de Filomena, entrevista concedida em 17/02/2022

Maria Auxiliadora de Lacerda, psicóloga, sobrinha de Filomena, entrevista concedida em 01/03/2022

Maria Lacerda, doméstica, cunhada de Filomena, entrevista concedida em 02/03/2022

Josefa Leite Romão, agricultora, devota de Filomena concedida em 13/05/2021.

Padre Ismael Vogas, Padre da Paróquia Sagrado Coração, de Jesus em Mauriti/CE, concedida em 09/06/2021.

José Santana, Diácono permanente da Paróquia de Mauriti, concedida em 26/10/2021.

Assussena Lacerda, servidora pública, sobrinha de Filomena, concedida em 01/04/ 2022.

Maria Auxiliadora Guimarães, agricultora, devota de Filomena, concedida em 01/03/2022.

Maria Gorete Alves Generoso, agricultora, devota de Filomena, concedida em 24/07/2022.

Francisca Vasques, professora, participante da Legião de Maria, concedida em 10/01/2023.

Maria do Carmo, doméstica, devota de Filomena, concedida em 07/01/2023.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi perceptível notar que Filomena era uma mulher do seu tempo. Atendendo aos padrões femininos que a sociedade estabelecia naquele período. Vinda de uma família conhecida na cidade, Filomena procurou trilhar seu caminho dentro da Igreja Católica, por sua devoção a religião e também como forma de prosseguir nos estudos. Em vida, Filomena era muito querida pela comunidade por sua dedicação a religiosidade. Dando aulas de catecismo às crianças. A sua morte trágica se tornou uma tragédia para todos, mas também se tornou o fio condutor de sua santidade.

Como foi observado, a santidade é uma construção. Não nos tornamos santos da noite para o dia. A partir da morte trágica de Filomena ela passa a ser vista como um ser que morreu injustamente. Para os devotos, sua alma deve estar em um bom lugar. As rezas por sua alma vêm enlaçadas por pedidos de intercessão, logo, vai se construindo uma dimensão de santidade.

A Igreja Católica ao estar presente na romaria reforça para os devotos essa santidade. Neste sentido, a narrativa do Igreja local mostra Filomena como um exemplo a ser seguido por sua benevolência e vida religiosa. Assim, a violência de gênero vai sendo esquecida para dar lugar a uma nova narrativa de santificação.

Após o acontecimento da graça, o devoto a torna pública por meio de cartas e outros ex-votos. Logo, o pensamento de crença não é somente de um indivíduo, mas de vários que, com seus relatos e memórias, vão contribuindo para o crescimento desta devoção.

Pesquisar sobre Filomena não foi fácil. Pois, construir fontes através da história oral exige muita dedicação. Para isso é necessário despertar para a sensibilidade de ouvir e interpretar o que está sendo narrado em palavras ou gestos. Ouvir os sujeitos que dão voz a narrativa de santidade sobre Filomena, permite entender os elementos que compõem sua santidade. Bem como, reunir questões subjetivas de cada narrador.

Os três capítulos reúnem um conjunto de fatores, memórias e discussões que ajudam a entender a história de Filomena de Lacerda, uma mulher entre muitas outras vítimas de violência. A sacralização de mulheres vítimas de morte trágica na região do Cariri Cearense revela a sensibilidade religiosa deste lugar, mas também a marca na violência de gênero.

Sua vida e sua morte revelam o peso do patriarcalismo presente em nossa sociedade. Ressaltando que a violência contra a mulher é um assunto que deve ser discutido e denunciado. Assim, histórias como a de Filomena servem de reflexão e resistência para combater este problema que ainda se faz presente nos dias atuais.

Diante do que foi observado penso que este estudo é apenas uma etapa dessa pesquisa. E que ainda existem muitas questões a serem analisadas e questionadas. Concluo que cada personagem que compõem a trajetória de Filomena revela também questões que podem ser analisadas particularmente. Como foi citado, são muitas as “Santas do Cariri” e essa questão abre um leque de possibilidades de pesquisa que podem ser analisadas em trabalho futuro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo—uma história do gênero masculino (Nordeste—1920/1940)**. 2ª Edição. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBUQUERQUE, Júnior; MUNIZ, Durval. **Nordestino: A invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió, Editora Cataventos, 2003.
- ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira et al. Quando o anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense. **O Araripe** (1855-1864). 2010.
- ALVES, D. R. **Decifrando o sagrado feminino: o assassinato e devoção a Maria de Bil em Várzea Alegre-CE**. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.
- ALVES, Daniele Ribeiro. **O feminino dilacerado e a “Santificação”**: Estudo sobre o assassinato e veneração a Maria de Bil em Várzea Alegre-Ce. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.
- ANDRADE, Maria Lucelia de. Uma Revista bem moderna e bem Cristã A Revista Maria entre o passado e o futuro (1915-1965). 2019.
- ANDRADE, Solange Ramos de. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008.
- BARRETO, P. L. B. **Educação e Santidade: As Representações do Feminino na Região do Cariri Cearense**. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. p. 20.
- BATISTA, Célio Augusto Alves. **Breve história dos municípios do Cariri cearense: fatos e dados**. Fortaleza: INESP, 2020.
- BEZERRA, Ana Caroline Felipe. **Mártir Francisca Maria do Socorro de Milagres/Ce: Devoção e usos da memória no século XXI**. (Monografia), Universidade Regional Do Cariri, URCA, 2017.
- BIAZOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de Senectute e outros escritos**. Rio de Janeiro. 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. TA, 1979. PA.59
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro Editora FGV, 2015.
- CAVALCANTI, N. de B.; BRITO, LT de L.; DE RESENDE, Geraldo Milanez. Em busca de água no Sertão do Nordeste. In: **Embrapa Semiárido-Artigo em anais de congresso**

(ALICE). In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CAPTAÇÃO E MANEJO DE ÁGUA DE CHUVA, 4. 2003, Juazeiro, BA. Anais... Juazeiro: ABCMAC; Petrolina, PE: Embrapa Semi-Árido, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

Cf. REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX, São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger. **Entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Gafhardo. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 2002.

CHAUÍ, M. (2003). Ética, política e violência. In: **Ensaio sobre violência** (pp. 39-59). Vitória: Edufes.

CORDEIRO, Pryscylla. ECCE EGO, MITTE ME: OS LAZARISTAS FRANCESES E O PROJETO ULTRAMONTANO NO CEARÁ (1864-1891). **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 14, 2015.

CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**. São Paulo: Alameda, 2011

DA SILVA, Fernando Leonel. **Morte, cruces e o bem lembrar no Sertão de Pernambuco**. Revista Eletrônica da Estácio Recife, v. 4, n. 1, 2018.

DAMATTA, Roberto. **Sobre comidas e mulheres**. Pensando em arte e a cultura, 2012.

DE ANDRADE, Solange Ramos. **A religiosidade católica e a santidade do mártir**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 37, n. 2, 2008, p.242.
DE BRUM LOPES, Marcos Felipe; MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. Retratos del Brasil contemporáneo: prácticas fotográficas en el siglo XIX y XX. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 4, n. 8, 2017.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Vozes, 2008.

DE MATOS, Maria Izilda Santos; SOIHET, Rachel (Ed.). **O corpo feminino em debate**. Unesp, 2003.

DE MELLO, Laura et al. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. Editora Companhia das Letras, 1986.

DE OLIVEIRA, Vanessa Oliveira Souza Eletherio; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira; DE TOMMASO, Wilma Steagall. **Maria Madalena nos textos apócrifos e nas seitas gnósticas**. Último Andar, n. 14, p. 48-59, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. História oral, v. 6, 2003.

DO CEARÁ, Governo do Estado. **Geopark Araripe: Histórias da Terra, do meio ambiente e da cultura.** Governo do Estado do Ceará, Secretaria das Cidades, Projeto Cidades do Ceará-Cariri Central, Crato, 2012.

DOS SANTOS, Cícero Joaquim. **O espaço da morte na tradição oral: o caso da Cruz da Rufina no sul do Ceará.**2010.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução: Rogério Fernandes. 1992.

ELIAS, Norbert; JUNGSMANN, Ruy; RIBEIRO, Renato Janine. O processo civilizador: uma história dos costumes. In: **O processo civilizador: uma história dos costumes.** 1994.

FALCADE, Neusa et al. **Coração de Jesus: história, cultura e teologia em torno de uma devoção religiosa.** 2010.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PINSKY, PEDRO. (org). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012. p. 241-277.

FARIAS, Zaíra Ary. **Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação.** Annablume, 2000.

FIGUERÊDO, Mary Hismênia Dantas de. **Memorial da História de Mauriti.** 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France,** pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Leya, 2014.

FREITAS, Idalina Maria Almeida de et al. **Crimes passionais em Fortaleza: o cotidiano construído nos processos-crime nas primeiras décadas do século XX.** São Paulo, Dissertação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

GAETA, Maria Aparecida JV. *Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira.* **Mimesis, Bauru,** v. 20, n. 1, p. 57-76, 1999

GINZBURG, Carlo. **O inquisidor como antropólogo.** Revista brasileira de História, v. 1, n. 21, p. 09-20, 1991.

GOIANA, Ivaneide Severo; DE QUEIROZ, Zuleide Fernandes. **Educação na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus: Um resgate histórico das Instituições Teresianas na região do Cariri.** Universidade Regional do Cariri–URCA, p. 1-12.

GONÇALVES, Cláudio Ubiratan. **A geografia do Ethos capitalista no Cariri cearense.** Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 223, p. 69-80, 2016.

GONÇALVES. Daniel Nunes. **Revista ‘A Cigarra’.** Vejasp, 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/revista-a-cigarra-disponivel-no-site-do-arquivo-publico-do-estado/>.

GUARIZA, Nadia Maria. **O movimento leigo na Igreja Católica no decorrer do século XX.** História Unisinos, v. 12, n. 2, p. 116-126, 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

HENEINE, Rafael Trindade et al. “**Cachimbo é catimbó e vice-versa**”: uma análise iconográfica do cachimbo e do ritual de jurema de chão. 2020.

HOORNAERT, Eduardo. **Eco-feminismo e Imaginário Cristão**. Mandrágora, v. 20, n. 20, p. 45-58, 2014.

HOUBRE, Gabrielle. Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/começo do século XX. In: DE MATOS, Maria Izilda Santos; SOIHET, Rachel (Ed.). **O corpo feminino em debate**. Unesp, 2003. Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 201-215.

LE GOFF, Jacques, **o Imaginário Medieval** .1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla Bassanezi (Ed.). **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2003.

MARTINS, William de Souza. Mártires, freiras, beatas penitentes e matronas caridosas: Modelos de santidade feminina na América Portuguesa (século XVIII). **Caderno Socioambiental**, p. 13-28, 2013.

MORAIS, Álvaro Dellano Rios. **Santa do povo**: comentários sobre a devoção à mártir Francisca de Aurora. Tese. 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21167> Acesso:17/02/2022.

MUNIZ, VANESSA APARECIDA. **As relações de gênero entre coronéis, concubinas e suas esposas na década de 1950 (Lages–SC)**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, 2015.

NOBRE, Edianne S. **Incêndios da alma**: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. 2014. 293 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado) – UFRJ/Instituto de História/Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2020

NOVA, Sebastião Vila. **A noção de cultura nas ciências sociais**. CUCHE, Denys. *Ciência & Trópico*, v. 28, 2000.

NOVAES, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo, Companhia das letras, c1997-1998.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p. 286-287

PAIVA, Eduardo França. **História e imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds, 2005.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 2013.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. Editora Contexto, 2014.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**. Rio de
- PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 14, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. **Um trabalho de relação**: observações sobre a história oral. *Revista Trilhas da História*, v. 7, n. 13, p. 182-195, 2017.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10318>. Acesso em: 25/02/2022
- REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. Companhia das Letras, 1991.
- RIEDL, Titus Benedikt. A morte transformada em vida: o caso da foto-pintura. **Revista Ângulo**, Lorena (SP), n. 109, p. 23–27, abr./jun. 2007.
- SAFFIOTI, Heleieth IB. Violência contra a mulher e violência doméstica. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora, v. 34, 2002.
- SAMPAIO, Alex Josberto Andrade. **A cova da Nêga**. 2010. Disponível em: <<http://blogdapontadaserra.blogspot.com.br/2010/03/110310-cova-da-nega.html>> Acesso em 24 de novembro 2021.
- SANTIROCCHI, Italo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização-Ultramontanismo-Reforma. **Temporalidades**, v. 2, n. 2, p. 24-33, 2010.
- SANTIROCCHI, Italo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: romanização-ultramontanismo-reforma. **Temporalidades**, v. 2, n. 2, p. 24-33, 2010.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos; SANTIROCCHI, Pryscylla Cordeiro Rodrigues. Os desafios para a universalização da congregação da missão no superiorato do padre jean-baptiste étienne (1843-1874). **Almanack**, 2021.
- SANTIROCCHI, Pryscylla Cordeiro Rodrigues. **Disciplina, Piedade e exemplo**. A congregação da missão e a formação de uma nova cultura clerical no Ceará. 2020.
- SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. **O corpo dos pecados**: as representações femininas nos reinos ibéricos. *Textos de História (UnB)*, v. 9, n.1/2, p. 13-30, Brasília, 2001.
- SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. 2012.
- SILVA. Francisca Sabrina Moraes; QUEIROZ. Zuleide Fernandes de. **No cariri b. Os referentes a violência contra mulheres, já concedeu a algumas o papel de santas**. 2017. Disponível em: http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1497909194_ARQUIVO_Artigo-SabrinaeZuleide.pdf Acesso:17/02/2022.

SILVA, Tatiana Olegário da. **“O povo fez sua santa, a igreja construiu a mártir”**: devoção à Benigna Cardoso em Santana do Cariri/CE. Monografia, Universidade Regional do Cariri URCA, 2019.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PINSKY, PEDRO. (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 362-400.

VAN DEN BERG, Irene. **Santos Locais cartografias das devoções no Rio Grande do Norte**. Mossoró-RN, EDUFRN, 2021.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, p. 188-191, 2003.

VIEIRA, Maria das Graças Araújo et al. **O Estranho e o Primo**: casamentos consangüíneos no Sertão do Vale do Piancó-PB. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

ANEXO A - CARTA ESCRITA POR FILOMENA A SUA MÃE EM MAIO DE 1975

Antônio Pereira 10-5-1975
 Minha Mãe, mãe
 Abençoada...

Tenho por meio da fantasma das notícias em este presente vou vivendo como Deus
 quer; Não tendo nenhum assunto, para, bem me
 explicar... Digo-lhe assim o meu capasso; a
 des-subir... Não, como a mãe de Babir; mais por
 Maria Santíssima; Mãe de Jesus; e nossa
 mãe; porque também é mãe da Igreja
 que abraça todos nós. Mãe, pela santidade que
 tenho em Nossa Senhora, que digo, mesmo
 que não sei quanto vai se passando em minha
 pobre vida, é permitido por Deus. Não fui
 ainda à Santa casa de mãe do céu,
 não foi falta de vontade minha; apeto
 para quando a Virgem Mãe de Deus; quiser
 quando chegar aqui; dando-me a notícia
 que Nossa Senhora chegará aqui dia 4
 deste; pois bem; a senhora, e minhas irmãs;
 lembrem-se de mim quando; bem vier
 também estar aqui; e quando do céu; mas;
 não se esqueça; Mãe, bem abençoada!!! tenha
 para mim todos nós; a sua inefável misericórdia
 alcançando de seu Divino Filho; paz, saúde e
 Salvação. Jesus, Maria, José

Filomena de Saavedra

ANEXO B - PARTES DO PROCESSO CRIME

EX. 95
0000 046.02950-1

ANO DE 1975

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO CEARÁ
COMARCA DE MAURITI

0000 046.02950-1

CARTÓRIO DO 2.º OFÍCIO

JUIZO DE DIREITO

O ESCRIVÃO
Francisco das Chagas Sampaio

SUBSTITUTO
Maria Berenice Alencar Sampaio

ESCREVENTES
Maria Tavares de Moraes
José Namir Fernandes Vieira

TÍTULOS : *Crimes de Homicídio*

AUTORES : *A Justiça Pública -*

REUS - *Manoel Marques da Moura e Antonia Bissonete*

VÍTIMAS : *Maria Vilomina de Moura*

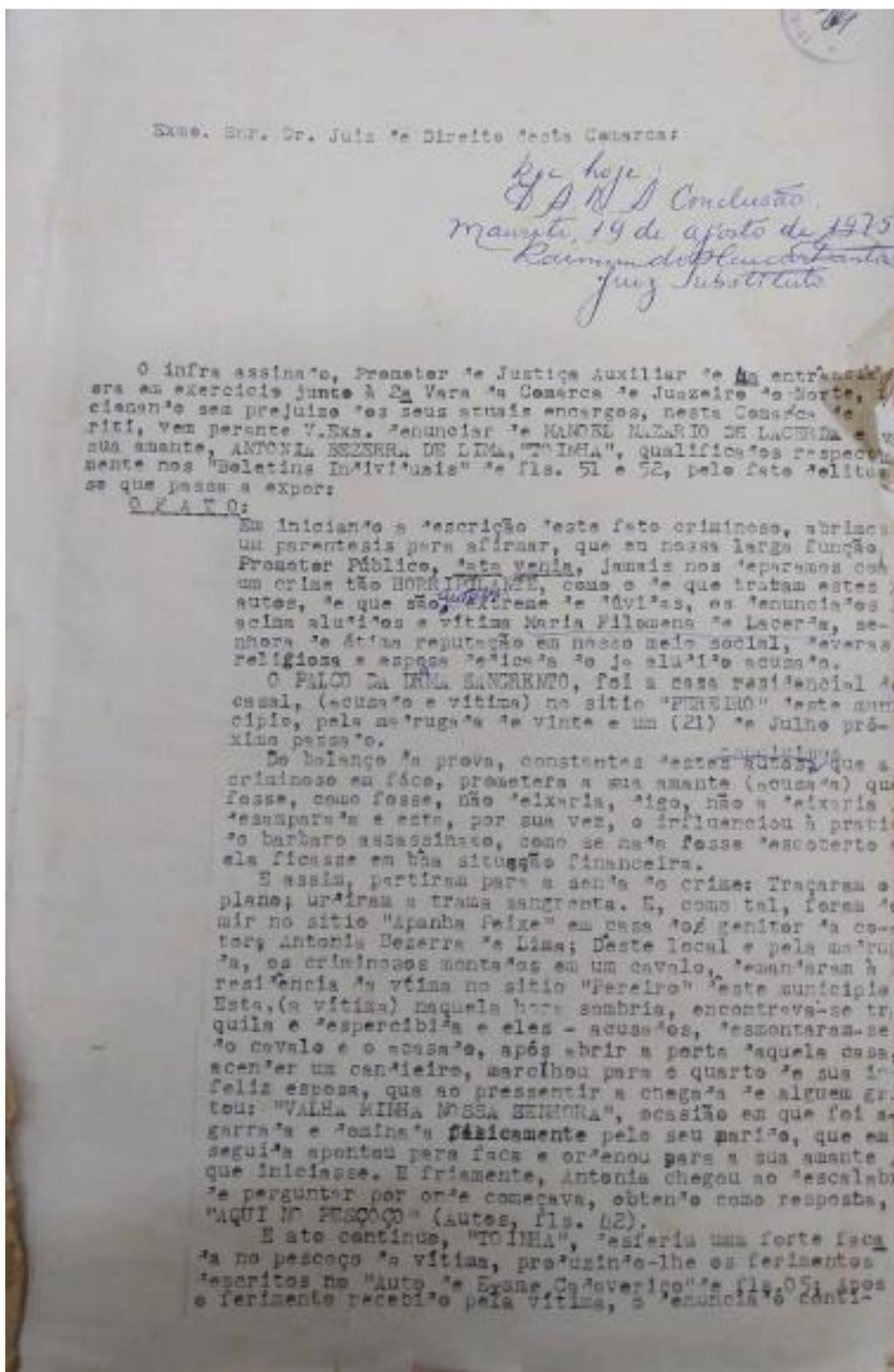
LEGADO:

AUTUAÇÃO

Aos *doze* dias do mês de *Agosto* do ano de mil novecentos e *setenta e cinco* da Era Cristã, nesta cidade de Mauriti, Estado do Ceará, República Federativa do Brasil, em meu Cartório cível e *petição de denúncia e Inquirição Policial* e demais documentos que adiante se vê do que fiz o ter lido.

Dou fé. Eu, *Francisco das Chagas Sampaio*, 2º Escrivão do Geral, datilografei e subscrevi.

ANEXO C - PROCESSO CRIME



ANEXO D - PROCESSO CRIME DECLARAÇÃO DE ANTÔNIA



TREMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA ANTONIA BEZERRA DE LIMA
 (Amante de Manoel Nazário)

Aos vinte e dois(22) dias do mês de julho do ano de mil novecentos e setenta e cinco (1.975), nesta cidade de Mauriti, Estado do Ceará, na Delegacia de Polícia, onde se achava o Sr. Miguel José Cavalcante, 1º Sargento PM, Delegado Especial, comigo, escrivão ad-hoc de seu cargo, pelas dezesseis horas, compareceu ANTONIA BEZERRA DE LIMA, brasileira, natural desta cidade, solteira, com 18 anos de idade, filha de Antonia Bezerra de Lima e Maria Martins de Moraes, doméstica, residente no Sítio "AFANHA PEIXE" deste município, sabendo apenas assinar o seu nome. Perguntada acerca do fato que motivou o presente inquérito, RESPONDEU: que desde a idade de quinze anos, foi iludida por Manoel Nazário e qual passou nada menos de seis meses lhe perseguindo até que uma certa vez, lhe convenceu a manter relações sexuais pela primeira vez na própria casa dos pais da declarante, porém ficando tudo incorbertado até esta data; que Manoel Nazário devido a convivência na casa dos pais da declarante, dormia vez por outra, ali vez que também tinha negócios e transações de gado com os pais da declarante; que num certo dia, Manoel Nazário levou uma queda de cima(cima)de um galho de arueira, o qual não resistindo, ficou o qual passou uns quatro dias sendo medicado na casa da família da declarante, onde naquela época a esposa de Manoel Nazário foi sabedora principalmente de que seu marido não restaria mais para a companhia dela; que numa outra vez, a declarante se encontrava no Café de Moraes nesta cidade, conversando com Manoel Nazário, quando ali chegou a esposa dele, a qual quando haviesteu a declarante, falou: "EI SUA COEHA VOCE QUER DESATAR O NÓ QUE JÁ ESTAR DADO"; no que a declarante respondeu que nunca tinha chamado Manoel Nazário para a casa de seus pais, e sim ele frequentava de livre e espontanea vontade; que desta data em diante a declarante ficou muito desgostosa e ficou ou melhor e procurou todos os meios para se livrar de Manoel Nazário, não encontrando; que Manoel Nazário em conversas prometia a declarante de que se sua mulher morresse primeiro, amparava a declarante, e se fosse ele primeiro, estavam todos os dois lascados; que a declarante nunca chegou a solicitar de dona Sebastiana sogra de José seu irmão, se a mesma sabia fazer catibó; que a respeito de casa de Revêlver de José Wilson Barbosa de Oliveira, efetivamente aconteceu porém em caso de brincadeiras, vez que naquela época Willame seu cunhado, andava met

(Continua).

ANEXO E - PROCESSO CRIME DECLARAÇÕES DE MANOEL NAZÁRIO

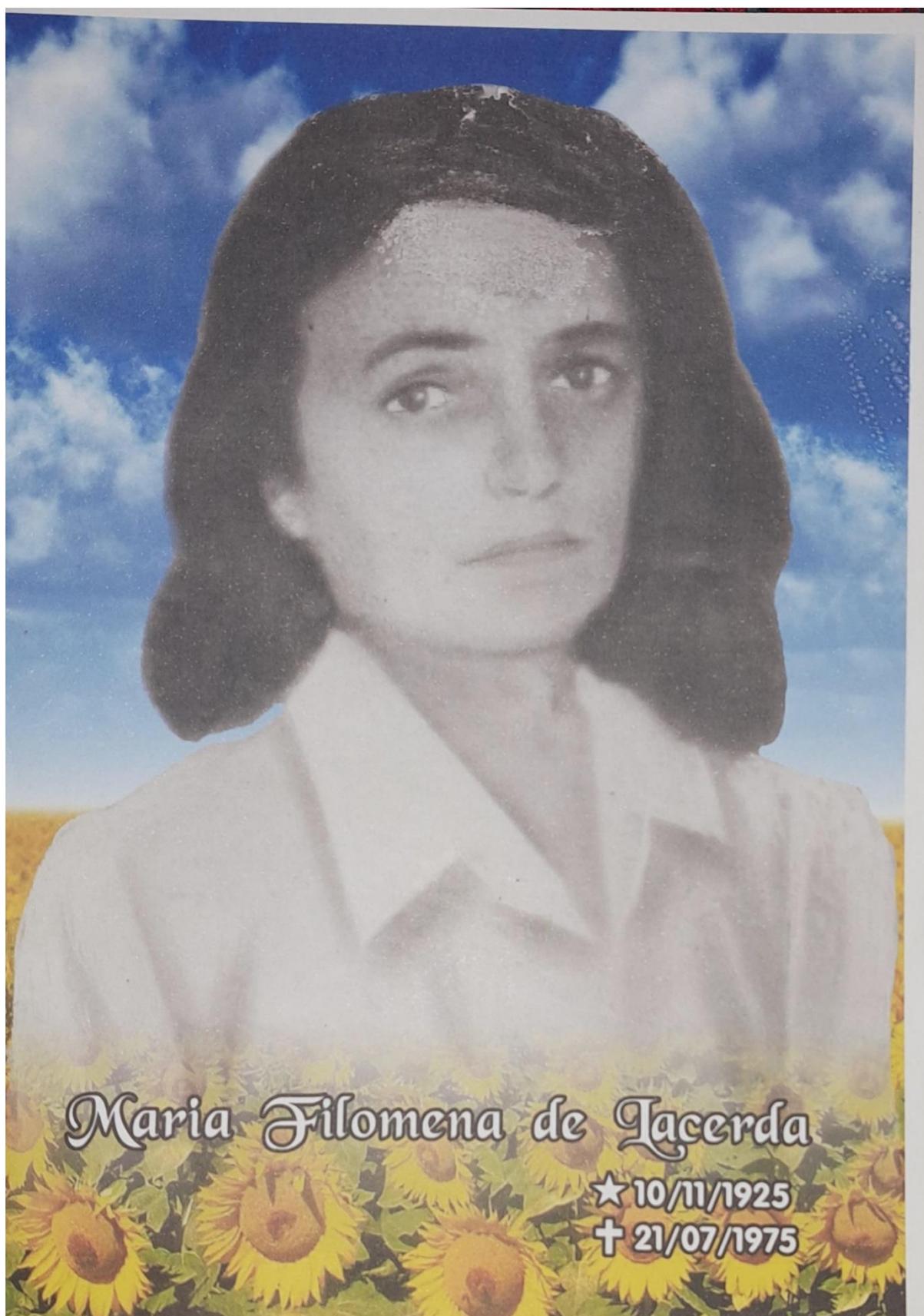
AUTO DE PERGUNTAS FEITA AO INDICIADO

Aos vinte e dois(22) dias do mês de julho do ano de mil novecentos e setenta e cinco (1.975), nesta cidade de Mauriti, Estado do Ceará, na Delegacia de Polícia, onde se achava o Sr. Miguel José Cavalcante, 3º Sargento PM, Delegado Especial, comigo, escrivão ad-hoc de seu cargo, compareceu o indiciado, ao qual foi feita as seguintes perguntas: Qual o seu nome, idade, naturalidade, estado civil, filiação, profissão, residência e se sabe ler e escrever. Respondeu chamar-se // MANOEL NAZÁRIO DE LACERDA, brasileiro, casado, natural de Condição // do Estado da Paraíba, com 53 anos de idade, filho de João Nazário de Lacerda e de Antonia Nazário de Lacerda, agricultor e pecuarista, // portador da Carteira de Identidade de nº 88.693, expedida pela Secretaria de Segurança Pública do Ceará, residente no Sítio " FERRÃO " // deste município, sabendo ler e escrever.

Perguntado acerca do fato que motivou o presente inquérito e se // tem algum motivo para alegar em favor de sua defesa, RESPONDEU: que // recorda de vinte e dois anos o declarante vivia casado com a senhora // Maria Pilonena de Lacerda, sua prima segunda; que desde concebia /// nunca nasceu um filho; que a mesma anteriormente fora operada por // quatro vezes seguidas, quando ficou desenganada de que o sangue // dela não se unia com o do declarante, razão porque não produzia fi- // lho; que assim que se casou o declarante ficou morando na sua fazenda // localizada no sítio onde reside; que ao cabo de quatro anos, comprou // uma casa na cidade e depois de reformá-la ficou residindo na cidade, // até quando em 1.958, morava em companhia do sogro, resolveu morar na // sua casa própria localizada por trás da matriz desta cidade; que fe- // vereiro último a esposa do declarante desejou ir passar o inverno em // sua propriedade no plano de morar até em maio último; que ficando cer- // te dela continuar até o final do ano, o declarante achou por bem de a- // lugar sua casa aqui da cidade; que no sítio, a esposa do declarante // não queria morar na casa principal da fazenda, de vez que morava já // // na cuspadeira, razão porque moravam numa casa pequena e um pouco afan- // // tada para as fins do terreno; que realmente a casa onde morava o de- // // clarante e sua esposa era bastante deteriorada, mais o declarante // // morava lá apenas para satisfazer os gostos de sua esposa que não que-

(Continua).

ANEXO F - CAPA DO LIVRETO DE CONTA A HISTÓRIA DE FILOMENA



ANEXO G - PÁGINA 01 DO LIVRETO**HISTÓRIA DE VIDA**

ja
Maria Filomena de Lacerda nascida a 10 de Novembro de 1925, no Sítio Pereiros, em Mauriti, no Estado do Ceará, filha do Senhor João Augusto de Lacerda e Maria Augusta de Lacerda; menina simples e modesta, muito dedicada às coisas de Deus. Era grande devota de Maria Mãe Imaculada Conceição todos os dias ao levantar cantava o ofício da Imaculada Conceição, sua voz doce e meiga deixava os nossos corações transbordando de alegria ao ouvi-la cantar com tamanha fé. O ofício das almas era rezado todas as segundas com toda a família, tinha o rosário com um escudo de proteção e ao final de todas as suas orações invocava Jesus, Maria e José.

Saindo da companhia de seus pais, somente quando foi obrigada a estudar, indo para o Colégio Interno das Filhas de Santa Tereza de Jesus em Crato, anos em que esta se encontrava em companhia de religiosas, habituada e dedicada aos costumes, das mesmas, percebeu a sua vocação religiosa. Pediu então permissão a seus pais para ser uma religiosa da mesma Congregação. A permissão foi dada; a mesma ficou muito contente, e se entregou de corpo e alma a sua Mãe do Céu; quando ainda em companhia das religiosas, ela escreveu estes dizeres: "Mãe do céu, guardai-me nas dobras do seu Manto... Sua filha Maria Filomena. Salve 15 de agosto de 1945 - Crato-Ceará".

Maria Filomena de Lacerda chegou a ser Postulante da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, desistindo logo após por motivo do seu casamento já com o Senhor Manoel Nazário de Lacerda, seu primo. Da sua união com o mesmo, já depois de seus 25 anos de casados, por causa de uma amante, ele tirou a vida de sua esposa Maria Filomena. Não sei se foi plano de Deus ou ironia do destino, o certo é que não houve filhos. Ela dedicou toda a sua vida a serviço de Deus. Por ainda se encontrar, acesa e ardente do desejo de servir ao Pai.

Sua missão foi catequizar, ora na cidade (Mauriti), ora no Sítio (Pereiros), quando lá se encontrava. Passou a vida em completa simplicidade e na maioria das vezes, sozinha, mais sempre dizia: "Eu não estou só, o meu Pai do Céu está sempre comigo". Seu esposo não lhe dava a atenção necessária, para aumentar o seu sofrer, este arranjou uma amante, morando no caminho de sua morada, no Sítio Pereiros. Maria Filomena veio então passar uma temporada na sua casa na rua (Mauriti), para se encontrar mais perto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, nossa Padroeira.

Por tanto os comentários a respeito do caso do seu esposo muito a incomodava; pelo fato de ela ignorar tais comentários a respeito do caso, resolveu morar no Sítio Pereiros, pois lá ela não via, não ouvia e nem dizia ... Foi para o Sítio Pereiros, onde há 21 de Julho de 1975 foi assassinada; lá morava num casebre, onde hoje é a Capela, até os últimos suspiros de sua vida.

ANEXO H - PÁGINA 02 DO LIVRETO

Tendo ela apenas 26 (vinte e seis) anos de casada, quando foi assassinada. Sua vida foi totalmente retraída sem luxo; portanto com simplicidade e pobreza. Aqui nesta Capela, bem em baixo desta Cruz, jaz o sangue vivo e puro, de Maria Filomena de Lacerda, que pela justiça do crime injusto, pede perdão.

Seu corpo foi enterrado no Cemitério do Coité Mauriti - Ceará, por lá haver um túmulo destinado a sua família, construído por seu pai quando ainda em vida embora ela houvesse dito, que gostaria de ser enterrada, onde ela morresse, não pensando ela, em um drama como este... Mas... Os bons não morrem, partem para a verdadeira vida. Esta certeza nos ajuda a suportar o vazio da sua ausência.

Eternas Saudades dos seus entes queridos

Jesus, Maria, José (JMJ)

Em 13 de março de 1997

ELJ Bezerra. Maria Auxiliadora de Lacerda - Cyla

Maria Auxiliadora de Lacerda - Visita em 08/03/03 (Agradecimento de graça alcançada)

José Fenandes Ferreira

Alberta Sinhá de Sousa

Maria Airla da Silva

Dudu M. de O.

José Júnior de Lacerda

Auxiliadora Leite Guimarães

Maria Auzelite Alves dos Santos

Tavares

Salette Furtado de Oliveira

Nascimento

Maria Alefia da Silva Cunha

Alex de Sousa Silva

Maria Nomesia Pereira de Sousa

Fátima Pimenta

Francisca Bemardino da Silva

Barbosa

Luciana da França Pereira

Maria Dezinha de Oliveira

Rafael Lacerda

José de Lacerda Guimarães

Maria Edilânia Feutodo de

Sousa

Francisca Mônica do Nascimento

Silva

Francisca Ednete Sousa

Silva

Antonio Alan de Sousa Silva

Sinval Furtado Leite

ANEXO I - PÁGINA 03 DO LIVRETO

O CRIME NÃO COMPENSA

- UM DRAMA SANGRENTO
- UM CRIME
- DOIS CRIMINOSOS
 - UM UXORICIDA E
 - UMA AMANTE DESTES
- UMA VÍTIMA

QUEM É ELA?



**O SEU SANGUE
PEDE PUNIÇÃO
JUSTIÇA E À LEI!**

A vítima é:

MARIA FILOMENA DE LACERDA, filha de João Augusto de Lacerda e Maria Augusto de Lacerda, era casada com Manoel Nazário de Lacerda, seu primo legítimo, filho de João Nazário de Lacerda e Antônia Nazário de Lacerda.

ANEXO J - TESTEMUNHO DE GRAÇA ALCANÇADA

Testemunho

Venho dar testemunho de uma das muitas graças alcançadas pela interseção de Santa Filomena, me chamo Maurianny e tomei conhecimento da Santa através da minha mãe que sempre me ensinou e incentivou a rezar e pedi a interseção dos santos.

Em um período da minha vida em que precisava da graça de Deus pois iria prestar vestibular e estava muito preocupada com as provas, dai minha mãe (Selma) me falou sobre Santa Filomena e disse ainda de uma graça que havia recebido por intermédio dela no qual ela se encontrava aflita porque iria fazer uma prova da escola e tinha que passar por que senão ela perderia o ano, então ela decidiu recorrer à interseção da Santa, pois ela tinha sido sua professora de catecismo enquanto criança e sabia de sua bondade, generosidade, caridade e amor que tinha em ajudar o próximo.

Assim sendo a graça foi concedida e como forma de agradecimento minha mãe se dirigiu a plantação (roça) do meu avô em pleno meio dia agradecer pela graça alcançada conforme havia prometido e assim foi feito.

Diante deste relato também me vali de Santa Filomena, pedindo sua interseção nas provas que iria fazer do vestibular, pois já tinha tentado uma vez e não havia conseguido passar, e eu não queria mais fazer cursinho preparatório porque era caro e meus pais não tinham condições e eu me encontrava muito preocupada com tudo isso.

Pedi com muita fé a interseção de Santa Filomena e pela vontade de Deus e pela sua interseção a graça foi concedida e consegui passar em todas as provas de todas as faculdades que prestei vestibular e como forma de agradecimento deixei em sua humilde, porém acolhedora capela todas as canetas e lápis que fiz uso durante a realização das provas e sempre que vou a Mauriti, visito sua capela e rezo em agradecimento pela graça concedida como havia prometido.

ANEXO K - TESTEMUNHO DE GRAÇA ALCANÇADA

Santa Filomena

Aqui estou para agradecer
A graça alcançada, e ao mesmo
tempo pedir, paz, Felicidade, Amor
saúde, não só para minha família
e sim para o mundo inteiro

Que nunca nos falte o pão nem a saúde
E que vos os guie, todos os seres humano
pois os mesmos não sabem a onde ir
Encarecidamente agradeço Socorro Martins
obs: Dai vos força a Eliane para que ela
vença esta batalha da melhor forma possível

Francisca Zulvan de

~~Francisca~~

Sítio Cajueiro

Maria de Fatima Pinheiro da Costa 78 anos

Gleide Maria Pinheiro da Costa 13 anos

Maria Nazinha Pinheiro da Costa 56 anos

Maria de Fatima Pinheiro da Costa (visita - promessa)

Maria Selma Gomes Costa (visita, promessa) 28-01-90

Gleide Maria Pinheiro da Costa (visita, promessa) 28-01-90

Maria Simone Pinheiro da Costa (visita - promessa). 28/01/90.

ANEXO L - TESTEMUNHO DE GRAÇA ALCANÇADA

Testemunho.

No dia 06-07 de 2012, a minha irmã Neomisa, conhecida mais por Misa, contou-me que tinha feito uma mamografia e o médico atestou que tinha 50/100 de chance da mesma estar com câncer. Como esta doença tem o poder de aterrorizar as pessoas, ela estava muito triste e eu também. Neste mesmo período Pe Antônio avisou que ia ter uma comunhada para o local em que a senhora Filomena havia sido morta. Logo pensei em ir e pedi a N. Senhora, pois sou devota de N. Senhora e tudo que pedo a Jesus é por intermédio da mãe Dele, pois se torna mais fácil quando a mãe pede ao filho. Pedi a N. Senhora e a alma da Senhora Filomena, intercedesse a Jesus para que a minha irmã não tivesse com câncer. A mesma foi a Fortaleza e fez outros exames, inclusive a biópsia e o exame deu negativo. Não foi necessário fazer a cirurgia, pois a mesma não estava com câncer.

Contei a Pe Antônio o fato, pois eu tinha pedido a intercessão de N. Senhora. Ele falou que eu também tinha lembrado da alma da Senhora Filomena. Por isto estou agradecendo

ANEXO M - ENTREVISTA COM A SOBRINHA DE FILOMENA: MARIA AUXILIADORA DE LACERDA



**ANEXO N - ZELADORA DA CAPELA DE FILOMENA: MARIA AUXILIADORA LEITE
GUIMARÃES**



ANEXO O - CUNHADA DE FILOMENA: MARIA LACERDA GUIMARÃES (SOCORRO LACERDA)



ANEXO P - DEVOTA DE FILOMENA: MARIA DO CARMO

